

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE BORGES GUIMARÃES

UM OUTRO OLHAR SOBRE MARK FISHER:
SINGULARIDADE E EXPERIMENTAÇÃO NOS SUBTERRÂNEOS DE SUA OBRA

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Pedro Henrique Borges Guimarães

3. Título do trabalho

UM OUTRO OLHAR SOBRE MARK FISHER: SINGULARIDADE E EXPERIMENTAÇÃO NOS SUBTERRÂNEOS DE SUA OBRA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ulisses Do Valle, Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Henrique Borges Guimarães, Discente**, em 27/02/2026, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5976824** e o código CRC **12B743BB**.

PEDRO HENRIQUE BORGES GUIMARÃES

**UM OUTRO OLHAR SOBRE MARK FISHER:
SINGULARIDADE E EXPERIMENTAÇÃO NOS SUBTERRÂNEOS DE SUA OBRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História.

Orientador: Prof^o Dr^o Ulisses do Valle

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Guimarães, Pedro Henrique Borges
UM OUTRO OLHAR SOBRE MARK FISHER [e-book]: SINGULARIDADE
E EXPERIMENTAÇÃO NOS SUBTERRÂNEOS DE SUA OBRA / Pedro Henrique
Borges Guimarães. - 2026.
XCI, 91 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Ulisses do Valle
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2026.
Bibliografia.
Inclui: siglas, lista de figuras.

1. Mark Fisher. 2. Aceleracionismo. 3. Materialismo Gótico. 4. CCRU. 5.
Teoria-ficção.

I. Valle, Ulisses do, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **008/2026** da sessão de Defesa da **Dissertação** de **PEDRO HENRIQUE BORGES GUIMARÃES**, que confere o título de **MESTRE em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis**, a partir da(s) **09h00min**, em **formato híbrido** (por videoconferência e na Sala de Defesas do PPGH - Prédio de Humanidades I), realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **“UM OUTRO OLHAR SOBRE MARK FISHER: SINGULARIDADE E EXPERIMENTAÇÃO NOS SUBTERRÂNEOS DE SUA OBRA”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Ulisses do Valle (PPGH/UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Manoel Gustavo de Souza Neto (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Luiz Sérgio Duarte da Silva (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Ulisses do Valle**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Sergio Duarte Da Silva**, **Usuário Externo**, em 27/02/2026, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ulisses Do Valle**, **Professor do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Nicolini**, **Vice-Coordenador de Pós-Graduação**, em 27/02/2026, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5976794** e o código CRC **D63B394A**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um percurso que contou com o apoio de diversas pessoas. A todas aquelas que, de forma direta ou indireta, compartilharam ideias, dividiram desafios e contribuíram para a viabilidade desta pesquisa, expresso meus mais profundos agradecimentos.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Ulisses do Valle, pela confiança depositada nesta proposta, pelos conselhos sempre valiosos e, sobretudo, por incitar, em cada aula e orientação, reflexões imprescindíveis.

Aos membros da banca de qualificação, estendo meu reconhecimento. Ao Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva, pelas provocações que despertaram em mim um renovado interesse pela interpretação e pelo pensamento. Ao Prof. Dr. Manoel Gustavo de Souza Neto, cujas sugestões em uma única tarde reverberaram por meses, revelando uma convergência intelectual fundamental para o amadurecimento deste texto.

À minha querida Universidade Federal de Goiás (UFG), expresso meu mais profundo reconhecimento. Mais do que uma instituição de ensino, a UFG proporcionou o ambiente intelectual e a infraestrutura necessários para que esta pesquisa florescesse, reafirmando-se como espaço indispensável de produção de conhecimento, promoção da cultura e formação humana.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado, viabilizando a dedicação necessária no esforço da pesquisa.

Aos queridos amigos Jhonata Arantes, João Souza, João Felipe Arantes e Rafael Fallone, agradeço pela companhia fraterna e sincera. A amizade de vocês foi essencial para atenuar o isolamento da escrita, transmutando o peso da pesquisa em momentos de leveza e renovando minha disposição a cada etapa deste percurso.

Aos administradores e mantenedores das bibliotecas digitais Anna's Archive, Z-Library e LibGen, meu reconhecimento. Em um cenário de crescentes barreiras ao conhecimento, o trabalho desses coletivos foi fundamental para possibilitar o acesso democrático à bibliografia necessária para a construção desta pesquisa.

Por fim, dedico este trabalho à minha mãe, Silma Maria de Jesus. Nenhuma palavra nestas páginas seria possível sem o seu amor incondicional e o seu apoio inabalável. Ela foi o alicerce nos momentos de incerteza e a força que me impulsionou a seguir adiante. A ela,

dedico não apenas esta dissertação, mas toda a minha gratidão por ser o meu exemplo de perseverança e o porto seguro de todas as minhas conquistas.

RESUMO

Esta dissertação investiga a trajetória intelectual de Mark Fisher (1968-2017), centrando-se na sua produção inicial e nas raízes experimentais do seu pensamento. A pesquisa parte da premissa de que a recepção brasileira, ao consolidar uma leitura prioritariamente focada na *práxis* política e na crítica ao neoliberalismo, marginalizou os escritos de juventude do autor, os quais denotam uma potência teórica e experimental distinta daquela verificada em sua fase de maior visibilidade. Sob a lente da História Intelectual, o trabalho desenvolve-se a partir da análise da recepção crítica de Fisher no Brasil e a construção de seus significados. Adiante, examinamos sua atuação na Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética (CCRU), incluindo a produção musical e o debate sobre o aceleracionismo. Por fim, voltamos o olhar para sua tese de doutoramento, *Flatline Constructs* (1999), com foco nos conceitos de Materialismo Gótico e Teoria-Ficção. Conclui-se que o pensamento inicial de Fisher, em distinção da imagem de incipiência gestada na recepção, conforma um espaço de experimentação decisivo para seu projeto filosófico e para as nuances de sua crítica da cultura contemporânea.

Palavras-chave: Mark Fisher; Aceleracionismo; Materialismo Gótico; CCRU; Teoria-Ficção.

ABSTRACT

This dissertation investigates the intellectual trajectory of Mark Fisher (1968-2017), focusing on his early production and the experimental roots of his thought. The research is based on the premise that the Brazilian reception, by consolidating a reading primarily focused on political praxis and the critique of neoliberalism, marginalized the author's early writings, which exhibit a theoretical and experimental potency distinct from that seen in his phase of greater visibility. Through the lens of Intellectual History, the study develops from an analysis of Fisher's critical reception in Brazil and the construction of its meanings. Subsequently, we examine his involvement in the Cybernetic Culture Research Unit (CCRU), including musical production and the debate on accelerationism. Finally, the study turns its attention to his doctoral thesis, *Flatline Constructs* (1999), focusing on the concepts of Gothic Materialism and Theory-Fiction. It is concluded that Fisher's early thought, contrary to the image of incipience fostered by its reception, constitutes a decisive space of experimentation for his philosophical project and for the nuances of his critique of contemporary culture.

Keywords: Mark Fisher; Accelerationism; Gothic Materialism; CCRU; Theory-Fiction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Atividade no “Panorama Hall” durante a Virtual Futures 95	49
Figura 2 — Mark Fisher, Kodwo Eshun, Anjalika Sagar e Steve Goodman	53
Figura 3 — Matéria sobre a D-Generation na Melody Maker, em 1994	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBC – British Broadcasting Corporation

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCRU – *Cybernetic Culture Research Unit* (Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética)

CFP – *Current French Philosophy*

EP – *Extended Play*

EUA – Estados Unidos da América

FC – *Flatline Constructs*

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IAG – Inteligência Artificial Geral

ISSN – *International Standard Serial Number*

MTV – Music Television

NHS – National Health Service

NME – New Musical Express

OMS – Organização Mundial da Saúde

RCP – *Recent Continental Philosophy*

RP-9 – Identificador de Resultado Primário 9

SUS – Sistema Único de Saúde

VF – *Virtual Futures*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A ESTREIA DE FISHER SOB OLHOS BRASILEIROS.....	24
2. ACELERAÇÃO, MÚSICA E PÓS-MODERNIDADE NA UNIDADE DE PESQUISA EM CULTURA CIBERNÉTICA (CCRU).....	45
2.1. Ritmos da Desintegração: Batidas Sintéticas e Estagnação Cultural.....	56
2.2. Terminator versus Prometeu: Sentidos do Aceleracionismo.....	64
3. MATERIALISMO GÓTICO E TEORIA-FICÇÃO CIBERNÉTICA EM MARK FISHER.....	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	85

INTRODUÇÃO

I

Mark Fisher (1968-2017) é um curioso personagem da história recente. O crescente interesse público em torno de seu nome contrasta com o pouco distanciamento temporal desde a aurora de suas ideias. Seus primeiros escritos, datados da metade da década de 1990, bem como seus livros, cujo primeiro não completa duas décadas desde seu lançamento, já conjuram um leque conceitual amplo e multifacetado. O principal elemento desse conjunto de ideias é sua categoria de realismo capitalista, identificada como a aceitação generalizada de que não há alternativa ao capitalismo.

Esse pensador britânico, em sua produção teórica, analisou a colonização da consciência e do inconsciente pela cultura neoliberal. Observou então que o paradigma dominante de organização das economias de mercado instituído ao fim dos anos 1970, junto à sua suma ideológica, mantém-se de pé suprimindo no imaginário coletivo quaisquer perspectivas de uma alternativa societária distinta. Em suas palavras: “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (FISHER, 2020, p. 10). Demonstrações disso estão em toda parte, dos discursos de Thatcher às páginas de Fukuyama.

Fisher também observou as novas relações entre o sofrimento psíquico e a dominação de classe. Sob sua percepção, patologias como o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade estariam intimamente ligadas ao capitalismo tardio, na medida em que os hipermodernos dispositivos tecnológicos e midiáticos, rodeados de circuitos de entretenimento-controle, fazem parte da nova paisagem sociológica. Estes produzem no sujeito uma “interpassividade ansiosa e agitada; uma incapacidade em concentrar-se ou manter o foco” (FISHER, 2020, p. 47). Ao analisar a maneira com que os transtornos psicológicos vêm sendo tratados como desequilíbrios químicos neurológicos no indivíduo, uma questão privada, sem abertura para se pensar as causas sociais sistêmicas, o teórico pôde compreender a inter-relação entre o adoecimento mental e a apatia política coletiva.

De frente para seu tempo histórico, avaliou a forma com que a racionalidade política das sociedades de consumo, das formas desregulamentadas do trabalho na era pós-fordista, do esvaziamento dos governos frente ao poder econômico, transformou-se em subjetividade política, conformando um quadro emocional de estresse, sobrecarga e depressão que

degradam a própria experiência interpessoal de apreensão do tempo e formação de memórias¹. O sentimento coletivo de que as coisas estão ruins, mas não há nada que se possa fazer, de que tudo seguirá da forma que está, produz um dos fenômenos com os quais Fisher mais se preocupou: a crise da historicidade, a sensação de estagnação e de impossibilidade de surgimento do novo nos fenômenos artísticos e culturais. Representativo disso seriam as manifestações da cultura pop do século XXI, impregnadas de uma tendência ao pastiche e ao retrô (FISHER, 2022, p. 32).

Esse filósofo e crítico da cultura foi, então, alguém profundamente atento às novas dinâmicas sociológicas do sofrimento, especialmente o psicológico. Mediante a isso, é contrastante que Mark Fisher, alguém com uma visão tão clara do aspecto social da depressão, das formas de “privatização do estresse” e do projeto político deliberado de sufocamento da esperança na transformação histórica, tenha tirado a própria vida. No início de 2017, Fisher cometeu suicídio, tendo enfrentado antes uma luta crônica contra a depressão, que corajosamente discutiu em sua obra.

Sofro intermitentemente de depressão desde a adolescência. Alguns desses episódios foram profundamente debilitantes – resultando em automutilação, isolamento (quando passava meses confinado em meu próprio quarto, aventurando-me a sair apenas para procurar emprego ou para comprar as quantidades mínimas de comida que consumia), e visitas frequentes a enfermarias psiquiátricas. [...]No meu caso, a depressão sempre esteve conectada à convicção de que eu literalmente não prestava para nada (FISHER, 2020, p. 137-138).

O suicídio de Fisher é de tão notória importância para a compreensão de sua obra quanto é a soma de sua produção teórica sobre o mal-estar social e o adoecimento psíquico. Partindo do primeiro tópico, destaca-se que Fisher jamais evitou revelar sua condição pessoal de permanente enfrentamento e convivência com a depressão, abordando esse tema em diversos de seus escritos. Quando, no dia 13 de janeiro de 2017, Fisher foi encontrado sem vida em sua casa em Felixstowe, um enorme pesar acometeu sua família e a comunidade acadêmica que o cercava. No relatório divulgado pelo noticiário local, o *Ipswich Star*, sua esposa, Zoe Fisher, relata ter acompanhado o marido na procura por tratamento psiquiátrico nas semanas que antecederam sua morte, tendo apenas conseguido uma ligação telefônica

¹ A esse tipo de subjetividade política Fisher chamou “impotência reflexiva” (FISHER, 2020, p.43): uma internalização da impossibilidade de mudança manifesta na consciência crítica sem ação, e na naturalização do fracasso político em conceber alternativas reais ao sistema capitalista. Fisher pensou o caso especificamente observando a juventude britânica com quem conviveu enquanto professor no começo dos anos 2000.

para discutir um encaminhamento². Apesar de um quadro de acentuada deterioração psicológica desde meados do ano anterior, que teria levado Fisher à internação no hospital de Ipswich por suspeita de overdose em dezembro de 2016, o relato de Zoe narra que Mark, em ligação com seu médico familiar, teria atestado não precisar de tratamento. Zoe, ao fim, destaca que as reformas, mudanças e instabilidades no NHS³ dificultaram o acesso de Mark a um tratamento apropriado.

Segundamente, não se pode desconsiderar que a experiência individual de Fisher não esteja atrelada aos fenômenos sociais que ele analisou com agudeza. Sua noção de sofrimento psíquico, enquanto elemento endêmico nas sociedades capitalistas, perpassa fundamentalmente sua veemente denúncia da tendência cultural à “individualização” de transtornos psicológicos que têm causas eminentemente sociais:

A ontologia hoje dominante nega a possibilidade de que enfermidades psicológicas tenham uma possível origem de natureza social. Obviamente, a “bio-quimicalização” dos distúrbios mentais é estritamente proporcional à sua despolitização. Considerá-los um problema químico e biológico individual é uma vantagem enorme para o capitalismo (FISHER, 2020, p. 66-67).

Fisher é um dos mais notáveis intérpretes de sua conjuntura histórica da formação e difusão do neoliberalismo no Reino Unido, e posteriormente ao redor do globo. Esse modelo de organização das economias de mercado é, assim, um dos panos de fundo mais imprescindíveis de sua produção teórica. Em sua trajetória, foi professor da rede de ensino continuada britânica no momento de ascensão do projeto governamental do Novo Trabalhismo, encabeçado por Tony Blair, que, mesmo sendo simbolicamente um antípoda do thatcherismo, concretamente optou por coroar as políticas da *dama de ferro*, mantendo todas as privatizações das empresas públicas, aprofundando a financeirização da economia, reduzindo o papel do investimento público e produzindo assim uma versão matizada da governança neoliberal.

A vinculação dessa análise de conjuntura, de entornos macroscópicos, com a temática da depressão, sobre a qual esse pensador escreveu e vivenciou, é perceptível em Fisher por meio daquilo que se reconhece entre seus comentadores (GALVÃO, 2022, p. 12) como um dos grandes eixos de sua obra, a saúde mental. Sua convicção era de que os discursos de “meritocracia” e seus correlatos, como o desenvolvimento pessoal e a lógica de “empresário

² IPSWICH STAR. *Renowned writer and K-Punk blogger Mark Fisher from Felixstowe took own life after battle with depression.* Disponível em: <https://www.ipswichstar.co.uk/news/22060765.renowned-writer-k-punk-blogger-mark-fisher-felixstowe-took-life-battle-depression>. Acesso em: 2 nov. 2025.

³ *National Health System (NHS)*, o sistema de saúde público do Reino Unido.

de si mesmo” constituem ferramentas da ideologia neoliberal para a não responsabilização do capitalismo pela realidade concreta de que 450 milhões de pessoas no mundo conviviam com algum tipo de adoecimento psicológico em 2009⁴, ano em que Fisher publica sua obra *Realismo Capitalista*. Nesta esteira, suprime-se também o debate sobre a prevenção e combate a esse problema social através de mecanismos estatais, como salário mínimo, benefícios de seguridade social, acesso universalizado à saúde, etc. A análise de Fisher sobre a saúde mental é robusta e desenvolve-se para muitas outras temáticas, mas como uma de suas mais relevantes intervenções prognósticas e propositivas está a necessidade de “politização da saúde mental”.

A depressão coletiva é o resultado do projeto da classe dominante de ressubordinação. Há algum tempo, temos cada vez mais nos resignado à ideia de que não somos o tipo de pessoa que pode agir. Esta não é uma falha de vontade individual, da mesma forma que uma pessoa deprimida não pode simplesmente sair da depressão em um “estalar de dedos” ao “arregaçar as mangas”. A reconstrução da consciência de classe é, de fato, uma tarefa formidável, que não será alcançada com soluções prontas e fáceis. Mas, ao contrário do que nossa depressão coletiva nos diz, é uma tarefa que pode ser realizada: inventando novas formas de envolvimento político, revitalizando instituições que se tornaram decadentes, convertendo o descontentamento privatizado em raiva politizada. Tudo isso pode acontecer, e, quando acontecer, quem sabe o que será possível? (FISHER, 2020, p. 141).

O período histórico da ascensão do neoliberalismo é o momento em que Fisher cresce e forma-se enquanto intelectual, assistindo o descenso das lutas sociais, com os últimos suspiros do moribundo regime fordista de organização da economia de mercado no Reino Unido, e a ascensão do novo modelo de acumulação flexível, trazendo consigo a flexibilidade dos vínculos empregatícios, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo e, com efeito, a completa desarticulação dos sindicatos e de toda uma identidade de classe. O próprio Fisher reflete e admite não conseguir se lembrar, sem lágrimas nos olhos, de um episódio chave deste período, a derrotada (ainda que grandiosa) greve dos mineiros de 1984-1985. Essa ocasião histórica, a qual descreve como provocadora de “tristeza visceral, sufocante e angustiante” para qualquer britânico de esquerda (FISHER, 2018b, p. 414. Tradução nossa).

O desmantelamento do *Welfare State* do Reino Unido foi observado por Fisher em sua leitura dos governos do thatcherismo, num movimento que, como descreve David Harvey (2005, p. 32):

⁴ BBC News Brasil. “Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS”. BBC News Brasil, 2 set. 2009. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq. Acesso em: 03 nov. 2025.

Isso envolvia enfrentar o poder sindical, atacar todas as formas de solidariedade social que prejudicassem a flexibilidade competitiva (como as expressas pela governança municipal e mesmo o poder de muitos profissionais e de suas associações), dismantelar ou reverter os compromissos do Estado de bem-estar social. Privatizar empresas públicas (incluindo as dedicadas à moradia popular), reduzir impostos, promover a iniciativa dos empreendedores e criar um clima de negócios favorável para induzir um forte fluxo de investimento externo.

As transformações sociais daquele período não estiveram desacompanhadas de um implacável ataque ideológico. Declarações da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher como “a economia é o método, mas o objetivo é transformar o espírito” são representativas do arcabouço de políticas públicas antipopulares implementadas neste período. Como infame exemplo, temos a revogação do programa governamental de distribuição de leite nas escolas, que vigorava desde a década de 40, quando crianças e mulheres grávidas recebiam leite para prevenir a desnutrição que poderia ser causada pela escassez em tempos de guerra. Tal ato, que inclusive provocou o surgimento do emblemático bordão midiático “*Thatcher, Thatcher, Milk Snatcher*”, confluuiu para a edificação da cultura política que exerceu insuspeita influência na obra de Fisher, tendo seu mais difundido escrito, *Capitalist Realism*, adotado como subtítulo a problematização do slogan thatcherista “*there is no alternative*”.

Arelado a isso está outro dos contextos vivenciados por Fisher e com grande impacto em sua obra, a emergência de um novo e inimaginavelmente robusto tecido midiático-informacional-comunicativo, baseado na intensificação da compressão temporal dos meios de transmissão e recepção de dados, na massificação do consumo de mídias, em um expansivo setor de serviços e na mundialização de certos mercados. Vemos como parte deste processo o início da telefonia móvel, a popularização dos computadores pessoais, a evolução das tecnologias de processamento e armazenamento de dados e, com destaque, a viabilização das infraestruturas de TV via satélite, num processo de avanço técnico que, como argumenta Hartmut Rosa (2019), operou uma virtualização e digitalização de lugares e bens por meio de uma reprodução simulada. Este cenário, sobre o qual Baudrillard (1981) discutiu a ideia de que vivemos em uma era em que a realidade foi substituída por simulações — cópias de algo que já não tem um original reconhecível, de modo a culminar na própria dissolução do estatuto do real —, foi a fonte para a reflexão de Fisher sobre os limites do corpo orgânico num período em que, segundo ele ([1999] 2018a, p. 2), as máquinas parecem estar mais vivas do que os seres humanos.

A extensão desse processo, indo além de sua função técnica, compreende movimentos de dimensão econômica e cultural, desenhando, como afirma Octavio Ianni (1996), um novo

mundo, na realidade e no imaginário. À globalização, compreendendo seu maior alcance do que o processo rigorosamente econômico do globalismo (de domínio neoliberal dos mercados mundiais na época após a derrocada dos regimes socialistas e esvaziamento dos Estados nacionais) como bem delineia Ulrich Beck (1999), acrescenta-se também a ênfase na dimensão ideológica e cultural do fenômeno. Sobre estas, partimos de Marcuse, que constata:

O mundo tem sido racionalizado em tal escala, e esta racionalização tornou-se uma força de tanto poder, que o indivíduo nada pode fazer de melhor senão ajustar-se a isso sem reservas. (...) Os fatos que dirigem o pensamento e ação do homem não são os da natureza (...) antes, são aqueles processos tecnificados, que se apresentam como a corporificação da racionalidade e da eficácia. (...) Não há qualquer possibilidade individual de escapar ao aparato que mecanizou e estandardizou o mundo. (MARCUSE, 1941, p. 418-419).

E chegamos a Dardot e Laval:

Especialista dele mesmo, empregado dele mesmo, inventor dele mesmo, empresário dele mesmo: a racionalidade neoliberal pressiona o eu a agir sobre ele mesmo no sentido de seu próprio reforço para seguir na competição. Todas as atividades devem se comparar a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custo. A economia se torna uma disciplina pessoal. (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 330-331).

Mas enquanto dimensão política, é o fenômeno do thatcherismo que encarna com maior vigor este espírito do tempo. Stuart Hall (1988, p. 206) descreve-o como trunfo estratégico deste projeto ideológico, exitoso na interrupção do consenso social-democrata que dominou e definiu o acordo político entre esquerda e direita desde a guerra, comandou as concepções populares do que é “bom para o país” e, por fim, reverteu todos os sinais que apontam para soluções de esquerda ou social-democratas e moveu-as na direção oposta.

Fisher emerge no debate público, cada vez mais, como um teórico da crise da alteridade. De fato, o principal conceito de sua obra, o realismo capitalista, diz respeito a isso, ao sentimento culturalmente difundido de que o capitalismo é o único sistema político possível e que a ele não há alternativa. E dentre as múltiplas reverberações deste postulado, destaca-se sua interação crítica com a tese do fim da história, notabilizada ao fim dos anos 1990 por Francis Fukuyama. Refletindo sobre esta tese e o contexto do qual ela emergiu, Fisher escreve seu *Realismo Capitalista* como uma provocação intelectual a seus alunos mais avançados da rede de ensino continuada britânica. O seu objetivo era o de lançar um olhar questionador para a maneira como no acordo entre diferentes setores do espectro político na institucionalidade britânica da época, normalizava-se a catástrofe (FISHER, 2018b, p. 557).

A transformação desse quadro requer a construção de um novo sujeito coletivo da transformação histórica, dotado de agência para o enfrentamento da ordem político-econômica em vigor, voltado a uma emancipação de suas capacidades subsumidas

pelo jugo capitalista. Essa questão foi preocupação de Fisher em seus últimos anos de vida. Em suas próprias palavras: “O sujeito que se requer para tal finalidade – um sujeito coletivo – não existe, mas a crise ecológica, assim como as outras crises globais que enfrentamos, nos demanda a construí-lo.” (FISHER, 2020, p. 112). Fisher buscou encontrar as condições de possibilidade desse sujeito, especialmente na experimentação teórica de sua última disciplina ministrada em Goldsmiths, intitulada *Post-Capitalist Desire* (2016), que seria um laboratório para seu volume inacabado, *Acid Communism*. Ali Fisher explora a relação intrincada entre a categoria psicanalítica de Desejo e o capitalismo, e a extensão em que o primeiro pode tanto nos ajudar quanto nos restringir na tentativa de escapar do segundo.

A presente pesquisa objetiva lançar um olhar histórico sobre a trajetória intelectual de Mark Fisher. Visamos investigar o sentido de seu pensamento e a maneira como foi formado, buscando assim sua relação com seus contextos, mentalidades, ideias prévias e posteriores, com as redes de sociabilidade, e o significado geral dentro de seu projeto teórico-filosófico. Todavia, entendendo que a fortuna analítica sobre Fisher versou acerca de seus principais conceitos, alguns aqui já mencionados (realismo capitalista, crise da historicidade, desejo pós-capitalista), tencionamos alcançar a perspectiva de um olhar alternativo sobre o pensamento de Fisher.

Importa aqui para nós a análise do recorte temático das teses menos exploradas desse intelectual. Compreende-se que assim torna-se possível incorporar no debate historiográfico sobre Fisher alguns raciocínios dentro de zonas ainda periféricas de sua produção. Falamos então, fundamentalmente de objetos relativos à cibernética, pós-modernidade, aceleracionismo e crítica cultural. Trata-se também de pensar o que tais temáticas falam sobre a obra de Fisher, dando-lhes acesso e vendo sua repercussão.

A leitura tradicional de Fisher, como buscaremos evidenciar, girou em torno de suas obras editorialmente consolidadas. Nosso personagem, porém, tem como dado biográfico imprescindível o fato de que boa parte de sua produção teórica se deu à revelia da circulação formal. Esse pensador utilizou-se de mídias digitais como sua página na internet, o blogue *K-Punk* onde publicou textos de 2003 a 2015, integrou coletivos culturais durante seu tempo enquanto acadêmico discente, formulou panfletos, revistas e mesmo produções musicais. A esse aspecto de sua obra, de tonalidades mais suburbanas, é ao qual queremos lançar luz.

Em um sentido mais específico, temos como alvo um exercício da história intelectual, compreendida ao modo de Dominick LaCapra (1994, p. 18-19), como a história dos usos situados da linguagem constitutivos de significantes textuais. Esta compreensão vai no sentido de nossa pesquisa, rumo à problematização da relação dos textos de Fisher com seus múltiplos contextos, no intuito da construção de uma interpretação dialógica da obra à luz de sua historicidade: uma conversa com o passado (LACAPRA, 1994, p. 21). Ao pensar o texto enquanto fonte histórica, a leitura atenta de suas questões, afirmativas, ironias, tensões internas, nos leva a vê-lo além de sua função documental, como mera referência à realidade empírica ou a fenômenos factuais externos, mera fonte de informação. A obra de Fisher marca uma diferença, situa-se no tempo e espaço suplementando a realidade, de maneira particular, o debate sobre o capitalismo neoliberal do século XXI e o sofrimento psíquico.

LaCapra (1994, p. 339), em 1985, declarava em tom de confronto que os “historiadores são treinados profissionalmente para não ler”. Este postulado marcava uma insurgência contra o uso da literatura de maneira reducionista na historiografia das ideias até aquele momento. Criticando a concepção de uso estritamente documental, a qual já nos referimos, LaCapra se movimenta no sentido de uma reorientação fundamental da história intelectual, contribuindo, então, decisivamente para uma nova abordagem para a leitura de textos complexos, informada pela teoria literária contemporânea.

Ultrapassar o uso documental da literatura enquanto fonte histórica passa pela superação da crença implícita de que existe uma realidade passada, estável e extratextual, que pode ser acessada diretamente através dos documentos, “o contexto”. A ideia de uma separação entre o signo (o documento) e o referente (a realidade passada), tratando o primeiro como meio transparente para alcançar o segundo, prejudica a compreensão do fato de que nosso acesso ao passado é sempre mediado por remanescentes textualizados e que o próprio contexto é, em si, “textualizado” (LACAPRA, 1994, p. 26). A relação entre as ideias de Fisher e seus contextos deve então ser examinada a partir de suas interações, ao invés da sujeição de um pelo outro.

Um último apontamento sobre a abordagem de LaCapra para com a história intelectual se faz necessário. A noção de conversa com o passado, anteriormente mencionada, não é, de forma alguma, força de expressão. O olhar lançado por LaCapra ao fenômeno linguístico, do ponto de vista histórico, substitui o ímpeto objetivista, que transcende a história ao negar a historicidade do intérprete, e se aproxima de um prisma dialógico, no qual os horizontes do historiador e do texto são fundidos na interpretação de significados trocados, em um

engajamento crítico e comunicativo que busca não a reconstituição das origens dos conceitos de nosso autor, mas trazê-los ao presente, com implicações para o futuro.

Nestes termos, a leitura interpretativa da obra de Fisher delineia um esboço de seu projeto teórico-filosófico a partir de transformações de uma postura intelectual, associada com os caminhos tomados por seu pensamento, a interação com sua personalidade e seu meio social. Assim a obra fisheriana conquista o status de ser-obra (*work-like*) na medida em que possibilita aferir em distintos contextos a ocorrência de uma leitura inédita das formas de registro de sua auto expressão textual em seu tempo histórico. Dentre estes contextos, destacam-se fundamentalmente a sua produção conceitual, a movimentação de suas ideias em seu significado primário e em referência a outros textos que versam sobre a realidade e os fenômenos dados.

Estando também atentos à insuficiência do formalismo e da exclusiva interioridade da obra literária para a compreensão de si, visamos ampliar o escopo da interpretação para aspectos externos valiosos para a análise. Assim, focamos a dimensão do efeito produzido (*Wirkung*) pela obra, ressignificado a cada leitura, apartado de um pretense Ser atemporal, e tomado na especificidade de seu meio, de maneira a demandar o leitor para a realização de sua existência. Desta forma se dá a *Teoria da Recepção*, concebida por Hans Robert Jauss em duas de suas mais importantes obras, *História da Literatura como Provocação à Ciência Literária* (1970) e *Toward an Aesthetic of Reception* (1982). Jauss nos trará aqui a importante contribuição, de ordem metodológica, ajudando-nos a pensar os efeitos da literatura fisheriana a partir de seus leitores e comentadores, visando assim a apreensão das expectativas culturais e a experiência estética coletiva da leitura do filósofo.

Adiante, ressaltamos já um primado pela obra editorialmente consolidada de Fisher em sua leitura mais costumeira, o que poderá ser notado por sua recepção. Contudo, a opção pelo formato de blogue na constituição de seu corpus literário é uma das singularidades de nosso personagem. Tal característica é fundamental para a compreensão de muitos aspectos do curso de seu pensamento, tal qual sua relação com a cultura digital, seu pensamento sobre o aspecto comunicacional do capitalismo contemporâneo e também sua escrita rapsódica, típica dos portais digitais do começo dos anos 2000, perpetuada em seu próprio, o *K-Punk*.

Não obstante, a tentativa de uma inspeção exegética dos escritos do blogue *K-Punk* traria problemas de grandeza inadministrável para nossa investigação, isso porque, as publicações digitais de Fisher, para além de possuírem uma robustez volumétrica, atravessam um longo escopo temporal (2003 a 2015) em um ritmo constante. Não podendo avaliá-lo por

completo, tampouco desprezá-lo, nossa solução estará na leitura condicionada a temas de interesse, que preteritamente ao escopo genealógico ou cronológico, sintonize a seleção das fontes ao problema pensado. Não apenas com o *K-Punk*, mas com todo o conjunto de nossas fontes primárias, o procedimento será congênere.

Nossas questões caminham ao lado de eventos biográficos de Fisher, que chamam a atenção pela relevância em si, quanto pela influência na construção de seu pensamento. O delineamento desses eventos e dos marcos temáticos que suscitam será detalhado no corpo do trabalho, todavia, podemos chamar a atenção inicialmente para alguns pontos. Em primeiro lugar, nota-se que Fisher foi membro fundador da Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética, a CCRU, que configurou uma experiência acadêmica pioneira na investigação das pertinências da internet, dos computadores pessoais, da telefonia móvel, entre outras tecnologias, nas dinâmicas socioculturais. Disso se desprende um lugar sobressaído em seu pensamento para a cibernética, do ponto de vista da filosofia da técnica, e a cultura, no sentido das manifestações artísticas tal qual as teias de símbolos e significados que cercam os indivíduos e grupos.

O imbricamento entre cibernética e cultura, tal qual observado por Fisher, ocorreu mediante o signo da globalização, a mundialização das redes de comércio e comunicação no sistema capitalista após o fim da Guerra Fria. Essa expressão absolutizada e incontestada do modo de produção capitalista, que se estrutura da década de 1970 até seu clímax nos anos 1990 é lida pelo nosso autor, e pela tradição crítica da qual bebe, a partir do conceito de capitalismo tardio, tomado de empréstimo de Ernst Mandel e orientado no sentido da expressão máxima da lógica capitalista de sua auto reprodução, bem como na manifestação aguda de suas contradições. O significado das dinâmicas culturais no capitalismo tardio, ao que Fisher entende como definição da ideia de *pós-modernidade*, é também uma de nossas questões.

Por fim, a via política teorizada na tradição filosófica com a qual Fisher interagiu em seus primeiros trabalhos, inspirada no debate feito por uma franja do pós-estruturalismo francês e da filosofia continental contemporânea e voltada para a questão de como interpretar e responder aos desafios postos pelas dinâmicas estruturais tardo-capitalistas será também nosso alvo. Trata-se do aceleracionismo enquanto corrente de pensamento. Fisher se formou dentro desses marcos, tendo sido orientado academicamente por duas referências desse campo, os teóricos britânicos Nick Land e Sadie Plant. Sequencialmente debateu as teses

dessa filosofia propositora da aceleração dos processos do capitalismo como maneira de colapsá-lo, nesse sentido estaremos atentos a sua repercussão na obra.

A partir desse enfoque se dará nossa delimitação das fontes, que certamente passarão ao largo de um esgotamento do sentido geral da obra de Fisher em todo o seu *corpus*, mas que justamente se pretende apenas como mais um olhar possível. Tendo isso em vista trazemos como fontes primárias um dos primeiros artigos assinados por Fisher em seu período como doutorando na Universidade de Warwick e membro da CCRU, *PoMophobia* (1996). Do mesmo período, mas em uma triagem reconhecidamente heterodoxa para um estudo de história intelectual, trazemos o único EP musical produzido na carreira artística de Fisher, seu *Entropy in the UK* (1994) do grupo de música eletrônica ao qual integrou, o *D-Generation*. Adiante, duas publicações essenciais da CCRU, escritas por seus orientadores, Plant e Land, mas consideradas valiosas para a compreensão do pensamento de Fisher à época em termos de circularidade cultural: Trata-se de *Meltdown* (1995) e *Cyberpositive* (1994). Como fontes adicionais, trazemos reportes das conferências realizadas pelo CCRU, bem como entrevistas posteriores e de outrora com seus ex-membros. Um texto paradigmático de Fisher sobre o aceleracionismo, mas que ultrapassa o escopo temporal dos anos 1990, o *Terminator vs Avatar*, de 2012, está também incluído. Por fim, dedicamos todo o último capítulo à tese de doutorado de Fisher, *Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction* (de 1999).

Referências complementares são naturalmente imperativas para o estudo historiográfico. E aqui incluímos os escritos editorialmente consolidados de Fisher, sendo estes: *Capitalist Realism: Is There no Alternative?* (de 2009); *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures* (de 2014); *The Weird and the Eerie* (de 2016) e *Post-Capitalist Desire*, de 2017, se tratando esse último de conferências transcritas. Uma seleção de obras sobre Fisher, representativas de sua recepção (especialmente no Brasil) também integram nosso corpus documental.

A elaboração desta pesquisa, em vista de seus objetivos e sua metodologia, vem acompanhada de uma hipótese a ser testada. Nossa hipótese, fundamentada na exploração teórica da obra de Fisher, quer sustentar uma interpretação sobre seu conteúdo em estreita interação com a forma com que foi lido. Em razão de que, a análise da recepção de Fisher, especialmente no Brasil, parece demonstrar a prioridade dada a uma leitura do autor a partir de sua obra mais célebre, o *Realismo Capitalista*. Com ela, Fisher foi recebido, mas de seus significados ficou dependente. A recepção brasileira priorizou uma perspectiva de teoria da

práxis, de crítica do neoliberalismo a partir do ensaio político ideológico, consagrando conceitos como o realismo capitalista, ontologia empresarial, cancelamento do futuro, stalinismo de mercado, e validou esse momento da obra de Fisher como uma etapa de ápice/maturidade.

A delimitação desse direcionamento, que responde a demandas orgânicas da aplicabilidade do pensamento de Fisher e sua leitura, acabou, entretanto, por marginalizar outros aspectos de tamanha grandeza no acúmulo teórico do autor. Tratada como uma fase de incipiência, a juventude de Fisher surpreende mediante análise, por uma profundidade própria, realmente diferente do momento de ‘maturidade’, mas não menos estruturada em profundidade reflexiva. A densidade de conceitos desse período, como o materialismo gótico, a teoria-ficção, ou a leitura fisheriana do aceleracionismo e da pós-modernidade se fazem presentes como expressão de um momento de florescimento intelectual coerente com a ambiência acadêmica da qual integrou, da conjuntura a qual vivenciou e do próprio processo pessoal de formação. Nossa hipótese pressupõe a existência de uma potência autóctone desse pensamento inicial de Fisher, e quer vislumbrá-la.

Sua averiguação induz a leitura sistemática dos livros de Fisher e o levantamento de algumas problemáticas que objetivam compreender com profundidade algumas dimensões incontornáveis desta obra, sendo elas a linguagem da obra, seu meio e forma, bem como todas as implicações trazidas neste quesito, a visão de mundo que ela incorpora e traduz e, por fim, a perspectiva social e histórica que ela revela e constrói. Tendo isso como plataforma de partida, acreditamos conseguir delinear alguns contornos desse outro olhar para Mark Fisher.

III

Estruturalmente, a pesquisa se inicia com o olhar para a recepção da obra de Fisher, com a especificidade de pensar seus leitores e comentaristas brasileiros. Neste primeiro capítulo, destacar-se-ão as formas com que Fisher foi representado em suas ideias. Serão observadas as formas arquetípicas e os elementos simbólicos ressaltados da obra do teórico britânico que consubstanciam as sínteses exegéticas já escritas sobre ele no debate acadêmico brasileiro. A teoria da recepção será o ponto de partida para a observação histórica do fenômeno literário, e a pertinência desta está na maneira com que, em conformidade com o tipo de olhar dado para a obra fisheriana, desprendem-se julgamentos que influem na

caracterização de seu pensamento. Interessa a essa seção analisar e avaliar criticamente estas formas.

No segundo capítulo, "Aceleração, Música e Pós-Modernidade na Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética", mergulhamos em nosso momento alvo do pensamento de Fisher, durante a sua passagem pela *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) na Universidade de Warwick. O foco reside na intersecção entre a cultura sintética (música eletrônica, *jungle*, *cyberpunk*) e a teoria social. Analisamos a sua produção musical com o grupo *D-Generation* e o ensaio *PoMophobia* para evidenciar como Fisher utilizou a estética do "futurismo psicodélico" para contrapor o tédio e a estagnação cultural da pós-modernidade. Além disso, exploramos a sua complexa relação com o aceleracionismo de Nick Land, distinguindo o niilismo "anti-humano" do seu orientador da proposta de um "aceleracionismo de esquerda" voltado para a recuperação da agência coletiva.

O terceiro capítulo, "Materialismo Gótico e Teoria-Ficção Cibernética em Mark Fisher", dedica-se ao exame da sua tese de doutoramento, *Flatline Constructs* (1999). Investigamos a proposta de uma "metafísica da cibernética" que dissolve as distinções tradicionais entre o orgânico e o inorgânico através do conceito de "Linha Plana" (*Flatline*). Aqui, analisamos como Fisher articula o materialismo gótico como o estudo "daquilo que não deveria estar vivo", recorrendo a obras como *Blade Runner* e *Neuromancer* para pensar o corpo como uma intensidade despersonalizada e a subjetividade como um processo de "xenogênese". A teoria-ficção é analisada enquanto abordagem epistemológica e conceitual da reflexão imanente sobre a cultura, fundindo teoria e ficção em uma prática intelectual disruptiva do ponto de vista da possibilidade do conhecimento.

Um último capítulo tornar-se-á necessário para a reflexão sintética do conteúdo analisado e do debate feito sobre Fisher. Espera-se aqui, nas considerações finais, conseguir um vislumbre dos contornos de seu projeto filosófico em suas camadas subjacentes. As potencialidades do estudo sobre a obra de Fisher seguem vastas e múltiplas, de modo que se espera que este estudo possa contribuir com a proposição de mais uma das possibilidades de leitura e abordagem deste importante pensador.

1. A ESTREIA DE FISHER SOB OLHOS BRASILEIROS

No primeiro artigo de *Realismo Capitalista* (2020), intitulado “*É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*”, Mark Fisher analisa uma cena do longa “*Filhos da Esperança*” (2006), de Alfonso Cuarón, na qual ocorre um diálogo entre o protagonista Theo (Clive Owen) e um amigo. O cenário é a termelétrica de Battersea, um edifício de notável valor patrimonial pela representação simbólica do período econômico fordista no século XX, com sua fachada maciça em tijolos, que tomam as formas da Art Déco combinada com o design funcionalista do pós-guerra, juntamente com as suas simétricas quatro chaminés de imponência monumental.

Abandonado de suas funções originárias, tal edifício se converteu, no enredo da trama, em um prédio governamental mesclado a uma galeria de arte particular. Seu sentido de prédio público, com ampla função social, perdeu-se em meio a catástrofe humanitária que liquidou a ordem social e reduziu o Estado a suas funções repressivas, policiais e militares. Em meio a esta descrição de um cenário morosamente apocalíptico, no qual o caos não emerge de maneira repentina, mas se constrói com letárgica vagareza, Fisher descreve a perambulação dos personagens por aquela galeria sobrevivente na fantasmagórica usina:

Tesouros culturais como Davi, de Michelangelo, Guernica, de Picasso, ou o porco inflável do Pink Floyd são preservados nesse prédio que é, ele mesmo, um patrimônio cultural restaurado. Essa é a vaga ideia da vida da elite, afastada dos efeitos de uma catástrofe que causou uma esterilidade em massa: nenhuma criança nasceu no mundo há pelo menos uma geração. Theo pergunta: “por que tudo isso importa se não vai ter mais ninguém pra ver?”. As futuras gerações já não servem mais como um álibi, já que não haverá nenhuma. A resposta é a expressão de um hedonismo niilista: “eu tento não pensar nisso” (FISHER, 2020, p. 9).

A paisagem narrada por Fisher diante de *Filhos da Esperança* é aquela em que a hecatombe da infertilidade reprodutiva geral da humanidade funciona como uma metáfora para uma crise da ordem social. Esta crise extrapola as contradições da sociedade realmente existente — a qual combina ultra-autoritarismo com políticas de mercado, desmontando não apenas a máquina estatal, mas também o espaço público em si. Acima de tudo (e aqui se explicita a metáfora da infertilidade), tal cenário configura uma cultura fragilizada a ponto de tornar-se incapaz de produzir o novo e resignar-se à repetição das formas já existentes. Fisher é enfático ao afirmar o uso da ficção na crítica de um fenômeno real: as sociedades capitalistas (em especial as do Norte Global) no apogeu do paradigma econômico neoliberal. Fraturadas pela crise de 2008, essas sociedades referem-se ao contexto do que Fisher chama, inspirado por Fredric Jameson e Ernst Mandel, de capitalismo tardio.

Nosso foco aqui, porém, não reside na crítica social feita pelo teórico, mas no movimento narrativo operado em sua análise. Ao selecionar a passagem em que se questiona o valor da arte em um mundo desprovido de público para apreciá-la, Fisher reverbera uma visão da arte como fenômeno que interage com a coletividade. Essa interação não ocorre apenas externamente — no sentido de que sujeitos produzem objetos artísticos e estes, por sua vez, transformam os sujeitos —, mas reside também no valor simbólico interno da obra. Assim, para além do aspecto puramente funcional ou social, a carga estética, emocional, histórica ou filosófica da arte constitui uma força que também dialoga com o coletivo.

Isso nos leva à percepção do valor simbólico da obra de arte para além de sua existência *em si própria*. Consideram-se, nesse sentido, não apenas seus aspectos físicos, técnicos, simbólicos ou de conteúdo, mas também o modo como a arte produz significado por meio de sua recepção. Assim, nas múltiplas formas pelas quais obras como *Guernica*, de Picasso, ou o *Davi*, de Michelangelo, foram interpretadas e ressignificadas, tais peças adquiriram valor por meio das gerações que as herdaram. Rodrigues (2025, p. 27) ilustra a relevância da recepção com um exemplo astuto sobre a trajetória de Van Gogh: o artista é consagrado não pelo impacto imediato de suas telas, inicialmente rejeitadas, nem apenas pela tradição expressionista em que se inseriu, mas pela recepção tardia do público. Esse processo permite conhecer profundamente tanto a audiência quanto a obra, a partir dos efeitos por ela produzidos no tempo.

Propõe-se aqui a questão da recepção pois, assim como a análise de Fisher incita reflexões sobre o valor de obras como *Guernica* ou *Davi*, ressignificadas ao longo do tempo, é possível examinar o caráter da própria produção de Fisher a partir das significações atribuídas por seus leitores. Esse exercício hermenêutico contribui para o estudo histórico de um intelectual por intermédio de sua obra, fundamentando-se, sobretudo, nas contribuições de Hans Robert Jauss, expoente da Escola de Constança. Jauss produziu obras fundamentais para a compreensão da experiência humana articulada pelo texto, entre as quais, delimitando-nos ao escopo deste trabalho, destacam-se duas: a primeira, *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (1970); e a segunda, ainda carente de tradução para o português, *Towards an Aesthetic of Reception* (1982).

Ao longo dessas duas obras, Jauss fundamenta sua Teoria da Recepção ao caracterizar como obsoletos os modelos predominantes da crítica literária, por considerá-los incapazes de responder adequadamente às questões literárias contemporâneas. A abertura de seu ensaio de 1970, marcada pelo postulado de que "atualmente, a história da literatura caiu num descrédito

cada vez maior e que, de forma alguma, é imerecido" (JAUSS, 1994, p. 21), evidencia o caráter combativo de sua proposta. Tal teoria emergia em oposição direta às correntes do historicismo e do marxismo: a primeira, que confundiu a compreensão da obra literária em sua história com a obra literária na história, enquanto a segunda buscou explicar “toda a produção artística” a partir de determinantes econômicas e sociais ou de interesses latentes da classe dominante, e pretendeu revelar em toda recepção, sobretudo, uma "falsa consciência".” (JAUSS, 1982, p. 74-75).⁵

A polêmica de Jauss chega ao ponto de seu diagnóstico:

Os seus métodos (do formalismo e do marxismo) apreendem o fato literário no circuito fechado de uma estética da produção e da representação; assim o fazendo, despojam a literatura de uma dimensão necessariamente inerente à sua própria natureza de fenômeno estético e à sua função social: a dimensão do efeito produzido (*Wirkung*) por uma obra e do significado que lhe atribui um público, de sua 'recepção' (JAUSS, 1982 p. 43-44. Tradução nossa).

Já no eixo das convergências, Jauss traz para perto as correntes acadêmicas do formalismo russo, do estruturalismo tcheco-slovaco e da hermenêutica gadameriana. Estes precursores, muito mais do que inspirações explicativas, ou raízes originárias, nos ajudam a entender o processo de formação da Teoria da Recepção por meio de suas aproximações, pensando-as como o ambiente de ideias e o cosmos cultural existente no contexto de Jauss. Assim, a primeira delas, o formalismo russo, tendo como um de seus principais expoentes Viktor Shklovskii, contribuiu para a ampliação do olhar crítico da obra autônoma para a relação leitor-obra. Os formalistas russos pensaram a experiência estética, direcionando a atenção ao processo de interpretação e produzindo, dessa maneira, uma nova forma de exegese, é o que nos conta Robert C. Holub (1984, p. 16).

O estruturalismo de Praga, costumeiramente menosprezados pelo pensamento ocidental, constituiu uma escola de pensamento que, na figura de um de seus mais notáveis teóricos, Jan Mukarovsky, ponderou a arte em aproximação com a semiótica, entendendo-a como um sistema de signos, no qual a forma corresponde ao significante e a ideia corresponde ao significado, em uma estrutura comunicacional, dialógica entre obra e leitor, e relacional entre a obra e sua função social e histórica. Por fim, de Gadamer, Jauss toma de empréstimo certos conceitos da hermenêutica que, para si, são imprescindíveis, como é o caso da fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*), no qual o entendimento de um texto perpassa o

⁵ Sobre o cânone marxista, cabe destacar a distinção epistemológica desta tradição feita por Jauss entre aquela seção influenciada por Lukács, a qual é criticada, e aquela relacionada ao jovem Marx, Benjamin, Marcuse e Adorno, aos quais, nos dizeres de Jauss, não se aplica a crítica (JAUSS, 1982, p.75).

horizonte temporal de seu intérprete e o horizonte histórico do texto, conformando assim a leitura como experiência de contato com o Outro, um diálogo com a alteridade.

A teoria da recepção contribui em muitos aspectos para a reflexão sobre a historicidade do fenômeno literário: pensando o texto enquanto acontecimento, no qual novas possibilidades de sentido histórico específico se abrem, e a leitura enquanto constante produção de novos significados que reavivam o texto. Porém, no caso da recepção de Fisher, cabe pensar até que ponto seus efeitos já podem ser considerados. Tendo o nosso autor morrido há menos de uma década, e sua produção iniciada há menos de três, é pouco observável uma distância entre os horizontes do autor e de sua primeira geração de leitores.

Mesmo sendo precoce a avaliação do acúmulo histórico de significados atribuídos pela leitura à obra de Fisher, uma primeira geração de leitores e comentadores já atua na formulação de interpretações sobre seu pensamento. É nesse sentido que o contato com a alteridade é verificado e a obra sai puramente do domínio do autor. Esta fusão de horizontes, quase síncrona, mais do que diacrônica, resulta no fenômeno dialógico ao redor dos sentidos produzidos, havendo nos leitores de Fisher indagações e conclusões próprias que já excedem o texto fisheriano em sua concepção formal. É talvez neste ponto que seja possível, por ora, uma avaliação dessas leituras e da recepção do autor, embora, por certo, este exercício diverja da prática abalizada da teoria de Jauss.

Aqui, então, entramos na recepção de Mark Fisher que, na impossibilidade de ser apreendida em sua totalidade, demanda certos recortes para sua realização. Fisher, como descreve Alex Niven⁶, esteve no “[...] bolso de inúmeros manifestantes nos protestos estudantis de 2010”, tendo, assim, uma recepção notadamente mais informal do que formal, e sendo, então, menos recorrente na academia do que nos espaços de maior amplitude pública. Com efeito, o entusiasmo incendiário e a jovialidade enérgica de seu pensamento facilitaram sua “*memeficação*”, conforme aponta Mike Watson (2022), tratando-se do processo de recepção digital no qual suas ideias foram apropriadas por uma cultura jovem, que, ao disseminá-las em fóruns digitais, fundiu a crítica social e o humor vernacular da internet.

Todavia, Fisher teve três comentadores de fôlego no meio acadêmico brasileiro, para os quais voltaremos nosso olhar. A escolha destes três pensadores reflete alguns preâmbulos deste estudo, pois a seleção dos acadêmicos brasileiros perpassa a questão da relevância da leitura de Fisher no Brasil. As idiosincrasias britânicas, seja na particularidade de seu

⁶ NIVEN, Alex. *Our Debt to Mark Fisher*. Tribune Mag, 13 jan. 2021. Disponível em: <https://tribunemag.co.uk/2021/01/our-debt-to-mark-fisher/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

repertório, seja na estilística de sua linguagem, afastam menos o leitor do que o foco geral no capitalismo neoliberal, em suas patologias e dinâmicas culturais, o aproxima a Fisher. É como Bong Joon-ho, no espanto da recepção bombástica de seu longa *Parasita* nos quatro cantos do mundo refletiu:

Enquanto eu dirigia o filme, tentei expressar um sentimento específico à cultura coreana, e pensei que estava cheio de “coreanismo”, visível à vista de quem olha de fora, mas quando foi exibido após a finalização, todas as respostas de diferentes audiências foram mais ou menos as mesmas, o que me fez perceber que esse tema era universal, na verdade. Essencialmente, todos vivemos num mesmo país, chamado Capitalismo, o que pode explicar a universalidade das respostas.⁷

Foi na identificação brasileira com as patologias sociais que o capitalismo causou, e ainda causa, seja em nossas terras, seja nas ilhas britânicas, que se firmou o interesse por Fisher no Brasil. E, sobretudo, no tempo histórico do cosmos capitalista em seu mais alto grau de desenvolvimento, cujas tecnologias de controle social são voltadas para a conversão de uma classe trabalhadora, já expropriada, em uma força ainda mais produtiva e politicamente inofensiva, é que as virtualidades transnacionais de Fisher se manifestam.

Indo além, este recorte temporal é melhor especificado ao se observar a transição das formas disciplinares de opressão para as pós-disciplinares. Em um primeiro momento da história das sociedades modernas, estas se pautaram na política de coerções das instituições sociais, tendo como paradigmas a fábrica, no Reino Unido de Fisher, e a plantação, no capitalismo dependente brasileiro. Nelas, o sujeito torna-se mais obediente à medida que se torna mais útil, em uma "arte do corpo" que manipula gestos, comportamentos, hábitos e subjetividades por meio de um sistema normativo estabelecido (FOUCAULT, 1996).

Desta sociedade centrada na disciplina, dá-se lugar às formas pós-disciplinares de sujeição. A grosso modo, foram as transformações políticas, econômicas e culturais, ocorridas nas últimas décadas do século XX, que engendraram as novas forças capazes de superar a categoria de disciplina do panorama sociológico, colocando em cena a categoria de controle. O neoliberalismo e o mercado mundial tornaram-se parâmetros de um novo *ethos* baseado não na exclusão dos métodos de coerção, mas em seu redirecionamento, capturando a multiplicidade e os agenciamentos em uma forma difusa de poder, surgida dos escombros dos muros das instituições, mas que agora opera com a instituição internalizada no sujeito. Exemplo disso, recai no clamor contemporâneo por desempenho, performance, e demais

⁷ Birth.Movies.Death. *Bong Joon-ho Discusses PARASITE, Genre Filmmaking And The Greatness Of ZODIAC*. Youtube, 2019. Duração: 00:05:08. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXuXfgquwKM>. Acesso em: 04/11/2025. Transcrição nossa.

tecnologias de controle que transformam o indivíduo em um “empreendedor de si”. A potência do corpo é controlada agora a partir de dentro, o que possui o mesmo sentido de enunciar que o que se deve é capturar o Desejo.

Seja então no Reino Unido ou no Brasil, o interesse por Fisher, e a escolha dos nossos interlocutores para a recepção da obra fisheriana, perpassam este critério, de que, não obstante as imperiosas diferenças culturais, caminhamos por um território de notáveis convergências, nominalmente: uma nova racionalidade que destruiu regras, instituições, direitos e que produziu certas formas de existência, baseadas em um universo de competição generalizada, dinâmicas de mercado pulverizadas na vida social e desigualdades cada vez mais profundas. Como argumenta Octávio Ianni (1996, p. 95), o mundo se ocidentalizou. Ao observarmos como esse processo afetou as formas de individuação, produzindo sujeitos homólogos a essa forma específica do capital, seja sob a “subjatividade contábil-financeira” de Dardot e Laval (2016, p. 16-31), seja sob o modelo do *Homo Computans* de Castoriadis (2004, p. 101), encontramos nas palavras clarividentes de Dostoiévski uma tradução precisa desse sentimento:

Você se tornou um corpo sem alma – observou. – você não apenas renunciou à vida, a seus próprios interesses e ao interesse geral, ao seu dever de homem e de cidadão, a seus amigos (pois você os tinha, apesar de tudo), você não apenas renunciou a qualquer ideal – a não ser o lucro -, mas renunciou às suas lembranças. (DOSTOIÉVSKI, 1974 *apud* MAIA, 2022, p. 99).

Partindo para os três nomes supracitados, falamos aqui de Victor Marques, Rodrigo Gonsalves e Antônio Galvão. Os primeiros, sendo Marques professor da UFABC e Gonsalves psicanalista, publicaram juntos o artigo “*Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo*”, de 2020, que posfacia a edição brasileira de *Capitalist Realism*. Já Galvão, é doutorando em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP, tendo publicado (como produto de sua dissertação de mestrado) o livro “*Do Realismo Capitalista ao Comunismo Ácido: O Legado de Mark Fisher*”, no ano de 2023.

Ainda que outros pesquisadores brasileiros se dediquem à obra de Fisher, como Amauri Gonzo e Carla Rodrigues, que exploraram o conceito de hauntologia em diferentes trabalhos, enfatizaremos as contribuições de Marques, Gonsalves e Galvão. O comentário exegético desses três autores permite um olhar sistemático sobre um aspecto específico da produção fisheriana: a sua estreia. Em escritos de maior concisão, ou com foco menos exclusivo no autor, essa fase inicial também foi discutida por Rodrigo Santaella Gonçalves, em coautoria com o já citado Victor Marques, no artigo *Por uma política orientada ao futuro:*

a provocação filosófica e estratégica do “aceleracionismo de esquerda” (2021). Da mesma forma, destacam-se João Victor Silva Borges e Rodrigo Zagonel Mickus, no artigo *Princípios e definições do materialismo gótico: desembarcando no Flatline Constructs (2019) de Mark Fisher como ficção-teoria da crueldade* (2025). Ambos os textos servirão como referências complementares a esta análise.

É justamente na estreia intelectual de Fisher, no lançamento de sua primeira obra acadêmica de vigor, em que reside parte das principais polêmicas ao redor deste pensador e também as maiores lacunas interpretativas de seu pensamento. Fisher, que ao fim da década de 1980 tornou-se bacharel em artes, com licenciatura em inglês e filosofia pela Universidade de Hull, deu continuidade aos seus estudos na Universidade de Warwick, onde concluiu seu doutorado em 1999.

No curso de seu doutoramento que Fisher torna-se membro fundador, junto a (entre outros) sua orientadora à época, Sadie Plant, da Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética, a CCRU (*Cybernetic Culture Research Unit*), grupo experimental de estudos interdisciplinares tornado notório pela abordagem heterodoxa da teoria cultural, filosofia e tecnologia (em especial a cibernética). A CCRU nunca existiu de forma oficial, possivelmente pelo fato de que Plant, professora na Warwick à época, não instaurou o processo burocrático para sua institucionalização. Ainda assim, a unidade teve destaque nos estudos culturais ingleses ao incorporar ao seu repertório a literatura de ficção científica *cyberpunk* de Ballard e William Gibson, o horror cósmico lovecraftiano, o ocultismo e a filosofia pós-estruturalista. Tal destaque é manifesto na tese de doutorado de Fisher, *Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction* (1999).

Ao considerar a análise de Marques e Gonsalves sobre a produção fisheriana, nota-se que o nosso tema de interesse, a estreia de Fisher, acaba, em certa medida, secundarizado. Isso ocorre porque o olhar dos comentaristas volta-se prioritariamente à obra que posfaciam, *Realismo Capitalista*. Seus apontamentos iniciais referem-se à fluidez da leitura, cujo ritmo e linguagem remontam ao lócus primordial de pensamento e divulgação do autor: as páginas de seu blogue na internet. Assim, essa característica é destacada em conjunto com outras duas: a primeira diz respeito à preocupação de Fisher com dimensões subjetivas da vida social, tais como a colonização das consciências e do inconsciente pelo cosmos cultural neoliberal, em um processo que culmina na despersonalização da agência humana.

por que ler Mark Fisher hoje? Porque, para ir direto ao ponto, sua teorização nos dá a chave para compreender como a vitória crucial do capitalismo foi colonizar não apenas as consciências, mas o próprio

inconsciente - triunfo que permitiu à ordem constituída se apresentar, ao menos por algum tempo, como uma realidade fora de disputa, um fato bruto da natureza (MARQUES; GONSALVES, 2020, p. 165).

A segunda característica, em interlocução com o ímpeto diagnóstico de Fisher, manifesta-se na dimensão prognóstica e programática de sua práxis, por meio da qual articulou um “novo ecossistema comunicacional de esquerda”. Nesse sentido, os autores ressaltam o diálogo e a atuação de Fisher junto a parlamentares do Partido Trabalhista britânico (*Labour Party*), ao qual era filiado, e sua influência no debate de ideias que culminou na ascensão de correntes anti austeridade nas instâncias diretivas da legenda. Após o lançamento de *Capitalist Realism*, em 2009, Fisher passou a ser frequentemente requisitado para conferências, debates e fóruns públicos, sendo alçado, como definem Marques e Gonsalves (2020, p. 96), à condição de “intelectual público”.

Acreditamos ter aqui o esboço de uma primeira representação de Fisher, aos olhos destes seus dois leitores, que o enxergam nesta lente de um intelectual público ou, talvez mais além, um intelectual orgânico, sob a égide do pensamento gramsciano. Uma vez que, na “construção de Fisher” feita pelos autores, junto ao delineamento de suas fases e a tematização de alguns de seus conceitos, parece haver uma convergência neste sentido, de um Fisher que progressivamente se movimenta no sentido da constituição de si enquanto executor de função diretiva no universo da cultura e da política, ligado às questões sociológicas candentes e formulador de ações na disputa por uma contra hegemonia.

Tal representação é bem descrita na linguagem usada pelos autores no título do primeiro tópico do artigo “A Construção de Fisher”. O que se apresenta aqui, aos olhos de Marques e Gonsalves, é uma movimentação intelectual da obra fisheriana que se constrói, tradicionalmente, da base ao topo. Contrariando expectativas arquetônicas, no entanto, a construção de Fisher, vista por Marques e Gonsalves, não parece aquela estruturante, cujos alicerces emanam solidez, ainda que o topo represente o ápice e a culminância. Neste sentido, esta construção se parece mais com a construção tradicional de um personagem literário, lembrando a estrutura narrativa do arco ascendente de desenvolvimento.

Em um determinado momento, os autores comentam:

Em um post de 2006, que antecipa temáticas cruciais do Realismo capitalista, Fisher já se perguntava: “Existe uma maneira de desafiar ou reverter a proliferação lenta, implacável e voraz da burocracia?” Sua resposta à época é tateante, incerta, pessimista a ponto de quase desesperada: “Só por uma ação coletiva que agora parece inconcebível... Só por uma mudança no clima ideológico... Só por uma mudança no clima cultural... Por onde começar?” É Fisher ensaiando seu diagnóstico de que a consolidação do “realismo capitalista” foi resultado de um “fracasso da ação política coletiva”, e da vitória de um projeto de

ressubordinação de classe baseado na “decomposição da coletividade”. Em 2015, um Fisher muito mais confiante vê a construção dessa ação coletiva não apenas como concebível, mas como já em marcha: o realismo capitalista não é capaz de sobreviver quando “alternativas começam a florescer” (MARQUES; GONSALVES, 2021, p.195-196).

Aqui, transitando por diferentes momentos da obra fisheriana, Marques e Gonsalves narram uma mudança que excede limites temáticos, estilísticos ou de abordagem, mas alcançam uma transformação de posturas existenciais do autor, que parte de uma condição insegura para uma postura cada vez mais afirmativa. Esse movimento é coerente com a maneira com que Marques e Gonsalves tematizam as “fases fisherianas”. Divididas em quatro, essas fases demarcam influências, diálogos e perspectivas do pensamento de Fisher. A primeira diz respeito aos primeiros escritos do blogue do autor, os temas de sua tese de doutorado, sua participação na CCRU, as filosofias de Espinoza e Deleuze, o abstencionismo político e a crítica cultural. A segunda fase, datada a partir de 2005, tange a aproximação de Fisher da “ideia comunista” por meio de diálogos com Zizek e Badiou, e também do pós-operaísmo italiano. Nesse momento, Fisher faz a análise da pós-modernidade e do mal-estar do “fim da história”, preocupando-se com as temáticas do sofrimento psíquico e a resignação política. A terceira fase abrange os anos de 2010 a 2014, que Marques e Gonsalves descrevem como “período gramsciano de Fisher”, um momento marcado pela preocupação com a “ação política concreta” e com o “problema da hegemonia”. Stuart Hall e Chantal Mouffe são as influências destacadas. Por fim, a última fase de Fisher seria aquela que rodeia os anos de 2014 a 2016, quando o autor britânico busca pensar a questão da consciência, de classe, de grupo, e sua elevação coletiva como resposta ao neoliberalismo, buscando inspiração na contracultura e nas teses de Lukács e Marcuse.

Configura-se, portanto, um mosaico formulado por Marques e Gonsalves como proposta de delimitação da obra de Fisher. Em sentido estrito, não se pode negar que os intérpretes captam, com competência, os elementos essenciais dessa organização sistemática. Contudo, sob uma perspectiva qualitativa, emergem certas implicações que extrapolam o caráter meramente organizativo desse exercício. É o caso da nossa proposta, que retoma a problematização de como a estreia de Fisher é posicionada e retratada nessa divisão de fases. Observa-se que o período inicial, compreendendo os escritos anteriores a *Realismo Capitalista*, como sua tese de doutorado e as primeiras postagens no blogue *k-punk*, ocupa um lugar marcado pela negatividade: trata-se do único momento da produção fisheriana em que a política não assume o centro do palco. Nota-se que, da segunda fase em diante, as questões e o pensamento político são progressivamente enfatizados, seja em uma escala crescente de

importância, seja por meio de diferenciações internas no aparato conceitual e em suas questões-problema.

Longe de representar um problema, uma desvirtuação ou coisa que o valha, o que temos aqui parece ser uma predileção de um tipo específico de sentido na interpretação, uma valorização do pensamento político em Mark Fisher. Ocorre que, naturalmente, a consagração dessa leitura se dá em diferenciação daquele Fisher que escapa a esse modelo, e que habita a “tateante, incerta e pessimista” primeira fase. O que vemos então é que, seja na “Construção de Mark Fisher” ou em suas quatro fases, temos a propensão ao Fisher intelectual orgânico engajado, militante influente na leitura sociológica de sua realidade, contraposto por um Fisher ainda incipiente sob seus futuros caminhos. Marques e Gonsalves reconhecem (2021, p. 177) que aspectos da primeira fase, como o pensamento de Espinosa e a cibernética, acompanhariam Fisher por toda a vida. No entanto, chama a atenção o fato de que, em todos os tópicos abordados em sequência — como o “lento cancelamento do futuro”, a privatização do estresse e o desejo pós-capitalista —, o foco recai exclusivamente sobre o Fisher de maturidade.

Essa primeira fase, relativamente menos destacada pelos nossos comentadores como de significativa relevância em um balanço de seu projeto filosófico, ainda assim não passa despercebida. Contudo, sua tematização por Marques e Gonsalves segue um caminho particular, é indiretamente abordada dentro de uma análise macroscópica sobre o significado histórico da produção filosófica da CCRU. Discute-se aqui a contribuição de Nick Land, coorientador de Fisher, junto a sua incorporação do ocultismo e da ficção científica futurista na produção teórica e, para além, a hiperstição enquanto prática teórica do coletivo de pesquisa, mesclando imaginação especulativa com análise sociológica, conformando mais do que um conceito, uma abordagem filosófica notabilizada pelos membros do coletivo.

A contextualização dessa ambiência intelectual é útil para Marques e Gonsalves na medida em que abre alas para o exame da tese de doutorado de Fisher, *Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory Fiction*, de 1999. Nossos interlocutores introduzem essa obra como um elemento que “traduz bem os interesses da CCRU pelo *cyberpunk* e por filosofias anti-humanistas” (MARQUES; GONSALVES, 2020, p.172). E, ademais, tecem o seguinte comentário, após um balanço dos principais conceitos desta obra:

Sua postura frente ao marxismo é, para dizer o mínimo, ambígua: se o Marx que desvenda os “poderes necromânticos” do capital é uma espécie de precursor do materialismo gótico, Fisher desdenha de um “antropo-marxismo” cuja metafísica humanista postula uma “agência humana transcendente e autêntica” que poderia superar o capital. “Tudo o

que é sólido”, Fisher parafraseia a famosa frase do manifesto, “se desmancha no virtual e no abstrato” – não há nenhuma essência humana pristina à qual retornar. “Alienados e gostando”, era um dos slogans do CCRU. (MARQUES; GONSALVES, 2020, p. 172-173).

Deste excerto pode-se perceber a presença do marxismo como algo no sentido de uma chave de leitura, ou um referencial, para Marques e Gonsalves analisarem a obra de Fisher. Este fato é significativo, pois Fisher, ao longo de sua obra, explorou linhas diversas de pensamento e ideias derivadas de múltiplas tradições. A tentativa de enquadramento de suas ideias em correntes díspares de pensamento é demonstrativa dessa abertura na obra de Fisher. Não dificilmente observa-se o autor sendo debatido nos marcos da teoria marxista, da filosofia espinozista, do espectro político aceleracionista, etc. Ainda assim, a conclusão chegada pelos comentadores aqui é a de uma posição de estranhamento entre Fisher e a interpretação tradicional do marxismo, bem como uma refração entre as posições de Fisher e as da CCRU.

Em primeiro lugar, na fase inicial de Fisher, não é difícil identificar momentos de distanciamento em relação à metafísica marxista ortodoxa. Nas palavras do autor: “Enquanto o antropomarxismo ainda postula um agente humano transcendente e autêntico que poderia superar o capital, o materialismo gótico assume que o materialismo real deve envolver a imanentização total” (FISHER, [1999] 2018a, p. 15. Tradução nossa). Nota-se a procedência da observação de Marques e Gonsalves, pois, de fato, Fisher não pretende restringir-se ao marxismo ao confrontar a questão ontológica, a do ser do sujeito no mundo e sua capacidade de agência. Contudo, a noção do marxismo como referencial para a obra de Fisher permanece relevante, na medida em que os comentadores acrescentam:

Progressivamente, no entanto, a partir do diálogo com outros participantes dessa rede de blogs – os amigos Nina Power e Alberto Toscano, Owen Hartherley, Alex Williams – Fisher vai se afastando cada vez da retórica agressivamente anti-humanista e da postura antipolítica do ccr, movendo-se em direção a uma compreensão da modernidade mais próxima dos termos clássicos da esquerda socialista. Fisher confessa, parafraseando Kant, que foi a leitura de Slavoj Žižek que o despertou por fim de seu “sono pós-político” (MARQUES; GONSALVES, 2020, P.174).

Aqui temos uma segunda representação, dessa vez, ao invés do Fisher de maturidade, intelectual orgânico, leitor dos desafios da modernidade pela lente do socialismo marxista clássico, temos, pelo inverso, o Fisher de juventude que tateia em meio a retórica anti-humanista e ao posicionamento antipolítica, e que, sobretudo, reproduz de maneira quase análoga, o cosmos conceitual da CCRU. Dois *Fishers*, em síntese, se fazem ver na recepção brasileira, não como um corte epistemológico, pois em lugar algum está desconsiderada a

dimensão da formação, os movimentos constituintes da transformação interna (e das continuidades) no pensamento desse teórico no decorrer do tempo, mas como tipos ideais, que nos ajudam a organizar as formas representacionais na interpretação do sentido da obra de Fisher por seus comentadores brasileiros.

Acreditamos na validade deste apontamento pois uma lógica similar se verifica no olhar de Antônio Galvão, outro comentador brasileiro que dedica todo um volume à obra de Mark Fisher, o já mencionado *Do Realismo Capitalista ao Comunismo Ácido* (2023). Galvão tem como proposta a sistematização da obra de Fisher por meio da exploração de certos conceitos fundamentais, como o realismo capitalista, a hauntologia e o comunismo ácido (esses três em especial constituem os eixos da obra). O objetivo do trabalho de Galvão é classificatório, baseado em Alysson Mascaro e em sua tradição de catalogação na filosofia do direito. O arranjo proposto por Galvão para analisar a obra de Fisher, depreende-se, expõe de modo substantivo sua justificativa de pesquisa; contudo, a compreensão desta última pressupõe, necessariamente, o entendimento da primeira.

Assim, amparado em Mascaro, Galvão diferencia o pensamento contemporâneo em três esferas: uma primeira liberal (positivista), associada aos marcos normativos da institucionalidade existente, da economia de mercado, da democracia formal e do direito positivo. Uma segunda zona é a do pensamento não liberal (não positivista), que abrange de conservadores e reacionários a progressistas, de Carl Schmitt a Foucault, unidos por um entendimento das estruturas do poder como entes mais profundos do que as premissas normativas e institucionais mais elementares da sociedade capitalista realmente existente. O último agrupamento se trata do caminho marxista, ou caminho crítico (crítica como sinônimo de marxismo), e fundamentalmente se baseia na crítica da economia política e no horizonte emancipatório de superação do capitalismo.

Nota-se aqui a convergência analítica entre Galvão, Marques e Gonsalves. O Fisher associado a uma esquerda socialista tradicional — com maior valorização da dimensão política e fundamentado na filosofia marxista, denominado por Marques e Gonsalves como “Fisher de maturidade” — assemelha-se ao Fisher apresentado por Galvão, o qual se encontra enraizado em uma vertente do pensamento contemporâneo descrita como “crítica”. Não obstante, Galvão afunila a cartografia das influências de Fisher ao situá-lo no horizonte do “novo marxismo”, expoente da *Neue Marx-Lektüre* (Nova Leitura de Marx), conforme formulada por Ingo Elbe. Essa perspectiva afasta-se tanto do marxismo ortodoxo quanto do marxismo ocidental (GALVÃO, 2023, p. 28), aproximando Fisher de uma tradição

althusseriana que, para Galvão, possui em seu iniciador, Louis Althusser, o marco de cisão entre o marxismo ocidental e o “novo marxismo”.

Os motivos desta conclusão de Galvão são um tanto incertos. Fato é que nas referências de Fisher para os debates que travou, Althusser aparece sem posição de destaque, se considerarmos um critério quantitativo, de vezes citadas, e qualitativo, da importância de Althusser para a argumentação. Outra possibilidade seria pensar os marcos do materialismo estruturalista, e o papel de Althusser neste. Ellen Wood (2006) é quem discute o significado histórico desta tradição nos marcos gerais do marxismo, e no que constata sobre a contribuição no debate teórico acerca das sobreposições de camadas da análise sociológica das estruturas político-econômicas, na crítica à tradição “humanista” e em ter sido criticado pelo apego a categorias economicistas, pouco se identifica do althusserianismo na obra de Fisher. Talvez, ao invés da tradição de Althusser, o comentário de Galvão melhor se adeque ao pensar a contribuição do próprio Althusser na teoria política, com a valorização da análise das formas ideológicas de dominação, e a possível vinculação com a categoria de realismo capitalista. Ainda assim, os marcos teóricos desta última também bebem de outras fontes, o que também dificulta a associação.

Assim, seja no balanço de Marques e Gonsalves sobre os distanciamentos entre Fisher e Marx, ou na sistematização de Fisher por Galvão dentro de uma corrente de pensamento *novo-marxista*, observa-se uma tendência da recepção do teórico britânico em priorizar sua leitura mediante o marxismo enquanto seu prisma teórico-filosófico. E este Fisher substancialmente marxista seria então aquele adepto da linha de reflexão e prática de entendimento e transformação da sociedade a partir da crítica da economia política, em oposição às injustiças do presente que se originam e se perpetuam por meio do capitalismo, e cuja resolução depende da superação deste modo de produção (Galvão, 2023, p. 27-28).

É inegável a recorrência e a constância de Marx na obra de Fisher. Os vínculos entre os dois pensadores são múltiplos, desde a adesão de Fisher às bases da economia política marxiana, até a pertinência da teoria da alienação do trabalho para a crítica da ideologia feita por Fisher em *Realismo Capitalista*. Nossa análise da recepção destaca, porém, como para seus comentadores, Galvão em maior medida, pelo exercício de catalogação, o marxismo aparece enquanto um referencial genealógico expressivo para o pensamento fisheriano. Todavia, nesta característica da recepção de Fisher, nossos comentadores lidam de diferentes maneiras com os momentos de distanciamento de Fisher da obra marxiana.

Galvão, igualmente a Marques e Gonsalves, produziu uma reconstrução das obras de estreia de Fisher do fim dos anos 1990 e do começo dos anos 2000, e sobre ela edifica uma interpretação. Como os dois primeiros comentadores, ele aborda a existência e o significado da CCRU para a formação de Fisher e para o debate filosófico britânico do fim do século passado, aborda também a presença da filosofia continental francesa no pensamento de Fisher, juntamente com a importância da crítica cultural. Mas Galvão vai além ao explorar um pouco mais alguns conceitos do Fisher pré-*Realismo Capitalista*. Noticia-se aqui, por exemplo, o materialismo gótico e a teoria-ficção, ideias fundamentais desenvolvidas por Fisher em sua tese de doutorado e que detalharemos posteriormente. Cabe aqui notar, entretanto, alguns juízos feitos por Galvão acerca desta obra e desta fase.

O que aqui temos de mais importante é a seguinte consideração de nosso intérprete:

Finalmente, como característica marcante desta fase, *de rigor pontuar que se trata de uma fase não-crítica de Fisher*, que, apesar de estar embebida por conceitos marxistas, oscila entre o liberalismo e o não liberalismo, ainda sob influência do CCRU, o qual não deixava de abraçar muitas das concepções neoliberais, naquilo que o teórico Benjamin Noys espíritosamente designou como “thatcherismo deleuziano” (Noys, 2014), tratando-se assim de uma fase não marxista do pensamento de Fisher (GALVÃO, 2023, p. 36, grifo nosso).

Galvão, ao classificar a primeira fase do pensamento de Fisher como “não crítica” está, em um sentido estrito, demarcando a diferença do pensamento de Fisher para com a filosofia marxista, mas, em um sentido mais aberto do termo, está colocando Fisher como um condescendente ou até mesmo um apologista da ordem capitalista e da governança neoliberal. Essa fase “acrítica” de Fisher é aquela que Galvão intitula como “do pós-modernismo”, indo de julho de 1999 a junho de 2005 (GALVÃO, 2023, p.35) e deve seu traço distintivo à presença de teóricos como Deleuze e Guattari, Baudrillard, Ballard, William Gibson, e Donna Haraway em meio às teses do filósofo.

O Fisher pós-moderno — aquele interessado em metodologias híbridas e na contaminação da filosofia pelas ciências naturais e pelo esoterismo; atento à nascente cibercultura e articulando a teoria cultural em diálogo com a cibernética; praticante, por fim, de uma experimentação conceitual rizomática, a teoria-ficção, que funde o gênero literário à escrita teórica para produzir uma potência especulativa que imbrica ficção e realidade — é considerado por Galvão uma ‘plataforma inicial’. Trata-se do ponto de partida para o Fisher da ação política concreta, em uma alternância descrita por Galvão como uma “elevação” ou um “salto categorial”, que sustentaria a passagem da fase “acrítica” para a fase “crítica”. Como se observa abaixo:

E assim é possível estabelecer a virada conceitual da primeira para a segunda fase de Fisher, com a adoção do conceito de realismo capitalista como substituto para a expressão pós-modernismo, não se tratando aqui de uma simples alteração semântica, mas sim de um verdadeiro salto categorial, que representou não apenas um deslocamento da produção do autor, que muda seu vetor de reflexões da crítica cultural para a teoria e intervenção política, mas de horizonte de mundo, porquanto é a formatação desse conceito que marca de modo muito evidente a elevação do pensamento de Mark Fisher ao campo do caminho da crítica e do marxismo, porquanto, até aquele momento, Fisher se mostrava pouco claro ou vacilante quanto à mirada de superação do capitalismo, ou seja, apesar de sua base marxista de crítica à economia política, o horizonte pós-capitalista ou comunista não se fazia evidente em seus escritos (GALVÃO, 2023, p. 38).

A ausência de uma associação direta com o marxismo e de um "horizonte pós-capitalista" leva Galvão a diagnosticar essa fase como acrítica. No entanto, se tomássemos o termo "crítica" em um sentido mais amplo, poderíamos ver Fisher como um autor interessado na produção de um materialismo espinosista capaz de pensar os processos desterritorializantes e interativos do capitalismo no fim do século XX. Nessa conjuntura, a digitalização das mídias e a imersão dos sujeitos em circuitos virtuais representavam um novo capítulo histórico, que confluiria no que hoje se analisa como "capitalismo de plataforma".

Mas atendo-nos à recepção, cabe ainda tentar compreender qual o motivo desta compreensão de Fisher enquanto teórico acrítico e apolítico em seus primeiros trabalhos, compreensão essa que se antagoniza à representação do intelectual engajado de suas últimas décadas de produção e vida. Em nosso panorama das ideias de Marques, Gonsalves e Galvão, pudemos observar a formação de uma primeira geração de leitores de Mark Fisher no Brasil. E, avaliando suas considerações sobre a obra de estreia de Fisher, pudemos também perceber como tais autores vão além da mera reconstrução de ideias, produzindo uma significação própria do texto fisheriano. No caráter destas ideias, principalmente no seio daquelas que evocam questões candentes e inauguram polêmicas, podemos tentar aferir os pressupostos e fundamentos que amparam tais juízos qualitativos, a fim de compreender sua origem.

Nossa aposta para essa questão nos leva de volta a Jauss, particularmente ao conceito de Horizonte de Expectativas (*Erwartungshorizont*) formulado por esse teórico da recepção literária. É em *Towards an Aesthetic of the Reception* (1982) que Jauss melhor elabora esta categoria que corresponde a uma característica fundamental a todo o processo interpretativo, uma estrutura de interpretação historicamente situada que se constitui do conjunto de referências que molda a recepção de uma obra literária. Estas referências podem dizer respeito às normas e convenções do gênero da obra, conhecimento prévio de obras anteriores ou experiências múltiplas da cultura. O importante é que estas referências mediam uma relação

historicamente e culturalmente situada entre leitor e obra. O horizonte de expectativas de Jauss pressupõe então que:

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação, predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do 'meio e do fim' da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desprezadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto (JAUSS, 1993, p. 66-67).

Este efeito da obra enquanto um arcabouço das crenças, princípios assimilados e ideias aprendidas ocorre no próprio leitor:

[...] há um saber prévio, ele próprio ele mesmo um produto dessa experiência com base no qual o novo que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispoem seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida (JAUSS, 1994, p. 28).

É desta maneira que o horizonte de expectativas de uma obra permite determinar seu caráter empírico pelo tipo e pelo grau de sua influência sobre um público presumido, na fusão de seus horizontes pretéritos de criação do texto com os horizontes presentes do intérprete, formando assim a compreensão (*Verstehen*). Muito ilustrativo disso é a analogia feita por Paul de Man sobre este processo:

A situação é comparável à relação dialógica que se desenvolve entre o analista e seu interlocutor na psicanálise. Nenhum dos dois conhece a experiência em discussão; eles podem, de fato, nem saber se tal experiência existiu. O sujeito é separado dela por mecanismos de repressão, defesa, deslocamento e similares, enquanto, para o analista, ela está disponível apenas como um sintoma duvidosamente evasivo. Mas essa dificuldade não impede que um discurso dialógico com pelo menos algum valor interpretativo ocorra. Os dois "horizontes", o da experiência individual e o da compreensão metódica, podem se engajar e sofrerão modificações no processo, embora nenhuma das experiências possa jamais se tornar totalmente explícita (MAN, 1982, p. 12. Tradução nossa).

É neste ínterim que acreditamos ver nas leituras de Marques e Gonsalves, bem como na de Galvão, um enquadramento de expectativas baseado, em grande parte, no movimento de chegada de Fisher no Brasil. Fisher foi recebido, pela primeira vez em terras brasileiras no ano de 2020, com seu *Realismo Capitalista*, publicado pela editora Autonomia Literária. Neste ano, a sociedade global perpassava momentos cruciais na história recente: a chegada da pandemia de COVID-19, oficialmente decretada uma epidemia global pela OMS em 11 de março, ocasionava colapsos de sistemas de saúde públicos e privados, mudança de dinâmicas

sociais com a implementação mais ou menos rígida de modelos de isolamento social, corridas científicas pelo estudo do vírus e o desenvolvimento de vacinas e consequências políticas e econômicas de dimensões tectônicas.

A experiência geral dessa conjuntura foi a calamidade social, tendo o ano de 2020 se encerrado com um saldo macabro de quase 2 milhões de mortes pelo vírus confirmadas no mundo (ainda que a estimativa real seja maior em virtude dos numerosos casos de subnotificação)⁸. A debacle econômica, por sua vez, registrou números impressionantes, como a contração de 3,1% na economia mundial com queda de 4,5% nas economias avançadas, 2,1% nas economias emergentes, tendo o Brasil fechado com uma queda de 4,1% de seu produto interno bruto neste ano⁹. Já no cenário político, 2020 marcou-se pela saída oficial do Reino Unido da União Europeia, movimento que significou a prevalência da soberania nacionalista sob o globalismo, findando um alinhamento supranacional existente há mais de quatro décadas. Nos EUA, as manifestações de massas em revolta pelo assassinato policial de um homem negro, George Floyd, ocasionaram o irrompimento de um movimento social e político de reivindicação de direitos para a comunidade afro-americana e denúncia de brutalidades cometidas pelas forças policiais. Esse capítulo significou não somente mais um tensionamento social em torno da questão racial nos EUA, mas um sintoma de uma convulsão social típica de uma sociedade de crescentes antagonismos políticos internos.

A crise política, econômica e social internacional encontrou a crise brasileira, exponenciando-a. Nosso contexto foi o de desmantelamento do sistema de saúde pública brasileira (SUS), descredibilização da ciência e negligência de controle sanitário, justamente em meio ao surto pandêmico, por obra do governo neoliberal e autoritário de Jair Bolsonaro. O resultado oficial dessa biopolítica de cariz eugenista foram as 194.949 vidas perdidas, apenas em 2020 para o coronavírus no Brasil¹⁰. A catástrofe abarcou também a política brasileira, com a fragilização sistemática do regime democrático. A participação do ex-presidente Bolsonaro em atos antidemocráticos, como o de 19 de abril, quando discursou para manifestantes que pediam explicitamente uma intervenção militar, fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal e a volta do brutal Ato Institucional nº 5 da ditadura militar, foram marcas de uma ascensão neofascista na política nacional. Para além, a

⁸ Dados do Worldmeters, até 28/12/2020.

⁹ INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook, October 2021: Recovery During a Pandemic — Health Concerns, Supply Disruptions, and Price Pressures. Washington, DC: IMF, 2021.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. Brasília: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 18 jan. 2026.

fundação do esquema de sequestro do orçamento público pelo Congresso Nacional em forma de emendas parlamentares (RP-9) sem mecanismos bem estruturados de transparência, constituindo o chamado “orçamento secreto”, suplementou a paisagem do absurdo institucional brasileiro em 2020.

É nesse contexto que Fisher chega ao Brasil. Se no lançamento original de seu *Capitalist Realism* (2009), no Reino Unido, as ideias de Fisher já foram adotadas pelos manifestantes dos levantes antiausteridade de 2010, iniciado pelas manifestações estudantis contra a triplicação das anuidades universitárias e o corte no financiamento público do ensino superior, o Fisher, pioneiramente traduzido no Brasil, em 2020, chega com um mesmo espírito de combatividade classista. Os próprios Marques e Gonsalves nos reiteram essa leitura no seguinte comentário:

E por que ler Fisher hoje no Brasil? Porque, como o leitor brasileiro pode agora atestar, seu diagnóstico das patologias do neoliberalismo tem muito a dizer sobre nosso próprio mal-estar. Apesar das idiossincrasias caracteristicamente britânicas, que por vezes chegam a dar a algumas formulações um ar quase provincial, seu objeto é o capitalismo neoliberal globalizado – os bloqueios e sofrimentos de uma sociedade de classes em que a consciência de classes se encontra largamente adormecida (MARQUES; GONSALVES, 2020, p.165).

A abordagem de nossos comentadores do adormecimento da consciência de classe – fenômeno vastamente discutido na literatura crítica sobre o neoliberalismo, mas que aqui aparece sob uma perspectiva brasileira – revela preocupação com a nossa crise civilizatória. Afinal, apenas com uma classe trabalhadora apática, com uma aceitação da minoridade política e uma naturalização da barbárie, pode-se levar a cabo um projeto político de sucateamento de serviços públicos essenciais, exploração predatória de recursos naturais, aumento da concentração de riqueza e da desigualdade social, e tudo aquilo mais que na conjuntura em questão, convencionou-se a chamar “passar a boiada”¹¹. Não obstante, a reflexão é levada para um nível ainda mais específico:

Da decomposição do movimento operário às patologias do fim da história, chegando enfim à ascensão de um populismo “nioliberal” libidinalmente impulsionado por fantasias nostálgicas (em Trump ou Bolsonaro), lidamos aqui com uma prática teórica que é conscientemente, em obediência à tese 11 de Marx, não apenas um exercício de representação do mundo, mas um esforço para transformá-lo (MARQUES; GONSALVES, 2020. P.166).

¹¹ A expressão notabilizou-se pela fala do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, na reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Refere-se à tática de instrumentalizar o deslocamento do interesse público — voltado, à época, à crise sanitária da COVID-19 — para viabilizar reformas infralegais. Por meio de portarias e decretos, tal estratégia visava contornar o debate legislativo e acelerar o desmonte de marcos regulatórios ambientais e da própria estrutura administrativa do Estado.

Temos aqui de maneira manifesta a conexão entre o aspecto militante da obra de Fisher pioneiramente trazida ao Brasil e as urgências da conjuntura política de nosso país assolado pelo avanço de forças antidemocráticas com sustentação internacional. A estas últimas, Marques e Gonsalves associam o neologismo “nioliberal”, em referência a leitura de que a inteligibilidade social do neoliberalismo movida pela constante competitividade hobbesiana de todos contra todos produz um desenraizamento de valores como responsabilidade, verdade, justiça, consequências e futuro, como afirma Wendy Brown (2023, p.11) nomeando este fenômeno como “tempos niilistas”. O Fisher “teseonzista” pode ser então lido como um contra-ataque a esse contexto.

É nesse sentido que o interesse teórico e político se converte em interesse simbólico sob o crivo paratextual da editoração. Não se pode desprezar o papel que o selo editorial de uma obra empenha em seu enquadramento ideológico, na construção de cânones ou diálogos intertextuais e, em um sentido mais profundo, na construção de um capital simbólico. A casa de Fisher no Brasil até então tem sido a editora Autonomia Literária, reconhecida pelo diálogo constante com movimentos sociais, intelectuais e coletivos independentes. A editora que tem em seu conselho editorial nomes consagrados como os de Michel Lowy, Leda Paulani, Jean Tible e Esther Dweck se orienta pela difusão do pensamento crítico transformador e pela superação das relações mercadológicas.

Indo além do selo editorial, a ordem sequencial de publicação de suas obras no Brasil parece influir nesta linha interpretativa de qual o Fisher optado. Enquanto *Flatline Constructs* e o *K-Punk* só ganharam versões físicas (no original) após a morte de Fisher, e até hoje contam com uma ínfima quantidade de traduções no estrangeiro, *Capitalist Realism*, sucesso imediato, ganhou tradução em diversos idiomas, inclusive no português brasileiro. Deste modo, o debate sobre Fisher, brasileiro ou internacional, nos nichos especializados ou em meio ao grande público, teve como ponto de partida uma teia específica de expectativas referentes ao gênero do texto, seu panorama teórico-filosófico e a função política da teoria.

O Fisher tomado como parâmetro, nos três critérios acima elencados, é então o ensaísta político-ideológico, mais do que o crítico cultural, dado o gênero de *Realismo Capitalista*, e somente *a posteriori* a chegada de *Fantasma de Minha Vida*, em 2022, e a falta de tradução de suas demais obras. Vemos isso na análise feita por Galvão sobre o lugar do conceito de realismo capitalista na obra de Fisher. Possuindo efeito de *práxis* inevitável, esse diagnóstico da distorção neoliberal na consciência histórica suscita um prognóstico de combate comprometido a “desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e

disponíveis até que o politicamente impossível se torne politicamente inevitável” (FISHER, 2020, p. 142). Galvão chega a qualificar o realismo capitalista como ápice filosófico da obra de Fisher (GALVÃO, 2023, p. 75).

Ocorre que, como consequência do ensaio político ideológico como referencial da obra de Fisher no Brasil, mesmo conceitos mais arraigados de sua crítica cultural ganharam uma carga extra de práxis, como é o caso da hauntologia, na leitura de Galvão. Esse conceito, de inspiração derridiana, refere-se à ontologia dos fantasmas, dos seres que existem na ausência, da carga de negatividade presente em todas as coisas, a agência do virtual, aquilo que age sem existir (fisicamente), nas instâncias do que não mais é, ou ainda não é. À hauntologia, Fisher dedica toda uma obra, *Ghosts of my Life* (2014), que tem como tese central o fato de que a cultura popular do século XXI esteve marcada por um anacronismo e inércia típicos de uma crise de desorientação temporal, com um adendo de que, porém, tal sentimento de imobilidade foi sepultado e enterrado “embaixo de um frenesi superficial no movimento perpétuo da “novidade”” (FISHER, 2022. p. 24). Ainda que a hauntologia de Fisher possua uma dimensão afirmativa em meio à melancolia, Galvão lê o conceito como um eixo de positivação. Para o autor, trata-se de um viés propositivo que mapeia pontos de exterioridade persistentes sob a dominância do capital. Esses pontos operam como um 'luto fracassado' que se retroalimenta, produzindo empuxos libidinais capazes de fomentar desejos revolucionários e permitir o escape do realismo capitalista.

A leitura do conceito de hauntologia de Galvão é altamente original e fecunda, mas nosso ponto aqui está no fato de que este conceito é pensado e aplicado por Fisher nos meandros da crítica cultural, e não propriamente da crítica da ideologia política. É pioneiramente com Galvão que a hauntologia aparece no sentido da constituição de uma teoria política, um binômio: realismo capitalista como eixo negativo, hauntologia como eixo positivo.

Galvão constrói ao redor deste conceito, e do conceito de realismo capitalista, uma teoria filosófica na qual a constante e a diretriz são o combate ao fatalismo neoliberal, a disputa pela hegemonia, a politização do sofrimento psíquico e a denúncia da ontologia empresarial. A escolha feita por este comentador é a de secundarizar a crítica da cultura e seus aspectos adjuntos. Neste recorte e nessa releitura que se pode ver o conjunto de expectativas construído ao redor da obra de Fisher e da chegada primeira de seu *Realismo Capitalista*, que influencia a leitura de suas obras posteriormente traduzidas.

A partir destas expectativas, do gênero literário do ensaio político-ideológico, da menor publicização do debate da cultura em Fisher, da ordem de publicação e dos selos editoriais de suas obras, que podemos entender, em partes, a opção por um Fisher intelectual engajado anti neoliberal, com um pensamento amadurecido em sua guinada marxista, cuja preocupação com os aspectos simbólicos, culturais e ideológicos da luta de classes confluiu em seu *Realismo Capitalista*. Esse Fisher, definido em contraste com o que seus comentadores identificam como uma fase incipiente e experimental, voltada à crítica cultural, à ficção científica *cyberpunk*, ao horror gótico e à teoria literária sob uma perspectiva filosófica, constitui o que, na sua recepção, denominou-se como uma etapa 'pré-crítica'.

Notamos esse movimento, mas sem pretender levantar uma negação crítica, pelo fato de que essa leitura é substancialmente consequente e embasada, de modo que nossos comentadores lançaram um olhar nuançado que deu conta da apreensão de um lado da obra de Fisher. Não se pode negar que Fisher dedicou esforços teóricos para o projeto de se produzir um sujeito coletivo capaz de contrapor o mal-estar do capitalismo tardio rumo a um horizonte pós-capitalista. Basta ver seu último escrito, o *Acid Communism*, no qual Fisher termina recuperando a palavra de ordem dos autonomistas italianos: “*Zerowork for income; Automate all production; All power to living labor; All work to dead labor*”¹² (FISHER, 2018b. p.797), em um esforço propositivo para recuperar as perspectivas emancipatórias dos anos 1970 — e inspirado pela visão de Ellen Willis de uma revolução social e psíquica de magnitude quase inconcebível —, ou em formulação original, “uma nova humanidade, um novo olhar, um novo pensamento, um novo amar: essa é a promessa do comunismo ácido” (FISHER, 2018b. p.793. Tradução nossa).

Contudo, se nosso intuito não reside na crítica a essa interpretação, ele se volta à abertura de possibilidades para a leitura de um Fisher distinto, complementar àquele bem destacado por sua recepção brasileira, mas que ainda carece de uma devida atenção, especialmente naquilo que pode alcançar a história intelectual. O Fisher do final da década de 1990 e do início dos anos 2000, até o momento de publicação de seu *Capitalist Realism*, em 2009, é nosso alvo. Não por ser uma contraposição do Fisher consagrado em sua força teórica para a luta política antineoliberal, o Fisher ‘de maturidade’, mas por sua singularidade, na relevância própria de suas ideias naquele contexto histórico, e mesmo no papel dessas ideias na formação do Fisher dos anos 2010 em diante.

¹² “Renda básica universal; Automação de todo o trabalho; todo poder ao trabalho vivo; todo o labor ao trabalho morto.” Em tradução livre.

2. ACELERAÇÃO, MÚSICA E PÓS-MODERNIDADE NA UNIDADE DE PESQUISA EM CULTURA CIBERNÉTICA (CCRU)

O céu sobre o porto tinha a cor de uma televisão sintonizada num canal fora do ar.

William Gibson, *Neuromancer*

Analisar a obra de Fisher sob o recorte de seus escritos iniciais, a partir da perspectiva da história intelectual, possibilita o desvelamento de suas potencialidades teórico-filosóficas. Por ser o período de sua produção menos debatido e contemplado pela fortuna crítica, seu percurso intelectual inicial acaba por ser relegado a um relativo esquecimento. Entendendo que o trabalho de Fisher, a partir de *Realismo Capitalista*, foi amplamente discutido e referenciado em virtude de sua aplicabilidade prática para os problemas teóricos da luta política concreta contra o neoliberalismo, acreditamos que o ofuscamento dos textos primevos de Fisher se deu de maneira não intencional, dado que seu enfoque e direcionamento simplesmente não se compatibilizavam com os propósitos desta sua recepção mais habitual.

Recuperar, historicamente, esse conteúdo tangenciado do pensamento de Fisher nos leva a diversos caminhos, dentre os quais se pode observar mesmo o conteúdo ontológico da obra literária. Fisher, enquanto teórico, abriu novos mundos, por meio de sua produção literária, de maneira a ir além da mera demarcação de fatos, contextos ou referências, à uma realidade empírica. Sua escrita inaugurou novas possibilidades por meio da imaginação e da formulação, constituindo um objeto com *ser* próprio e que pode ser explorado em meio a suas intenções, recuos, questões e interações. Para dar início a essa incursão, faz-se útil pensar primeiramente no aspecto das interações, na ambiência intelectual ao qual seu pensamento se inseriu. Trata-se da participação de Fisher na *Cybernetic Culture Research Unit (CCRU)*. Esse aspecto nos surge de antemão pois, tendo sido um dos mais proeminentes nomes do coletivo, Fisher teve sua obra inicial marcada por ele, bem como, nos textos da CCRU, é possível identificar as marcas de Fisher.

A experiência da CCRU é lida historicamente ainda de maneira muito fragmentária, tendo em vista a inexatidão de muitas das informações que circundam o coletivo e seus trabalhos, formando algo mais próximo de uma mitologia do que propriamente de uma trama histórica. Por certo, foi da própria intenção da unidade de pesquisa, em seu ímpeto marginal, se esquivar de delimitações precisas, que acabariam por encerrar sua potência nas grades de

um significado. Assim podemos ver no grau de abstração da auto-definição contida em um de seus textos coletivamente assinados:

Ccru consiste em Convergências de Enxames Datáveis em processo. Não possui genealogia, centro geográfico, atribuição biográfica ou dependência institucional. Ccru se desencadeia retrocronicamente a partir de outubro de 1995, utilizando uma universidade do Reino Unido como habitat temporário. Sua emergência é sequenciada e acelerada por uma série de singularidades (Limiares de Barker): as conferências *Virtual Futures* (primavera de 1994, 1995, 1996), o livro *Cyberpositive Of rphan] D[rift]* (1995), a revista **** collapse* (1995-1996), o evento *Afro-Futures* (fevereiro de 1996), a zona de experimentação *breakbeat Ko:Labs*, o evento *Virotechnics* (outubro de 1997) e a colaboração *Switch/O[rphan] D[rift]* (Beaconsfield Arts Centre, Londres, outono de 1998) (CCRU, 2015, pos.44. Tradução nossa).

Uma das gêneses mais nítidas dessa denominada *(Id)entity* reside nos eventos promovidos por pós-graduandos e seus orientadores na Universidade de Warwick. A importância de tais instâncias para a conformação da *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) é evidenciada pelo relato de uma de suas ex-integrantes, Maya B. Kronic, em entrevista concedida a Christopher Haworth em 2019. Kronic (2019, s/p) destaca, particularmente, a conferência *Virtual Futures*, sobre a qual relata:

Foi uma coagulação daquele grupo misto de estudantes e seus diferentes interesses, e também trouxe pessoas de lugares mais distantes que compartilhavam esses interesses. Nos primeiros anos, ela se inclinava mais para o lado da *Wired*, especulações sobre o futuro da tecnologia, mas também com uma forte corrente de ciberfeminismo e interesse pelo espaço de interferência entre ficção e filosofia. As conferências apresentaram muita especulação sobre o ciberespaço, a ligação entre tecnologia e mudança social, entre outros. O primeiro foi um evento pequeno, no estilo acadêmico, com trabalhos e painéis de discussão, mas o evento explodiu para dez vezes maior em 95. Havia pessoas como Manuel DeLanda que faziam trabalhos sincréticos reunindo teoria da complexidade e ousadas teses sociológicas ou políticas sobre tecnologia, e essencialmente, havia muita fertilização interdisciplinar acontecendo. Acho que, do lado de Warwick, muito disso já vinha da percepção de que, em *Capitalismo e Esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, eles estavam abordando de forma premonitória muitas dessas questões sobre complexidade, cibernética, economia, desejo e o social, de uma forma que antecipava o entrelaçamento dessas coisas que se tornava cada vez mais relevante à medida que nos aproximávamos do século XXI. (KRONIC, 2019, s/p. Tradução nossa).

Cibernética, Cibercultura e Pós-Estruturalismo são eixos temáticos que atravessaram todo o percurso de vida da CCRU, bem como das obras individuais de seus membros, como Nick Land, Sadie Plant e o próprio Mark Fisher. Mas nos eixos temáticos de cada uma das edições da *Virtual Futures* (doravante *VF*) é possível ver movimentações que denotam acontecimentos determinantes na história do coletivo, como assim alude Kronic. Nota-se, em primeira análise, que a CCRU só começa a existir, enquanto grupo, em 1995, se auto identificando com a nomeada sigla. E tendo a primeira *VF* ocorrido em 1994 é possível

observar o que foi a ambiência fundacional do que viria a ser a Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética.

Um panorama fidedigno do conteúdo da *VF 94* é apresentado na resenha do teórico estadunidense Charles J. Stivale, participante do evento¹³. O texto descreve um intenso embate intelectual: de um lado, Nick Land e seus adeptos defendiam uma teoria e uma prática política de desterritorialização absoluta e esquizoanálise radical, fundamentadas em uma leitura de *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari; de outro, Manuel De Landa e o próprio Stivale, baseados em *Mil Platôs*, sustentavam uma posição de aceleração cautelosa dos fluxos do capital, do Desejo e da informação, prezando pela precaução no intuito de evitar uma subsequente reterritorialização forçosa.

O clímax desse evento é descrito por Stivale como a apresentação da palestra *Meltdown* de Nick Land. Esse ensaio, apresentado como palestra em 1994 e publicado em texto em 1995, é considerado canônico tanto para a produção teórica circundante a CCRU quanto da própria obra de Land. Seu conteúdo é incendiário, seja na forma que funde a escrita ficcional junto a uma teoria social rizomático-especulativa, quanto no significado das ideias, que preconizam entusiasticamente um futuro distópico onde o Capital atua como entidade autônoma de inteligência de aceleração dos fluxos desterritorializantes rumo a um colapso da ordem humana. “O homem é algo a ser superado: um problema, um atraso” (LAND, [1994] 2013, pos.6092. Tradução nossa). O mercado, o comércio digital, a informação virtualizada, esse complexo constitui o novo sujeito histórico, agora livre de seu antigo hospedeiro humano. A história segue assim:

A Terra é capturada por uma singularidade — tecno — capitalista — como — racionalização renascentista e a navegação oceânica leva à decolagem da comoditização. Acelerando logisticamente a interatividade tecno-econômica, destruindo a ordem social em uma auto sofisticada máquina de fuga. À medida que os mercados aprendem a fabricar inteligência, a política se moderniza, aprimora a paranoia e tenta recuperar o controle. (LAND, [1994] 2013, pos.6052. Tradução nossa).

Atentarmo-nos a esse ensaio significa avistar características definidoras desse primeiro momento anterior à “formalização” da CCRU por meio de um de seus protagonistas, Land. À época, *Meltdown* foi recebido com suspeição. Stivale narra a contestação feita por dois dos ouvintes da conferência após a leitura, David Porush, que sugere haver em Land um prazer pelo horror, e Stelarc (pseudônimo de Stelios Arcadiou), que indaga sobre uma possível

¹³ STIVALE, Charles J. **Virtual Futures '94: Synopsis**. Virtual Futures, 28 mai. 1994. Disponível em: <https://www.virtualfutures.co.uk/discover/charlesstivales-vf1994>. Acesso em: 30 jan. 2026.

tecnofobia no texto, bem como apresenta dúvidas sobre o caráter político da obra, se Land falava pelos “de baixo para cima” ou o inverso. A leitura mais atual desse texto, como feita pelo filósofo chinês Yuk Hui (2020, pos.662), descreve-o nos marcos de uma crítica neorreacionária ao projeto iluminista, paradoxalmente denotando como este não foi realmente implementado. Com Hui podemos então ler *Meltdown* como uma crítica à modernidade, mas que definitivamente se enquadra por fora dos padrões convencionais, seja à esquerda ou à direita.

A ideia de que a *VF 94* foi marcada pela influência das ideias de Nick Land, e a inclinação para a leitura heterodoxa da Filosofia Continental Recente, à época também ministrada em Warwick por Keith Ansell-Pearson, é corroborada por Maya B. Kronic, que narra o protagonismo do grupo de pós-graduandos de Land na conferência. No ano seguinte, a *VF 95* escalona as proporções, de uma pequena conferência para um evento que agregou centenas de participantes. Existe divergência nas fontes quanto ao quantitativo total de palestrantes e ouvintes, participantes no geral, a terem participado da edição de 1995. O grupo visitante coreano, JoongAng Daily, menciona cerca de mil pessoas¹⁴; Já o correspondente do Times Higher Education, Tony Durham, menciona 540 participantes, destacando ser esse número o dobro da edição anterior do evento. Independentemente, outro marco do crescimento do evento é sua lista de palestrantes convidados, que repete Manuel De Landa e Land, mas conta agora com nomes como de Alan Moore, Franco Berardi e Sadie Plant.

A tônica da *VF 95*, ratificada pelo seu elenco de convidados mais destacados, é a de uma pioneira conferência *cyberpunk*, como caracterizada pelo reporte do JoongAng Daily. O sentido aqui sugerido pelo artigo vem da ideia de que o desenvolvimento da tecnologia computacional e do ciberespaço levaria a um futuro incerto e caótico, *high tech, low life*. O entusiasmo pela tecnologia e seus devires parecia ainda maior do que pelo tema teoricamente unificador, a filosofia de Deleuze e Guattari. Isso se expressou nas palavras de Eric J. Cassidy, à época doutorando em filosofia e um dos organizadores da conferência “*Até agora, filósofos e artistas apenas interpretavam o futuro virtual trazido pelas novas tecnologias e computadores. Agora é hora de mudar isso e transformar nossos desejos em realidade*”. (JOONGANG DAILY, 1995, s/p. Tradução nossa).

¹⁴ JOONGANG DAILY. *Virtual Futures “Heated Debate”: The First Cyber Punk Conference*. Warwick, 30 jun. 1995. Disponível em: <https://www.virtualfutures.co.uk/discover/joongang-daily>. Acesso em: 31 jan. 2026.

Figura 1 — Atividade no “Panorama Hall” durante a Virtual Futures 95



Fonte: JoongAng Daily (1995)

A contradição entre a leitura da cibercultura nos termos de um devir caótico e incerto, manifestado na potência substitutiva das funções do corpo orgânico obsoleto pela máquina e a imersão digital¹⁵ e a fala otimista de Cassidy, revela uma especificidade que marca desde as primeiras edições da Virtual Futures até a consolidação da CCRU. Manifesta na filosofia de Land, e descrita por De Landa como “prazer pelo horror”, essa característica se expressa em um notório interesse pela experiência-limite. Nesse sentido, o artigo da *Internet & Comms Today*¹⁶ narra a performance da artista francesa Orlan na *VF 95*, demonstrando suas várias cirurgias plásticas registradas em vídeo, feitas intencionalmente para distorcer sua imagem e gerar estranheza e que, pelo explícito, chocaram alguns participantes da conferência. Esse interesse, de ir além do corpo e superar os limites do humano, estava no horizonte das principais figuras da embrionária CCRU. Kronic (2019, s/p. Tradução nossa) registra isso:

¹⁵ Esse fenômeno é literalmente representado na conferência pela performance do artista Stelarc, que desfilou um braço mecânico acoplado ao próprio corpo. A cena figura na capa do artigo de Benjamin Greenaway, publicado no final de maio de 1995. GREENAWAY, Benjamin. Warwick Boar Conference 1995. 1995. Disponível em: <https://www.virtualfutures.co.uk/discover/warwickboar-1995>. Acesso em: 31 jan. 2026.

¹⁶ INTERNET & COMMS TODAY. Virtual Futures '95: Internet and Comms Today. Virtual Futures, 1 ago. 1995. Disponível em: <https://www.virtualfutures.co.uk/discover/vf95-internetcommstoday>. Acesso em: 1 fev. 2026.

Importado dos pensadores que foram ensinados nos cursos do RCP [Recent Continental Philosophy] e CFP [Current French Philosophy], Nietzsche, Heidegger, Bataille, Deleuze e Guattari, e reforçado pelas explorações dos artistas no novo ambiente de cyberspace, havia mais um lado sombrio em tudo isso, mais discussão sobre a ideia de uma abolição, ou pelo menos desequilíbrio, do humano que não seria uma espécie de migração angelical para o ciberespaço, mas uma desintegração da sociedade humana em sua própria infraestrutura mecânica, que certamente causaria uma enorme perturbação ao nosso senso de nós mesmos, em vez de ser apenas uma espécie de transcendência.

No encontro entre as novas mídias e o interesse teórico de ruptura com as normas e valores estabelecidos de sujeito, família, Estado e sociedade, situava-se o interesse de Sadie Plant. A autora, que até então lecionava *Cultural Studies* na Universidade de Birmingham, ingressou no Departamento de Filosofia de Warwick em 1996. A chegada de Plant a Warwick foi fundamental para a estruturação da CCRU, seja pelas contribuições de seu pensamento à produção original do coletivo, seja pela vinda conjunta de seus orientandos, que integraram a tarefa de construir a unidade de pesquisa. Plant, que em 1992 havia publicado um contundente estudo sobre a Internacional Situacionista, *The Most Radical Gesture: The Situationist International in a Postmodern Age*, resultado de seu doutorado, fazia seu pensamento transitar cada vez mais para a questão da cibercultura e suas virtualidades filosóficas.

Mia Consalvo (2002) demonstra essa transição ao narrar o trabalho de Plant na formulação da categoria de cyberfeminismo já em 1994, quando postulou uma aproximação ontológica entre os computadores, a internet e o "ser feminino", defendendo a reivindicação desses novos artifícios como possibilidades de trabalho e lazer que desafiassem a autoridade masculina. A documentação, porém, conduz a análise ainda mais adiante. Registros em vídeo da comunicação feita por Plant na VF 95, no painel *Replicunts: The Future of Cyberfeminism*¹⁷, demonstram a preocupação da autora em desbancar o mito de que a tecnologia, enquanto construto cultural, seja essencialmente masculina; mais do que isso, a filósofa busca identificar na "revolução cibernética" em curso uma mudança de paradigmas quanto às normas de gênero e sexualidade estabelecidas na cultura ocidental. A presença de Plant nos debates sobre cibercultura que inauguraram a CCRU tem, contudo, outro marco fundamental: seu ensaio em parceria com Nick Land, *Cyberpositive*, de 1994.

Esse escrito é paradigmático em muitos sentidos. Sua demarcação temporal, baseada em marcos simbólicos contextuais, oferece um panorama da época em questão. Menções a epidemias virais aludem diretamente ao trauma da chegada do vírus HIV/Aids na década

¹⁷ VIRTUAL FUTURES. **Replicunts:** The Future of Cyberfeminism | Virtual Futures 1995. YouTube, 6 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fqFrGN4zrfc>. Acesso em: 01 fev. 2026.

anterior, representando não só uma crise de saúde pública, mas um evento disruptivo que reconfigurou as relações culturais com o corpo, a política e a subjetividade. Simultaneamente, os autores referenciam o impacto social das drogas e as estratégias estatais de repressão. A temática em questão é o deslocamento do nêmesis da ordem pública ocorrido na década de 1980: a transição do declinante "perigo soviético" para a figura do usuário de entorpecentes, sujeito que, marginalizado pelo desmonte das redes de proteção social, torna-se o novo alvo de uma biopolítica neoliberal que privilegia o encarceramento em massa como dispositivo de controle.

O contexto mais relevante, todavia, é o das novas tecnologias desenvolvidas ou difundidas nas décadas de 80 e 90, que sustentaram um discurso de “revolução tecnológica” baseado na automação, na robótica e na cibernética. Norbert Wiener, fundador da cibernética, aparece para Plant e Land como um antagonista, por fundamentar a cibernética a partir do *feedback* negativo, o mecanismo de cálculo voltado à prevenção de erros e à busca por homeostase: “A própria cibernética deveria ser mantida sob controle, um controle que não era cibernético” (PLANT; LAND, [1994] 2014, p. 306). Ainda assim, o aquecimento global, a proliferação nuclear, as epidemias virais e toxicológicas, a desintegração planetária da gestão econômica, o colapso da família e as ondas de migração demonstram, para Plant e Land, um fluxo oposto à homeostase de Wiener. Tais fenômenos indicariam, na realidade, a ocorrência de uma retroalimentação positiva no processo histórico: uma aceleração no sentido da entropia.

O capitalismo descontrolado rompeu todos os mecanismos de controle social, alcançando índices inconcebíveis de alienação. O capital se reproduz com crescente desrespeito pela hereditariedade, tornando-se um *feedback* positivo abstrato, organizando-se. Finanças flutuam, turbulentas, pela rede global (PLANT; LAND, [1994] 2014, p.305. Tradução nossa).

Essa leitura de conjuntura, centrada no presente e nas tendências do futuro, coloca em conflito a entidade autônoma do capital, em processo de retroalimentação positiva, e o que os autores denominam Sistema de Segurança Humana (*Human Security System*), representativo do interesse antrópico de garantia de sua dominância e prevalência. Nessa guerra, as batalhas são lidas pela lente da ficção científica *cyberpunk*, pensada como teoria social especulativa e antecipadora da realidade. William Gibson, com seu ciberespaço imaginado em *Neuromancer* (1984), estabelece uma nova geografia mundial na qual o espaço virtual dissolve a distinção entre real e simulação, tornando-se um habitat para inteligências humanas e artificiais. William Burroughs também é invocado para pensar o fenômeno das drogas como um dos

circuitos de retroalimentação positiva dessa sociedade de controle: “O vício é o caso paradigmático do reforço positivo e o consumismo é a propagação viral do mecanismo abstrato do vício” (PLANT; LAND, [1994] 2014, p. 307. Tradução nossa).

A ambiência acadêmica e experimental da *Virtual Futures*, somada à fusão do pensamento de Plant e Land, proporcionou as condições de possibilidade para o nascimento da CCRU em 1995, entrando em plena atividade em 1996. Um terceiro elemento, porém, é imprescindível para a compreensão do coletivo: o aglomerado de mentes que se somou à tarefa de construção da unidade. Em parceria com os pós-graduandos de Warwick vinculados a Land, dentre os quais estava Maya B. Kronic, entraram em cena também aqueles vindos de Birmingham, orientados por Plant, como Rob Heath, Tim Burdsey, Suzanne Livingston e, em especial, Mark Fisher.

Kronic (2019) menciona que Fisher, Heath e Burdsey, juntamente com Angus Carlyle e Steve Metcalfe, já compunham um grupo para-acadêmico intitulado SWITCH anteriormente à fundação da CCRU. O grupo possuía formação em estudos culturais, com familiaridade na análise de filmes, música, literatura, ficção científica e horror, voltando-se a uma produção cultural de estímulo estético e “intensidade cognitiva”. Esse grupo de Birmingham, uma vez incorporado à CCRU, assumiu papel de destaque nos acontecimentos que circundam a *VF 96*, em um momento de crescente tensionamento interno motivado por perspectivas acadêmicas distintas. Kronic (2019, s/p. Tradução nossa) narra:

Basicamente, houve uma cisão durante o planejamento do evento, entre aqueles que gostavam de ciência dura e queriam falar sobre sistemas complexos e cibernética em um sentido técnico forte, e biotecnologia e afins—e um grupo em torno da CCRU que era muito franco, e mais interessado nessa ideia de produção cultural, talvez mais solto nas ideias, mas talvez mais energético e criativo — obviamente, na época, liderado por Mark Fisher em seu momento mais veemente e às vezes quase malicioso! Esse confronto talvez também se baseasse no fato de que eles chegaram a Warwick no departamento de filosofia, não eram realmente versados em filosofia, e sentia-se que estavam tentando, de alguma forma, dominar o *Virtual Futures* para transformá-lo em outra coisa, como se fosse uma espécie de colapso estranho de arte performática pós-punk gótico-deleuziano! O que era verdade. Então foi uma época interessante. E acho que provavelmente só a presença do Nick conseguiu manter tudo isso unido, mas a cisão era evidente, a maioria dos organizadores originais do *Virtual Futures* tendo saído, eu e mais algumas pessoas tentando retomá-la, e a CCRU com um fervor evangelístico tentando direcioná-la para eles.

Entre 1995 e 1996, o ambiente da CCRU era enérgico. Apesar das perspectivas conflitantes no interior do coletivo, produziram-se grupos de leitura, palestras, seminários de pesquisa, publicações e eventos culturais. Entretanto, a partir do segundo ano de existência, o “vírus-CCRU” começou a despertar tensões com seu hospedeiro, a Universidade de Warwick.

Simon Reynolds, crítico cultural e colaborador próximo de Fisher, é quem auxilia na compreensão dos desdobramentos que levaram ao fim da unidade de pesquisa. Em seu artigo quase etnográfico, *Renegade Academia: The Cybernetic Culture Research Unit* (1999), Reynolds analisou a experiência do coletivo em seus objetivos, estrutura de funcionamento e produções, além de realizar entrevistas com os membros.

Figura 2 — Mark Fisher, Kodwo Eshun, Anjalika Sagar e Steve Goodman



Fonte: Simon Reynolds¹⁸

Dentre os entrevistados, Mark Fisher caracterizou a atitude da universidade perante o grupo como oscilante entre a hostilidade aberta e o constrangimento; contudo, a estratégia geral fora "esperar que ele morra, em vez de matá-lo ativamente" (REYNOLDS, [1999] 2014, s/p. Tradução nossa). Isso porque o tipo de produção realizada pela unidade consistia em um frenético libelo antiacadêmico, cujo tom experimental, em frontal oposição aos modelos estabelecidos, dificultava a publicação em meios oficiais. Pouco do trabalho da CCRU foi aceito nos periódicos do departamento de filosofia. Sadie Plant, conforme aborda Reynolds, associa esse fato à dificuldade no exame por pares, causada pela inexistência de pesquisadores familiarizados com a interdisciplinaridade mobilizada pelo grupo. Fisher tornou-se um emblemático porta-voz dessa insatisfação ao classificar o trabalho acadêmico disciplinar como "inútil e ingrato".

¹⁸ Disponível em: https://blissout.blogspot.com/2017/01/rip-mark-fisher_14.html. Acesso em: 09 fev. 2026.

Reynolds chama a atenção para a conjuntura de 1997 a 2000, momento em que Plant renuncia ao cargo em Warwick e se afasta da CCRU. Quem assume seu papel na direção do coletivo é Nick Land. Nesse período, a produção do grupo passa a habitar um estranho limiar entre a ciência e o misticismo. Land que, como narra Robin Mackay (2013, s/p), era motivado pelo interesse em superar o conservadorismo antrópico do pensamento filosófico, produziu e orientou trabalhos que amalgamavam teoria social, nanotecnologia, ocultismo, teoria literária, ficção, mitologia e musicalidade.

À medida que esse tipo de produção era cada vez menos considerado "filosofia" do ponto de vista institucional, a CCRU deixou de reivindicar participação em Warwick. Segundo Fisher (REYNOLDS, [1999] 2014, s/p. Tradução nossa), o grupo passou a compreender que “a unidade de pesquisa não dependia da instituição, mas da coletividade”. Assim, abandonaram o espaço físico da universidade rumo a um escritório na cidade de Leamington Spa, a pouco mais de 10 km da antiga morada. Esse período não institucional da CCRU representou, de certo modo, a antessala de seu término.

Kronic (2019) discorre que, até 1999, o grupo se mantinha relativamente unido, contando com as presenças de Mark Fisher, Anna Greenspan, Nick Land, Suzanne Livingston e Steve Goodman — dentre os quais Fisher, Greenspan e Land eram responsáveis pela maior parte da produção textual. Mas, em outro escrito, Kronic (2012) expõe a guinada temática que acompanhou a transição no pensamento de Land rumo ao ocultismo, a tradições místicas e a teorias conspiratórias. Sobre a orientação de Land para a CCRU, Kronic (2012, s/p. Tradução nossa) afirma:

Ele se deleitava em se "fundir" ao coletivo CCRU, e este, sem dúvida, teve sucesso como uma "microcultura": seus escritos inatribuíveis e arcanos, que narram estranhas entidades desumanas, personagens hipersticionais e panteões sincréticos, são singularmente perturbadores e fascinantes: é como se o grupo tivesse acessado coletivamente reinos até então desconhecidos de arquétipos bizarros.

Esse período antecedeu o colapso físico e psicológico de Land, que se desligou do coletivo em 2003. A CCRU, a esta altura empenhada não mais na produção teórica, mas em atividades “microculturais”, como revistas de tiragem curta, CDs e eventos, dissolveu-se gradualmente a partir da saída de Land e da dedicação dos demais membros às suas próprias produções. Os capítulos finais da Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética foram, como sugere Reynolds ([1999] 2014), movidos pelo interesse na produção de um pensamento nômade, desterritorializando-se em todas as direções: fundindo a teoria com a ficção,

impregnando a filosofia com as ciências naturais e o pensamento místico e, em última instância, cruzando a linha tênue entre a razão e a insanidade.

Retrospectivamente, Matt Colquhoun (2023), ex-orientando de Fisher, refletiu sobre o significado histórico dessa experiência. Colquhoun atribui o tom antiacadêmico da CCRU, primeiramente, a uma frustração com a crescente neoliberalização de um outrora radical Departamento de Estudos Culturais em Warwick. Cabe lembrar que a própria Universidade de Warwick contratou, em sua fundação em 1965, o historiador E.P. Thompson, e que apenas cinco anos depois a instituição viveu uma intensa jornada de protestos estudantis ao ser deflagrada uma atividade de espionagem contra funcionários e estudantes por parte da administração. Esse escândalo motivou a publicação de *Warwick University Ltd.: Industry, Management and the Universities* (1970), volume organizado por Thompson no qual os autores criticam a crescente comercialização do ensino superior britânico.

Essa leitura de Colquhoun, que posiciona a CCRU como uma insurgência à mercantilização da universidade britânica, coaduna, em partes, com as considerações de Reynolds. Este notou a tendência de oposição entre a CCRU e a esquerda tradicional universitária da época. Judith Williamson, professora de História Cultural na Universidade de Middlesex e colunista do jornal *The Guardian*, havia criticado a CCRU por seu “inevitabilismo”, narra Reynolds, pela

[...] acomodação intelectual às "realidades" impostas por forças corporativas de cima para baixo; que ao mapear técnicas apropriadas para fenômenos naturais (teoria do caos, dinâmica não-linear) no capitalismo, eles efetivamente naturalizaram o livre mercado, resultando em uma espécie de versão pós-Deleuziana do Darwinismo Social. (REYNOLDS, 2009. s/p. Tradução nossa).

Por parte da CCRU, contudo, a crítica era retorquida. Enquanto setores universitários acusavam a unidade de naturalizar o capitalismo, Fisher declarava a Reynolds que, em tal meio, cultivava-se uma aliança entre posturas antimercado e um pensamento profundamente “esclerosado e institucionalizado” (REYNOLDS, 2009, s/p. Tradução nossa). Plant corrobora a visão de Fisher sobre o imobilismo político da esquerda britânica, abrangendo tanto a esfera acadêmica quanto a sindical, comparando-a à Igreja da Inglaterra: "De vez em quando ela aparece e faz alguma declaração moral sobre como as coisas estão terríveis, mas o que ela vai fazer a respeito? Nada." (REYNOLDS, 2009, s/p. Tradução nossa).

"Era bastante óbvio que uma crítica teoricamente de esquerda poderia ser mantida tranquilamente, mas nunca chegaria a lugar nenhum", diz Plant. "Se houvesse espaço para qualquer tipo de... não 'resistência', mas qualquer tipo de discrepância no consenso global, então teria que vir de outro lugar." (REYNOLDS, 2009. s/p. Tradução nossa).

Esse "outro lugar", afirma Colquhoun, referia-se às novas tecnologias e aos conhecimentos comunicativos e informacionais emergentes no fim da década de 1990. Em uma época na qual o impacto da internet na sociedade em geral era ainda mais incerto do que hoje, tais tecnologias, em vez de consolidarem um conhecimento estável sobre o mundo, tornavam-no estranho. “Era a *Matrix* tornada real, uma especulação de um romance de William Gibson que ganhava vida. Era um futuro presente, onde a ficção científica proliferaria em uma tecnologia que, por si só, parecia saída de uma narrativa de ficção científica” (COLQUHOUN, 2023, s/p).

Em consequência do sentimento de indeterminação trazido pelas novas tecnologias, a CCRU tratou com seriedade a superstição e a histeria em torno do chamado "bug do milênio" (Y2K), a crença generalizada de que a chegada do novo milênio e o retorno do calendário computacional ao ano "00" colapsariam toda a superestrutura informacional. Colquhoun salienta que esse enfoque temático decorria da crença no potencial emancipatório da tecnocultura na passagem do século, a qual rompia com a estagnação política subsequente ao “fim da história”. Esse movimento mobilizava, especialmente, gerações contemporâneas de mulheres e minorias racializadas, o que justifica a atenção dedicada pela CCRU a movimentos culturais como o cyberfeminismo e o afrofuturismo.

2.1. RITMOS DA DESINTEGRAÇÃO: BATIDAS SINTÉTICAS E ESTAGNAÇÃO CULTURAL

O percurso de Mark Fisher até a CCRU, bem como o significado dessa experiência para sua produção teórica, é documentado por Simon Hammond no artigo *K-Punk at large*, publicado em 2019 na *New Left Review*. Ao centrar-se nos escritos do blogue de Fisher, Hammond lança um olhar atento sobre as primeiras incursões do filósofo do realismo capitalista. Seus apontamentos dizem respeito tanto ao percurso biográfico de Fisher quanto ao conteúdo de suas ideias em desenvolvimento.

Embora o recorte aqui pretendido busque enfatizar o pensamento de Fisher, a interpretação de Hammond sobre sua infância e juventude mostra-se pertinente. Nascido em Leicestershire, em 1968, e tendo crescido em Loughborough, na região das *East Midlands*, Fisher é lido por Hammond como um estrangeiro (*outsider*). Traçando um paralelo com Stuart Hall, outro nome destacado dos estudos culturais britânicos, porém de origem jamaicana, Hammond identifica em Fisher o arquétipo do intelectual que emerge das periferias políticas e econômicas. A vivência em uma região abandonada em meio à desindustrialização e à

financeirização da economia britânica inseriu Fisher em um persistente sentimento de inadequação, algo acentuado pelo fato de ter nascido em uma família conservadora, legatária do antigo modelo industrial (seu pai era técnico de uma empresa local e sua mãe, faxineira). Para Hammond, essa alienação sofrida por aqueles que vêm de fora figura entre os elementos que integram o sentido subcultural da obra de Fisher, manifestando-se em suas interações com o público e com as instituições.

Relegado a um trabalho precário, seus escritos foram possibilitados posteriormente pela Internet e a reputação que obteve tinha vigência nas margens da academia e longe do alcance do radar do jornalismo hegemônico. Seu trabalho também era tipicamente subcultural em razão do investimento emocional que gerava, produzindo um tipo de adesão mais afim à música pós punk e à música eletrônica que compunham o território próprio de sua crítica. (HAMMOND [2019] 2021, p.4-5).

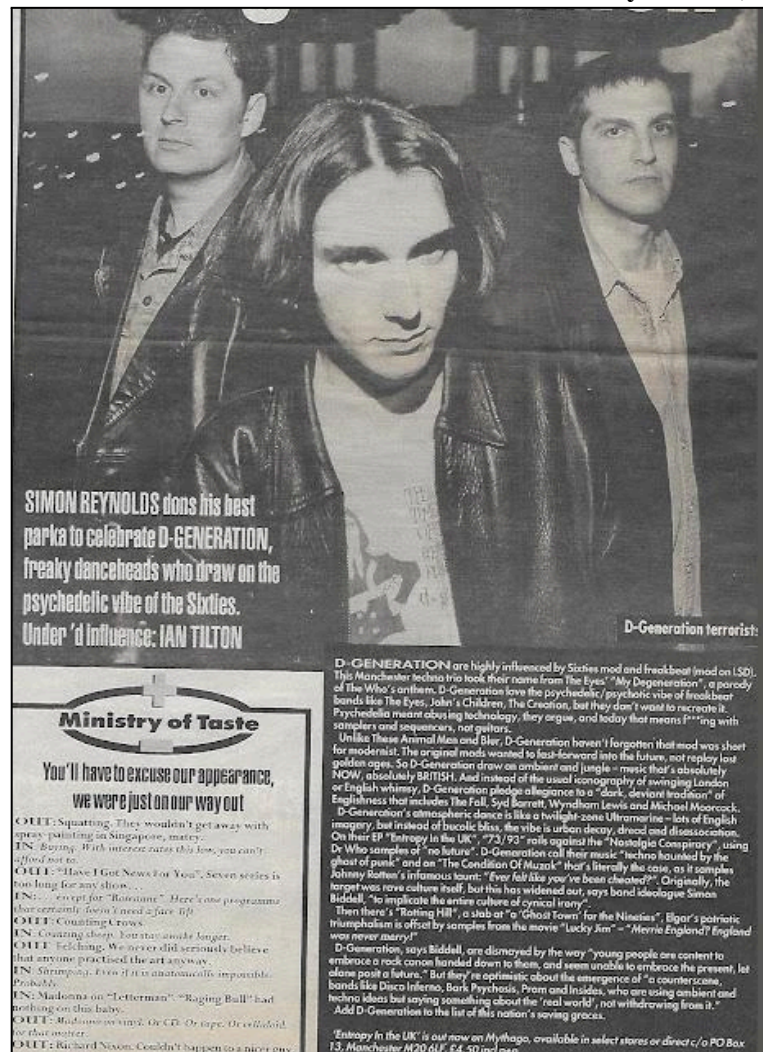
Seu letramento cultural, desenvolvido por meio de revistas musicais britânicas como a *New Musical Express* (NME) e da programação, à época ainda inventiva, de canais públicos como a BBC2 e o *Channel 4*, conferiu a Fisher o primeiro impulso para sua auto expressão na linguagem do trabalho intelectual. Ao ingressar no curso de Literatura e Filosofia na Universidade de Hull, entre 1986 e 1989, Fisher deu início a uma multifacetada produção criativa: escrevia para a revista de arte da universidade, administrava um *club* e dirigia um programa de rádio noturno. Hammond não desconsidera o persistente sentimento de angústia de Fisher nesse ambiente acadêmico, em virtude do contraste com suas origens humildes. Um marco desse conflito é o sentimento de “ambivalência e vergonha” em relação à perda de seu sotaque natural das *East Midlands*, relatado pelo próprio Fisher em 2014. Como afirma Hammond: “Um permanente sentimento de desgarramento modelou sua relação com as instituições” (HAMMOND, [2019] 2021, p. 7).

Em 1992, ocorreu o encontro entre Fisher e Sadie Plant, após ele assistir a uma conferência da autora sobre Kathy Acker. Plant, aos 28 anos, já lecionava no Departamento de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham e, sob sua orientação, Fisher iniciou seu mestrado. Hammond narra que, no momento em que os interesses intelectuais de Plant, sua exploração do situacionismo a partir de referenciais pós-modernos e sua inquietação com a intersecção entre teorias de gênero e a filosofia da técnica, deixaram de ser compatíveis com o conservadorismo do já desidratado e burocrático setor de estudos culturais de Birmingham, a autora migrou para Warwick, contratada como investigadora sênior em 1995. Com ela, partiram também seus orientandos, incluindo Fisher.

Antes, porém, de tratarmos da perspectiva de Fisher no período de 1995 em diante, marcado pela chegada a Warwick e pela atuação na CCRU, há um marco factual de 1994 que

compõe a trajetória do filósofo, mas que é costumeiramente ignorado. A relevância desse elemento reside em sua conexão direta com o conteúdo, a forma e a tonalidade das ideias de Fisher naquele período: trata-se de sua produção musical. Embora Fisher seja reconhecido por sua recepção como um sujeito intensamente ligado à música — seja por seu interesse teórico na crítica cultural, seja, em menor grau, por suas passagens em bandas —, raramente se menciona que, em 1994, ele lançou, juntamente com Simon Biddell e Lee Thompson, sob o nome de *D-Generation*, o EP intitulado *Entropy in the UK*¹⁹.

Figura 3 — Matéria sobre a D-Generation na Melody Maker, em 1994



Fonte: Simon Reynolds (2018)

A relevância dessa obra é profunda. Não por acaso, Reynolds, em seu artigo de 2018, denomina-a como a “alvorada do K-Punk”: “Prefigurações e presságios das obsessões do

¹⁹ D-Generation. *Entropy in the UK*. [1994] 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIRE67S7Ydg>. Acesso em: 2 fev. 2026.

K-punk delineiam o manifesto do D-Generation” (REYNOLDS, 2018, s/p). O álbum é composto por quatro faixas: “73/93”, “The Condition of Musak”, “Shattered Windscreen” e a última, intitulada “Rotting Hill”. Com duração aproximada de vinte minutos, sua identidade visual apresenta na capa o personagem Jerry Cornelius, da série de livros de Michael Moorcock, ilustrado por Mal Dean.

O artigo de Reynolds, originalmente escrito em 1994 para a *Melody Maker* e reproduzido em seu *site* em 2018, fornece detalhes cruciais sobre a obra. O nome do grupo inspira-se na canção *The Degeneration*, da banda *The Eyes*, em uma paródia de *My Generation*, do *The Who*. Sediada em Manchester, a banda não realizava apresentações ao vivo, visto que sua sonoridade fundamentava-se em uma cultura de música eletrônica baseada em *samplers* e sequenciadores, o que divergia da performance tradicional com instrumentos. Essa estética sonora constitui o chamado “Futurismo Psicodélico”, rótulo que amalgama os gêneros *Ambient* e *Jungle*.

A identidade do EP busca inspiração em um modernismo britânico desviante. Primeiramente, parte-se de uma “britanidade” dos ritmos urbanos londrinos, aproximando-se do *Britpop* em termos de temáticas e sonoridade. Em seguida, assume-se o modernismo em sentido estrito, enquanto busca pelo futuro, em oposição à nostalgia de uma “era de ouro” pretérita. Por fim, o som do *D-Generation* resgata uma linhagem sombria da arte modernista britânica, com influências de Syd Barrett, *The Fall*, Powell/Pressburger e Michael Moorcock.

Conceitualmente, os versos sobrepostos às batidas, extraídos de *Doctor Who*, entre outras fontes, manifestam-se sobre a velocidade de 160 batidas por minuto característica do gênero *Hardcore Jungle*. Trata-se de uma estética de fúria e erosão, sentimentos direcionados à perlaboração da estagnação cultural em um contexto de decadência nacional. O som do *D-Generation*, enquanto expressão de *dance music*, poderia sugerir uma forma de escapismo; todavia, não se trata de fuga, mas de um atravessamento da realidade em uma negação ativa, libidinalmente carregada por desejos reprimidos. Como afirma Reynolds (2018, s/p):

A cultura rave é repleta de anseios utópicos reprimidos (“viver o sonho”, etc.). Mas, como não são articuladas, essas culturas acabam funcionando como uma válvula de escape, liberando a frustração no fim de semana e depois nos devolvendo à rotina enfadonha do trabalho. Não é uma cultura de recusa, mas uma anticultura que desarma. A banda d-generation sugere uma forma pela qual um verdadeiro sucessor do punk (e não uma mera repetição) poderia operar: como espiões na casa dos apaixonados, semeando a discórdia e transformando nossa decadência nacional em uma dança sombria.

O desvio analítico de Hammond para Reynolds, partindo da chegada de Fisher a Warwick e sua entrada na nascente CCRU, em 1995, em direção à sua experiência musical

pregressa, em 1994, não é de modo algum desmedido. Como mencionado anteriormente, uma característica central da integração do grupo de Plant ao ambiente em construção pelos "warwickianos" de Land foi a fusão de interesses: de um lado, um grupo recém-chegado e versado em estudos culturais; de outro, um núcleo já estabelecido que articulava a filosofia às ciências naturais. Convenientemente, o *Jungle* e o *Drum 'n' Bass*, gêneros amplamente explorados na musicalidade do *D-Generation* por sua inclinação às expectativas do futuro, encaixavam-se perfeitamente na ciber teoria que interessava à toda a CCRU. Em reflexão posterior, Fisher afirma que o “*jungle* era crucial para a CCRU. [...] A CCRU tentava fazer com a escrita o que o *jungle*, com *samples* de lugares como *O Predador*, *O Exterminador do Futuro* e *Blade Runner*, estava fazendo com o som: 'text as sample velocity', como colocava Kodwo Eshun" (FISHER, 2011, s/p).

Cultura popular, música eletrônica e aceleração são, portanto, signos da contribuição de Fisher à CCRU. Se a bagagem trazida pelo jovem pós-graduando já manifestava sua abertura para uma interdisciplinaridade teórica de cunho experimental, tal predisposição complementou-se no encontro de Fisher com Nick Land. Como narra Hammond:

Ao contrário de Plant, Land não tinha um histórico de adesão ou lealdade à esquerda. Fisher escreveria em várias ocasiões sobre seu “encontro perturbador” com Land, a emoção de seus escritos e suas ideias em contraste com tanto trabalho acadêmico formal, a inspiração fornecida pelo modo como entrelaçava cinema e ficção com teoria e filosofia (HAMMOND [2019] 2021, p.8).

Fisher comenta sobre seu encontro com Land em um escrito de 2011. Em seu depoimento, é possível notar certos elementos da produção teórica de Land que acompanharam Fisher em todo o percurso de seu pensamento.

Ainda me lembro vividamente da primeira vez que me deparei com os escritos cibernéticos de Land. Eu havia lido *Thirst for Annihilation*, mas não me cativou [...] Foi o texto “*Machinic Desire*” que me impactou inicialmente. Lembro-me de lê-lo e, em seguida, relê-lo duas ou três vezes. Havia muita teoria cibernética circulando na década de 1990, mas nada parecia vir de dentro das máquinas – ou seja, de fora de nós – da maneira como a de Land vinha. A escrita não tinha o distanciamento que se espera da teoria acadêmica; ela tratava a ficção e o cinema como terrenos a serem ocupados, e não como artefatos a serem “comentados”. Encontrou um “plano de consistência” onde a ficção cyberpunk de William Gibson se conectava com a filosofia de Immanuel Kant; onde *Blade Runner* se conectava com o capital financeiro. A teoria não estava sendo “aplicada” aqui; estava sendo simplesmente integrada. A escrita parecia vir de algum lugar real, de algum lugar exterior, em vez de uma interioridade psicológica. Tudo era permeado por uma integridade temerária: faltava completamente a cautela e o cinismo que tornam tanta escrita acadêmica carreirista enfadonha. Havia aquela sensação inconfundível que se tem sempre que se depara com um projeto autêntico: a sensação de que aquilo precisava ser escrito (FISHER, 2011, s/p. Tradução nossa).

O que surpreende Fisher na escrita de Land é, justamente, essa intensidade dialógica, manifesta na fusão entre um discurso filosófico de alta densidade e a potência estética e experimental da ficção literária e cinematográfica. Essa formulação criadora, produtora da diferença, ao invés de detida no comentário, tornava a escrita de Land um ato esquizoanalítico. Assim, como discorre Fabrício Silveira sobre sua escrita nesse período:

Aos poucos, nos damos conta: ele não quer pensar, não quer nos explicar coisa nenhuma *sobre* circuitaria; ele não quer ser razoável, sensato, falar com comedimento, zelo e distância; ao contrário, ele é a máquina, pulsa e opera dentro dela; é o próprio fluxo multidirecional, a energia elétrica sendo conduzida (SILVEIRA, 2025, p.34).

Em entrevista concedida em 2010, Fisher reconhece que esse estilo se distinguia por uma avalanche implacável de jargões, como *slogans* de alta intensidade, mas com pouca preocupação retórica ou expositiva. Destaca, também, que o intuito era a fuga do discurso “esclerosado” da velha esquerda, moralizadora e atuante nas ciências humanas. Land, a CCRU e o próprio Fisher pensavam, então, de uma maneira que muito bebia da antipolítica, bem como da “celebração tecnofílica da irrelevância da ação humana, em parte inspirada pela linha pró-mercado e anticapitalista desenvolvida por Manuel DeLanda a partir de Braudel, e pela seção de *O Anti-Édipo* que aborda a mercantilização como o ‘caminho revolucionário’” (FISHER, 2018b, p. 643).

Um dos exemplos emblemáticos da influência dessa prática teórica sobre o pensamento de Fisher na década de 1990 é o texto *PoMophobia* (1996), escrito em coautoria com Robin Mackay e publicado originalmente na primeira edição do jornal/revista da CCRU, *Abstract Culture*. Nesse ensaio, Fisher e Mackay mergulham no debate sobre a pós-modernidade a partir da lente conceitual de Fredric Jameson em *Pós-Modernismo e a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio* (1985). Todavia, os autores valem-se desse referencial para traçar problemáticas próprias, como os fenômenos musicais de meados da década de 1990 e os impasses burocráticos da produção acadêmica em seu contexto.

O conceito de “pós-modernidade” em Jameson relaciona-se a uma determinada lógica cultural presente nas sociedades capitalistas em seu estágio de mundialização. No ensaio que serve de base a Fisher e Mackay, Jameson periodiza essa categoria a partir do recorte espaço-temporal dos Estados Unidos no pós-guerra, berço da pós-modernidade que, ao tornar-se epicentro econômico e difusor cultural do mundo ocidental, projetou suas novas dinâmicas de reprodução social para suas zonas de influência. Assim, para Jameson, instauraram-se novas formas de consumo, novos modos de individuação e novas relações com o tempo. Destacam-se aqui o pastiche, como signo de uma estagnação cultural manifesta na

repetição de velhas formas artísticas, e a esquizofrenia (sob a perspectiva lacaniana), vista como uma desordem na aquisição da linguagem, um distúrbio de significantes que produz uma fragmentação no senso de identidade e historicidade (JAMESON, 1985, p. 22).

A *PoMophobia* de Fisher e Mackay deriva dessa compreensão. O título do artigo mobiliza um neologismo: *PoMo* (Post-Modernism) e *phobia* (do grego *phobos*, aversão). Os warwickianos partem de Baudrillard, em *A Transparência do Mal* (1990), para dialogar com o fenômeno da estagnação cultural notado por Jameson, mas incorporando a saturação do significado no plano da hiper-realidade, onde a reprodução infinita das formas culturais substitui o real pela simulação. Fisher e Mackay (1996, s/p) materializam o horror do fenômeno sob os signos da exaustão e do tédio:

Seu corpo parece insuportavelmente pesado. Sua cabeça gira letargicamente para cada exposição, uma a uma, e então recomeça. Você sente o mesmo tédio que sentiria lendo e relendo revistas antigas em uma sala de espera, e então se lembra, horrorizado, que não há nada para esperar: este é o evento.

A crise de desorientação temporal e a perda do sentido do processo histórico, que Jameson fundamenta como uma das características da lógica cultural pós-moderna, também descrita por Lyotard em *A Condição Pós-Moderna* (1979) como resultado da desarticulação das metanarrativas, surgem na reflexão dos teóricos da CCRU sob a forma de um estudo de caso. O descrédito na “futuridade” e a aceitação de um presente perpétuo, intrinsecamente ligados à questão da incapacidade de produção do novo na cultura, produzem o que denominam “miserabilismo transcendental”: “uma profunda sensação não só de que nada pode ser feito, mas também de que nada jamais poderia ter sido feito” (FISHER; MACKAY, 1996, s/p. Tradução nossa).

O miserabilismo transcendental, essa combinação de características cardinais do pós-modernismo, sua estética arbitrária, gestos simulados, tédio e a pungência de um objeto perdido; em suma, um sentimento de cancelamento do futuro (tema onipresente na obra posterior de Fisher), perpassa fenômenos da cultura popular aos quais os autores se atentam com agudeza. É emblemático o caso do *Britpop*, movimento musical britânico da década de 1990 popularizado por bandas como Oasis, Blur, Pulp e Suede. Em sua sonoridade nostálgica das melodias dos anos 60 e do *punk rock* dos anos 1970, o gênero reprocessava uma fórmula já exaurida sob uma roupagem jovem artificialmente embutida, visando ocultar o cinismo da repetição vazia.

Fisher e Mackay encontram, todavia, um paralelo invertido em Kurt Cobain e no Nirvana. Sua sonoridade não escapa ao pastiche: o *punk rock* e o *indie* de décadas passadas

atravessam *Smells Like Teen Spirit*, tornando o Nirvana um epítome da fadiga pós-moderna. Entretanto, esse epítome é autoconsciente da impossibilidade de inovação estilística, diferentemente do *Britpop*, que mascara esse limite. O que há de singular em Cobain é sua percepção do peso mortal do passado: a sensação avassaladora de que tudo já foi realizado.

Cada movimento seu era antecipado, rastreado, comprado e vendido antes mesmo de acontecer. Cobain sabe que é apenas mais uma peça de espetáculo, que nada funciona melhor na MTV do que um protesto contra a MTV. Sabe que cada movimento seu é um clichê, roteirizado com antecedência. Sabe que até mesmo perceber isso é um clichê (FISHER; MACKAY, 1996, s/p. Tradução nossa).

Sequencialmente, a crítica dos autores altera seu objeto, embora preserve o pressuposto fundamental. O miserabilismo transcendental, infiltrado em todas as esferas da cultura, captura tanto os fenômenos que deveriam desafiá-lo por meio da experimentação, a arte, quanto aqueles destinados a compreendê-lo, como a produção teórica. Fisher e Mackay ironizam Lacan e Derrida, vistos como representantes da intelectualidade hegemônica, por "textualizarem" a realidade antes mesmo de qualquer acontecimento efetivo. Para os autores, tal postura atua como um sistema digestivo obstruído, uma "ruminação interminável" sobre o que já foi superado, encerrando o pensamento em um circuito fechado de segurança e tédio.

A teoria permanece atrelada ao "pós", entregue à ruminação interminável sobre o que foi superado, mas, supostamente, jamais vencido. Todos os textos são pré textos — também pós-textos — frágeis papéis de traçado, irrigados colonialmente e capturados preventivamente por subtítulos tranquilizadamente enfadonhos e apropriadamente acadêmicos. Jogo de palavras com dois pontos, verbo, artigo definido e designação acadêmica (FISHER; MACKAY, 1996, s/p. Tradução nossa).

Após postularem sua crítica e definirem seus antagonistas, os jovens autores articulam uma linha de fuga, uma contraproposta: a cultura sintética (*synthetic culture*), fundamentada no maquinismo e na decodificação. Contra o miserabilismo e a ironia, Fisher e Mackay mobilizam a música eletrônica, notadamente os gêneros *hip-hop* e *jungle*, em conjunto com video games de montagem sampleada (produzidos de forma independente a partir de fragmentos de som e imagem extraídos de outros *softwares*). Tais elementos são vistos como desorganizadores dos regimes de docilidade e das políticas corporais disciplinares. Esses produtos culturais emergentes, frutos das tecnologias de interface digital e da popularização dos computadores pessoais, produzem estímulos que foram interpretados pelos autores como aparatos de reprogramação dos circuitos somáticos e do sistema nervoso, operando por meio da fusão entre o humano e a máquina.

O que se dissolve na cultura sintética não é a mercantilização em si, mas o fetichismo da mercadoria na medida em que regula o sistema burguês de objetos, no qual tudo recebe um lugar próprio. A cultura sintética não derrama lágrimas benjaminianas pela aura perdida dos objetos na era da

reprodução mecânica, celebrando, em vez disso, a forma como a dicotomia sujeito-objeto e o pathos que a acompanha são reconfigurados como circuitos maquínicos na era da replicação cibernética (FISHER; MACKAY, 1996, s/p. Tradução nossa).

No artigo de Fisher coescrito com Robin Mackay, observa-se uma condensação dos principais elementos teóricos e estéticos característicos de sua passagem pela CCRU. A preocupação com a cultura popular, expressa notadamente na crítica ao *Britpop* e na análise da sonoridade do Nirvana, reflete a produção artística prévia de Fisher como músico. Essa relação aprofunda-se ao considerarmos como ele experimentou sua linguagem musical nos gêneros eletrônicos para, posteriormente, teorizar o impulso libidinal inédito gerado pelas batidas sintéticas.

Essa reflexão sobre a música eletrônica e a cultura sintética, como uma linha de fuga para a estagnação cultural que Fisher depreende da leitura de Jameson sobre o pós-modernismo, mostra-se tributária da influência de Land e Plant em sua crítica “cyberpositiva” da modernidade. É na ideia de que a ação humana foi despersonalizada pelo desenvolvimento do capital, restando a necessidade de embarcar em seu fluxo tecnológico em vez de resignar-se à nostalgia ou ao pastiche, que encontramos o ponto de intersecção entre a *PoMophobia* de Fisher e a ciber teoria de seus dois orientadores em Warwick.

2.2. TERMINATOR VERSUS PROMETEU: SENTIDOS DO ACELACIONISMO

Não há como abordar a prática teórica da CCRU, inclusive quanto ao sentido do pensamento do próprio Fisher em sua fase no coletivo, sem tratar do aceleracionismo. A ideia de que o engajamento com forças e formas tecnológicas de abstração deve, seletivamente, ser acelerado para atravessar os limites de um capitalismo estagnado e inerte (NOYS; MORAES, 2022, p. 243) atravessa o percurso dos intelectuais em questão. No já discutido *Meltdown*, Nick Land já mencionava a “aceleração do colapso”, e o *feedback* positivo em *Cyberpositive*, de Plant e Land, naquele mesmo ano, referia-se ao mecanismo do capital de engendrar a entropia em vez da homeostase, aumentando sua complexidade por meio da aceleração de seus fluxos.

Desse modo, a questão do aceleracionismo é passível de ser analisada diante das especificidades atribuídas a esse fenômeno pelos principais nomes da CCRU. No entanto, a história dessa corrente de pensamento envolve antecedentes que remetem a uma vultosa tradição. Seus precedentes mais remotos encontram-se no *Fragmento sobre as Máquinas*,

presente nos *Grundrisse* (1857-1858) de Marx. A reflexão central nesse fragmento diz respeito à dependência estrutural do capital quanto ao constante aprimoramento da produtividade do trabalho, o que desemboca na substituição gradual do trabalho vivo pelo trabalho morto, sob a forma histórica da maquinaria. O desenvolvimento dessa tendência em um sistema automático leva a produção a depender cada vez menos da força humana e do tempo de trabalho, e cada vez mais do “caráter científico” de suas técnicas (MARX, 2011, p. 583). Extrapolando essa constatação, Marx vislumbra a inversão de papéis da maquinaria: de simples ferramental para a ampliação das capacidades do trabalhador à emergência de um sistema automatizado, um poderoso organismo impessoal de centralização e comando que chamou de intelecto geral (*general intellect*), e que tem no humano uma mera prótese, um “acessório vivo”.

O que Marx especula a partir da análise das forças produtivas de sua época, outro antecessor do aceleracionismo interpela por meio da ficção científica: Samuel Butler, em *O Livro das Máquinas*, excerto de seu *Erewhon* (1872). Aqui, a literatura ganha traços de uma antropologia especulativa ao questionar o que poderão ser as máquinas do futuro em paralelo ao que se tornou o humano no decorrer de sua existência no planeta. A questão da consciência é o alvo fundamental. Butler conduz à inferência de que a consciência humana se desenvolveu como resultado do funcionamento cerebral enquanto um conjunto de sistemas baseados em reflexos e interações, culminando em um aumento exponencial de complexidade. Consequentemente, a máquina, vista até então como objeto, passa a ser lida como uma nova espécie em evolução. O aprimoramento de sua inteligência carrega a possibilidade de paridade com o homem, com quem poderá viver em um estado de simbiose futura.

'Não há segurança' — para citar suas próprias palavras — 'contra o desenvolvimento final da consciência mecânica, no fato de as máquinas possuírem pouca consciência atualmente. [...] Reflita sobre o extraordinário avanço que as máquinas fizeram nos últimos séculos e observe como os reinos animal e vegetal estão avançando lentamente. As máquinas mais altamente organizadas são criaturas não tanto de ontem, mas dos últimos cinco minutos, por assim dizer, em comparação com o passado (BUTLER *Apud* MACKAY; AVANESSIAN, 2014, p.69. Tradução nossa).

Marx e Butler preparam o terreno, mas o broto do aceleracionismo germina, efetivamente, a partir dos escritos do pós-estruturalismo francês associados ao Maio de 1968. Em obras como *O Anti-Édipo* (1972), de Deleuze e Guattari, *Economia Libidinal* (1974), de Lyotard, e *A Troca Simbólica e a Morte* (1976), de Jean Baudrillard, observa-se a busca por uma nova linguagem para a agência política de uma esquerda libertária. Esse movimento surge em um contexto de descrédito nas formas tradicionais de mobilização popular, como

sindicatos e partidos comunistas, vistas como excessivamente rígidas e disciplinares. Em consonância, os fortes indícios da decadência do regime fordista de organização do capital evocavam a crença de que o caminho da crítica deveria seguir na direção da fragmentação e da fluidez.

Contrapor-se ao capitalismo deixa de significar a oposição de uma força externa de maior vigor. Os nomes mais destacados do pensamento pós-estruturalista passam a defender que o poder de “destruição criativa” do capitalismo, sua propriedade de dissolver tudo o que é sólido, deve ser levado às últimas consequências para romper os próprios grilhões do capital. Uma das passagens mais decisivas e representativas do espírito desse movimento encontra-se em *O Anti-Édipo*, obra na qual Deleuze e Guattari, em debate com Samir Amin (que defendia a renúncia à participação no mercado mundial como saída para a subalternidade do Terceiro Mundo), sugerem o oposto:

Ou ir no sentido contrário, isto é, ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização? Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.319).

Contrariando a tendência do isolamento e da autossuficiência, Deleuze e Guattari sugerem a integração máxima, de modo que o caminho para fora do sistema capitalista seria por dentro, *go with the flow*. Essa abordagem teórica, que faz apologia à exacerbação do capital até o ponto do colapso, rejeitava naturalmente a crítica negativa e antitética, valorizando os signos de positividade. Se para o pensamento dialético a mudança ocorre por meio da contradição, aquele que nega acaba por vincular sua identidade àquilo que está sendo negado; o “não” conforma, assim, uma prisão (NOYS, 2012, p. 72). Alternativamente, Deleuze e Guattari compreendem a transformação por meio de um eixo de positividade centrado no conceito de Diferença: a afirmação das coisas em si mesmas. Ao afirmarem o capitalismo em sua máxima potencialidade desterritorializadora, acelerando o processo em vez de negá-lo, os autores propõem uma nova linha de fuga da forma histórica da sociedade do capital, ao mesmo tempo em que fundamentam a tradição posterior do pensamento aceleracionista.

Podemos observar o impacto dessa formulação em outro contexto de desenvolvimento da teoria aceleracionista: a produção teórica da CCRU nos anos 1990. Em uma reconstrução histórica, seria possível afirmar com propriedade que a CCRU e seus expoentes representaram um segundo momento paradigmático de florescimento desse fenômeno, sendo o primeiro o

ambiente filosófico da tradição pós-estruturalista francesa da década de 1970. É o que fazem crer Mackay e Avanesian (2014), que, em sua antologia dessa tradição, delimitam esses dois recortes espaço-temporais. Entre os pesquisadores warwickianos da cibercultura, não há receio em expor inclinações ao aceleracionismo. Land é inequívoco ao enunciar essa tese: “o processo não deve ser criticado. O processo é a crítica, retroalimentando-se à medida que escala. A única maneira de avançar é pelo meio, o que significa mais para dentro” (LAND, 2017, s/p. Tradução nossa).

Partindo dessa leitura de Deleuze e Guattari sobre o poder desterritorializante do capital, Nick Land constrói uma interpretação própria sobre o sentido teleológico que essa força entrópica ocasiona, não como um exercício de previsão, mas como uma extrapolação do presente. A perspectiva aceleracionista desenvolvida em sua obra repercutiu em todo o conjunto de escritos da CCRU, que ele coordenou, e também no pensamento desenvolvido posteriormente sobre essa corrente. Silveira (2025, p. 33) nota essa influência ao analisar a coletânea *#Accelerate: the accelerationist reader* (2014), de Avanesian e Mackay, que reúne um conjunto antológico da teoria aceleracionista. Nesta, Land faz-se presente em três capítulos com seus artigos *Circuitries* (1992), *Cyberpositive* (1994) — coescrito com Sadie Plant — e *Teleoplexy: notes on acceleration* (2014). Considerando que os trabalhos de Fisher, Alex Williams, Nick Srnicek, Iain Hamilton Grant, Luciana Parisi, Reza Negarestani e Ray Brassier, presentes na coletânea, desenvolveram-se sob a “esfera de influência” de Land, Silveira identifica razões para considerá-lo o protagonista e principal nome de *#Accelerate*.

Sem embargo, é com Rodrigo Santaella Gonçalves e Victor Marques, em seu artigo *Por uma política orientada ao futuro* (2021), que podemos adentrar o significado próprio do aceleracionismo landiano. Os autores partem da inversão feita por Land da cibernética que, em Norbert Wiener, trata-se da ciência do controle e da comunicação no animal e na máquina — uma ferramenta para o domínio humano sobre a natureza e a história. Em Land, a cibernética converte-se em um elogio à perda de controle, à superação da prevalência humana sobre a máquina. Nessa interpretação:

Estariamos em uma época de derretimento generalizado, na qual os processos de fuga do capitalismo arrebataram com todas as amarras que constituem os mecanismos humanos de controle social, relegando a política à obsolescência. Longe de ser uma “invenção humana”, passível de ser mantida sob controle consciente, o capitalismo é mais parecido com um “contágio viral” descontrolado, se replicando ciberpositivamente por meio das redes globais (GONÇALVES; MARQUES, 2021, p.383).

Esse movimento, mais uma tendência do que uma essência, conforma uma entidade cuja melhor representação seria uma Inteligência Artificial Geral (IAG): um sistema

maquínico capaz de compreender, aprender e aplicar conhecimentos com capacidade igual ou superior à humana. Trata-se do Tecnocapital, figura recorrente na iconografia landiana que se aproxima da noção de “Intelecto Geral” em Marx ao constituir um “sujeito automático”, remetendo também a Butler na medida em que Land o percebe como dotado de uma inteligibilidade própria e autônoma. O Tecnocapital, para Land, é uma força histórico-mundial indiferente aos anseios e esperanças humanos, capaz de destruir culturas, tradições e subjetividades até que o mundo se torne semelhante à sua própria imagem.

Gonçalves e Marques (2021, p. 385) são precisos ao identificarem na escatologia landiana um imaginário de futuro com tonalidades veementemente lovecraftianas, um horror cósmico baseado na celebração do fim da agência humana. Nesse sentido, sugerem a categoria de aceleracionismo fáustico, em referência à obra de Goethe, na qual o protagonista, Fausto, almeja o conhecimento absoluto e o poder sobre o tempo e o espaço por meio de um pacto demoníaco; contudo, seu ímpeto de transcendência da condição humana é frustrado por consequências imprevistas e destrutivas.

Distante de uma fabulação apocalíptica nascida do vácuo, o aceleracionismo anti-humano de Land é indissociável de seu contexto histórico: o Reino Unido da década de 1990. Naquele período, predominava no debate público um sentimento de falência da política, vista como impotente diante do triunfo do neoliberalismo, da financeirização e da globalização econômica. Nessa conjuntura, germina um horror que, embora teórico e abstrato, possui uma ancoragem real, esta, muito bem captada por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014, p.71):

Quanto à humanidade que habita esse mundo-universo sem janelas do capitalismo tardio, há muito tempo ela não é mais humana. Longe de imaginar uma (trans)humanização "quente" do cosmos, os aceleracionistas professam um pós-humanismo "frio" que constata a *deshominização* assubjetivante do Homem pelo tecnocapitalismo desterritorializado, saudando uma "infiltração tecnológica da agencia humana" capaz de induzir mudanças na anatomia cerebral da espécie e finalmente de dissolver a velha Cultura antrópica e provinciana dentro de uma nova Natureza cósmica, austera e estéril, caótica e rarefeita, impessoal e elementar.

Compreender a perspectiva aceleracionista de Nick Land abre caminho para uma possibilidade que, para os fins deste trabalho, possui maior relevância: a análise do aceleracionismo em Mark Fisher. A progressão lógica impõe-se, uma vez que o ensaio mais significativo de Fisher sobre o tema é, precisamente, uma crítica à teoria de seu ex-orientador. Trata-se de *Terminator vs Avatar*, originalmente apresentado como comunicação no Simpósio

sobre Aceleracionismo na Universidade de Goldsmiths, em 2012, e posteriormente reproduzido na coletânea *#Accelerate* (2014), organizada por Avanessian e Mackay.

Escrito em um contexto posterior ao encerramento da experiência da CCRU e à publicação de *Realismo Capitalista*, esse texto marca o retorno de Fisher à temática característica da unidade de pesquisa. Contudo, o aceleracionismo que Fisher busca formular já apresenta diferenças substantivas em relação àquele pensado na segunda metade da década de 1990. Se a conjuntura pretérita era favorável ao aceleracionismo, dado que o quase consenso sobre a inevitabilidade do neoliberalismo e a tese do “fim da história” obrigavam aqueles que almejassem um pós-capitalismo a apostar na intensificação do processo em curso, em vez de sua substituição, em 2012 a situação era distinta. A crise financeira de 2008, representativa da disfuncionalidade da ortodoxia baseada na especulação financeira (em detrimento da produção industrial), já colocava em xeque o fatalismo neoliberal. Coube aos aceleracionistas, portanto, não a renúncia ao impulso à desterritorialização, mas a releitura do rumo desse movimento. Gonçalves e Marques (2021) interpretam essa tendência como a abertura das possibilidades para um “aceleracionismo de esquerda”.

O primeiro apontamento de Fisher, que abre seu debate acerca do tema, é sua consideração sobre o filme *Avatar* (2009), de James Cameron. O longa de ficção científica retrata o conflito no planeta Pandora, onde os nativos Na'vi resistem à incursão predatória da humanidade no ano de 2154. Movidas pela exaustão dos recursos terrestres, as forças expedicionárias priorizam a exploração mineral em detrimento da alteridade, subjugando o território, a cultura e a própria vida biológica dos nativos à lógica do extrativismo desenfreado.

Fisher enxerga nessa narrativa a construção de um discurso escapista com roupagem de nostalgia pré-capitalista, manifesta na identificação do espectador com o nativo em luta contra a destruição de seu planeta, tendência semelhante ao esforço da humanidade real, no propósito de salvaguardar sua cultura e existência frente ao desenfreado avançar do capital. Para o autor, Hollywood demonstra consciência de que o sentimento fabricado pelo filme, uma fantasia de retorno a um estado de pureza idílica, distante de nossa reificação atual, é parte constituinte do próprio discurso da modernidade capitalista. O sistema simula um retorno ao orgânico para constituir um "espaço seguro" onde possamos rejeitar os processos desumanizantes do capital enquanto dependemos totalmente de sua infraestrutura tecnológica: “Só podemos brincar de sermos primitivos interiores em virtude de uma tecnologia

cinemática de proto-realidade-virtual cuja própria existência pressupõe a destruição do idílio orgânico de Pandora” (FISHER, 2014, p. 339. Tradução nossa).

A esse discurso de elevado realismo capitalista, Fisher responde com uma referência a Lyotard e seu provocativo argumento de que não há como retornar à "lama orgânica" do campesinato ou às territorialidades pré-capitalistas — e que o proletariado tampouco desejaria tal retrocesso. Fisher anuncia, assim, sua inclinação aceleracionista ao notar a impossibilidade de reterritorialização ou de retorno a uma condição orgânica restaurada. Dada a incompatibilidade dessa proposta com o desejo de integração profunda ao ritmo frenético do capitalismo, ele questiona: “não seria, então, para frente a única direção? Através da merda do capital, suas barras de metal, seu poliestireno, seus livros, seus patês de salsicha, sua *matrix* de ciberespaço?” (FISHER, 2014, p. 340. Tradução nossa).

Todavia, sua leitura dessa filosofia da aceleração, após atravessar o momento aceleracionista da década de 1970 com Deleuze, Guattari, Lyotard e Baudrillard, esbarra no caráter da filosofia de Nick Land como representante da vertente dos anos 1990, que pensava o aceleracionismo em confluência com a cibercultura. Esse enfoque fundamenta-se no reconhecimento, por parte de Fisher, da perspicácia das provocações de Land dirigidas à esquerda e ao marxismo acadêmico. A crítica à performatividade desses setores, marcada pela acomodação pequeno-burguesa ao ambiente universitário e pelo abandono da práxis revolucionária (ironizada no trecho “Artigos sobre antagonismo, então todos para o *pub* depois”), é contraposta à seriedade com que Land eleva suas teses para além da mera representação. Trata-se de uma "injunção espinozista-nietzscheana-marxista" assumida radicalmente, mesmo ao custo de sua própria ‘psicose e esquizofrenia autoinduzidas’.

Fisher reconhece sua dívida intelectual com Land, qualificando-o como “nosso Nietzsche”, no sentido de uma bizarra mistura entre futurista e reacionário. Para o autor, é justa a leitura landiana dos sentidos da técnica na modernidade tardia: a desregulamentação dos mercados e o esvaziamento do controle estatal, em meio à globalização, tornam o capital uma entidade assemelhada às inteligências artificiais, uma entidade com inteligibilidade autônoma. Entretanto, o fatalismo cósmico dessa “teoria-poesia” de inspiração *cyberpunk* e a aceitação incontestada desse devir anti-humano carregariam uma pulsão tanatológica e um descarte radical do vitalismo. Essa conjunção explicaria o “futurismo reacionário” em Land, fazendo dele, como opositor do ingênuo “futurismo primitivo” de *Avatar*, o arquétipo do Exterminador do Futuro (*Terminator*).

O nihilismo pulsional de Land é, no entanto, movido por um erro de premissa. Segundo Fisher, a leitura de Land incompreende o sentido do capitalismo em Deleuze e Guattari, colapsando-o na esquizofrenia, nos processos desterritorializantes, no feedback positivo ininterrupto, sem levar em conta as forças de reterritorialização compensatórias inerentes ao processo. Em contraste, Fisher observa a tendência do capital em assimilar aquilo que é tornado arcaico pela aceleração, como a família, a nação e as identidades de consumo, tornando-os limites sem os quais não poderia subsistir. Exemplo disso seriam as tendências culturais ao pastiche e a retrospectiva, analisados por Fredric Jameson como signos da lógica cultural pós-moderna, elementos de retorno ao passado que convivem com a aceleração da experiência temporal. “Os processos abstratos de decodificação que o capitalismo inicia precisam ser contidos por arcaísmos improvisados, ou o capitalismo deixa de ser capitalismo” (FISHER, 2014, p.345. Tradução nossa).

Por mais que Fisher absorva de Land a compreensão do capitalismo como entidade autônoma e estrutura impessoal hiperabstrata, ele diverge ao complementar que, sem a colaboração humana, não há subsistência possível para esse sistema. Outrossim, Fisher argumenta contrariamente à ideia de que a força desterritorializante do capitalismo assuma necessariamente a forma de inovação constante. Ao observar o movimento real do capital e sua aglutinação em monopólios como Microsoft ou Walmart, Fisher nota uma tendência antimercado no arranjo neoliberal. O que Land enxerga como aceleração, Fisher lê como inércia disfarçada: “Bill Gates promete negócios na velocidade do pensamento, mas o que o capitalismo entrega é o pensamento na velocidade dos negócios. Uma simulação de inovação e novidade que disfarça inércia e estase” (FISHER, 2014, p. 345).

Demarcadas as divergências, Fisher passa ao longe de renunciar à aceleração. Pelo contrário, constatando a inércia nos signos até então vistos como expressões da aceleração, a inovação tecnológica corporativa, a desregulamentação neoliberal e a exploração do trabalho, Fisher conclui incitando a elaboração de uma nova leitura do aceleracionismo, que negue o nihilismo inumano de Land, e busque pensar a aceleração nos marcos de uma estratégia política anticapitalista (FISHER, 2014, p.345). A partir disso Gonçalves e Marques (2021) veem razão em reconhecer um “aceleracionismo de esquerda”, com Fisher enquanto figura chave dessa vertente objetivada a subversão da lógica do capitalismo a partir de dentro, utilizando suas próprias transformações tecnológicas para fins emancipatórios. Um “aceleracionismo prometeico” orientado para uma reabilitação do futuro.

3. MATERIALISMO GÓTICO E TEORIA-FICÇÃO CIBERNÉTICA EM MARK FISHER

Além do juízo de Deus. Derretimento [...]

Nick Land, Meltdown

Em 1999, Fisher concluiu seu doutorado e apresentou sua tese, *Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction*. Dentre suas obras, esta foi a que sofreu o mais notável apagamento. Prova disso é o fato de ter obtido edição física apenas postumamente: primeiro em 2018, por iniciativa do coletivo cultural *Ex-Military* e, posteriormente, em 2025, pela *Zero Books* (editora da qual o próprio Fisher foi colaborador). Durante quase vinte anos, *Flatline Constructs* existiu apenas em repositórios acadêmicos institucionais e em circuitos informais de circulação digital.

Sua importância, no entanto, é capital. A obra insere-se no contexto de efervescência da CCRU; tendo sido Fisher um dos principais autores dos textos do coletivo, compreender a dimensão singular de seu pensamento à época é fundamental para a história da unidade de pesquisa. O inverso também é verdadeiro: seria impertinente tentar entender o significado da tese de Fisher sem o aparato conceitual próprio da CCRU. Debruçar-se sobre seu conteúdo permite analisar o projeto teórico-filosófico do autor em seu "marco zero", diferenciando-se dos escritos coletivos e segmentados de que se tem registro anterior por ser sua primeira obra completa e individualizada.

A recepção dessa obra, reflexo natural de seu mencionado apagamento, baseia-se em um número reduzido de comentários, resenhas e artigos. Um panorama relevante é apresentado no prefácio da edição de 2018, escrito pelos editores do coletivo *Ex-Military*, de Nova York. Nele, *Flatline Constructs* (doravante FC) é situada em seu contexto histórico estrito. O ano de 1999, sobretudo para os estratos acadêmicos interessados na cultura digital, foi indissociável dos eventos que cercaram o fenômeno do Y2K, o "bug do milênio". O pânico global diante de uma possível falha geral nas redes de computadores, devido à convenção de representar datas com apenas dois dígitos, implementada nas primeiras décadas da programação e incapaz de diferenciar o ano 2000 (00) de 1900, gerou instabilidade e preocupação em sistemas financeiros, controles aéreos e cadeias produtivas, mobilizando esforços massivos para a prevenção do erro.

Ao sugerir uma catástrofe informacional com repercussões nas estruturas técnicas de organização do capital, o evento do Y2K causou em Fisher o impacto da fabricação de “ilusões de fim” que retiravam o véu encobridor do “desastre ruinoso, vagamente inestimável” de nossa cultura contemporânea (EX-MILITARY, 2018, p. 1). Essa atmosfera impulsionava a inclinação de um olhar teórico para as questões experimentadas pela ficção científica e sua vertente *cyberpunk*. A especulação de um colapso das estruturas sociais, devido ao avanço desenfreado da tecnologia, trazia consigo uma carga estética que marcou FC não apenas em seus interesses objetivos, mas em sua tonalidade textual, assinalada por uma nuance *noir* e opaca, com um ritmo acelerado.

Essas inclinações estéticas repercutem na obra já em seu subtítulo, *Materialismo Gótico e Teoria-Ficção Cibernética (Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction)*, e adentram profundamente seu conteúdo formal. A compreensão desses conceitos não é uma tarefa simples, visto que Fisher conferiu à obra o caráter fugidio da escrita da CCRU, propositalmente antiacadêmico. De igual modo, incorporou uma aversão a definições estáticas característica de sua base filosófica espinozista e deleuziana, no sentido de que, antes da forma e da essência, interessam os “modos”, ou as condições de possibilidade, da substância. Tendo isso em mente e tomando como base os significantes empregados no subtítulo, pode-se assumir a leitura de Ray Brassier²⁰ de que FC consiste em um tratado sobre a metafísica da cibernética.

A forma assumida, porém, é a de uma experimentação conceitual propositiva, a partir da fusão entre a análise materialista da cibernética e a interpretação estética do horror e da ficção científica em expressões literárias e cinematográficas. O que se alcança a partir daí é o conceito de Linha Plana (*Flatline*), inspirado nos monitores de um eletrocardiograma: o movimento do objeto inanimado (a tela) representa e condiciona o estado daquilo que está vivo (o paciente). A linha plana constitui um plano de imanência radical no qual a tendência antropocêntrica de atribuir agência a objetos inanimados é subvertida, de modo que tudo, animado ou inanimado, é visto como “morto”. Esse limite cinzento, uma justaposição inquietante entre não vida e não morte, é o que Fisher pretende fundamentar: “Linha plana: um plano onde não é mais possível diferenciar o animado do inanimado e onde ter agência não é necessariamente estar vivo.” (FISHER, [1999] 2018a, p. 2).

²⁰ Disponível em: <https://www.collectiveinkbooks.com/zer0-books/our-books/flatline-constructs#reviews>. Acesso em: 07 fev. 2026.

O pano de fundo essencial para esse conceito reside tanto na cultura popular quanto na teoria sociológica — partindo desta última, uma referência inicial é *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet* (1995), da socióloga Sherry Turkle. Nesse volume, a autora estuda a chegada dos computadores pessoais e os impactos psicológicos em seus usuários. Fisher ampara-se na reflexão de Turkle de que o computador superou sua condição de ferramenta técnica para tornar-se um “objeto evocativo”, construtor de identidade, para pensar como os sistemas informáticos desafiam a ontologia tradicional. O usuário, emocionalmente dependente do objeto, passa a tentar conferir-lhe agência, reconhecendo-lhe uma psicologia própria (FISHER, [1999] 2018a, p. 171).

A ficção inspira Fisher com a mesma intensidade e em um sentido muito próximo. Sua referência aqui é *O Gólem* (1915), de Gustav Meyrink, o conto cabalístico do rabino que anima a argila sem vida, dando forma ao monstruoso ser que, uma vez animado e não mais sujeito ao controle de seu mestre, enlouquece. Fisher busca analisar o sentimento ominoso de indistinção entre sujeito e objeto experienciado pelo personagem de Meyrink diante de sua criação (FISHER, [1999] 2018a, p. 4). O foco não reside, porém, no que há de sobrenatural ou etéreo nas histórias, mas na possibilidade de um tipo de “vida não orgânica”.

O computador enquanto objeto dotado de agência e o Gólem enquanto matéria animada são os motores para a proposição da linha plana (*flatline*) em Fisher, que visa, sobretudo, desafiar a distinção entre vitalismo e mecanismo em seu tempo. Essa conjuntura, simbolizada em seu aspecto tecnológico pela alvorada dos computadores pessoais e da internet, estava alicerçada em outro fenômeno de imprescindível relevância para a obra: a cibernética. Sua consolidação significou a formação de um novo “sublime poder humano sobre o acaso e uma ampliação sombria do processo mecânico de expansão do capitalismo multinacional, até então caracterizado por um *feedback* positivo quase ininterrupto” (FISHER, [1999] 2018a, p. 23. Tradução nossa).

Fisher observa a cibernética e sua dinâmica técnica de organização como agentes criadores de “máquinas sociais”, dispositivos capacitados a um aprendizado maquínico, aptos a ajustarem-se ao futuro por meio do desempenho passado. O alcance dessa capacidade, pensada costumeiramente como inerentemente humana, incidiria em uma dissolução do “privilégio cartesiano do humano sobre o animal e do orgânico sobre o inorgânico” (FISHER, [1999] 2018a, p. 22). A consequência seria a compreensão do humano no mesmo patamar que a máquina e a coisa, de modo a negar um “lado de fora” nas relações entre o indivíduo e o

meio, entre o humano e a máquina, ou entre os trabalhadores e o capitalismo, a negação, portanto, de uma zona imaginária não alienada.

Essa é a imagética “gótica” do capitalismo observada por Fisher, metaforicamente associada a uma análise das agências do capital enquanto ente inorgânico e inanimado que, todavia, influencia a vida humana como um devir-ativo inanimado: “algo que não deveria estar vivo”. É nessa reflexão sobre as formas de agência sem sujeito — nas quais Fisher articula fenômenos tecnológicos como a inteligência artificial, a cibernética computacional e as mídias de massa, bem como produtos culturais como *O Exterminador do Futuro* e *Blade Runner* — que se instancia o princípio estético do “gótico” enquanto dimensão da estranheza onírica presente na sociedade e na cultura.

Esse olhar revela-se deliberado quanto ao tipo de análise materialista e marxista que Fisher pretende realizar. Em FC ([1999] 2018a, p. 29), o autor evoca um Marx que aponta para a personalidade vampiresca do capital: o trabalho morto que “só pode viver sugando o trabalho vivo, e que, quanto mais trabalho suga, mais vive”. Trata-se da mesma lógica do monstro de Frankenstein que, sendo obra técnico-científica de um criador humano, escapa ao seu controle e torna-se uma força quase viva, desgovernada e em rebelião contra seu progenitor. Inspirado no provocativo mote de Donna Haraway, “nossas máquinas são perturbadoramente vivas, enquanto nós mesmos somos assustadoramente inertes”, Fisher propõe o conceito sistematizador dessa reflexão: o materialismo gótico, definido como o estudo “daquilo que não deveria estar vivo”. De acordo com Fisher:

O Materialismo Gótico se interessa pelas maneiras pelas quais o que pareceria ultramoderno – os produtos brilhantes de um capitalismo tecnicamente sofisticado – acaba sendo descrito nos termos ostensivamente arcaicos familiares da ficção de terror: zumbis, demônios. Mas resistirá à tentação de pensar nessa “demonização do cibernético” como o renascimento de algo “familiar e antigamente estabelecido na mente”, preferindo pensá-la como a continuação de uma linha não orgânica que é positivamente antagônica à temporalidade progressiva. (FISHER, [1999] 2018a, p. 3. Tradução nossa).

O materialismo gótico é um dos conceitos estruturantes da tese de doutorado de Fisher e uma das partes da "linha plana". Seu complemento, a outra metade desse duplo, é, consequentemente, a Teoria-Ficção Cibernética. A primeira parte desse elemento é determinante: a ideia de teoria-ficção (*theory-fiction*), sintetizada por Marques (2023, p. 92-93) como uma “abordagem que combina elementos teóricos e narrativos, mesclando conceitos filosóficos, especulações e referências culturais e ficcionais para criar uma forma de escrita que vai além dos limites tradicionais da academia, explorando a interseção entre teoria, ficção e cultura”.

Essa intersecção entre teoria e ficção, constituinte de uma nova prática filosófica emergente na pós-modernidade, é abordada por Fisher da seguinte maneira:

Talvez possamos abordar esse problema de forma mais proveitosa considerando a oposição convencional entre teoria e ficção. Aqui, a teoria está do lado do real e a ficção está do lado do imaginário, [...] aqui, presume-se que a mudança para um modo ficcional significa automaticamente o fim da teoria. Mas, se essa oposição rápida demais é inadequada, o que poderia significar a fusão de ficção e teoria? Exponentes bem conhecidos desse modo – Nietzsche, Kierkegaard – não são novidade. Em seu aspecto mais radical, o que está em jogo aqui é mais do que o disfarce da teoria como ficção, ou da ficção como teoria, mas uma dissolução da própria oposição. Duas afirmações relacionadas, uma descritiva, a outra prescritiva, emergem disso: (1) toda teoria já é ficção; e (2) a teoria deve abandonar sua posição assumida de "neutralidade objetiva" e abraçar sua ficcionalidade. Mas algo acontece com a ficção aqui; ela não está mais, simplesmente, do lado do imaginário (FISHER [1999] 2018a, p. 155-156. Tradução nossa).

Esse é mais um dos dualismos abolidos por Fisher em seu plano de imanência. Se o materialismo gótico recusa a distinção entre animado e inanimado, ou entre orgânico e inorgânico, a teoria-ficção dissolve a fronteira entre o real e o ficcional. Os desdobramentos epistemológicos dessa prática, embora não constituam a preocupação imediata de Fisher, reverberam ao longo de toda a obra. Adam C. Jones (2025, pos. 83), em seu prefácio à segunda edição de FC, discorre sobre como a teoria-ficção se ampara em um “pragmatismo cibernético” enquanto epistemologia. Sob essa perspectiva, da mesma forma que a cibernética não se interessa pelo que as coisas representam ou “significam”, mas sim pelo que executam, suas relações funcionais, a teoria-ficção não concebe a representação como um substituto do objeto representado, mas como um produto constituído de realidade em si. Jones ecoa Anna Greenspan, antiga colaboradora de Fisher na CCRU, para um último aporte sobre a questão:

A produção abstrata é um processo material, não epistemológico. Profundamente influenciado por Spinoza, seu trabalho dissolve a distinção rígida entre matéria e pensamento e, assim, é capaz de nivelar eventos culturais, tecnológicos, socioeconômicos e filosóficos em um único plano (GREENSPAN *Apud* JONES, 2025, pos.101. Tradução nossa).

Uma vez elaborado seu aparato teórico-metodológico, Fisher utiliza-o para uma leitura das relações entre tecnologia, teoria, morte e Desejo na cultura contemporânea. Sua matéria-prima, como não poderia deixar de ser, reside essencialmente na literatura e no cinema, especialmente nos subgêneros do *cyberpunk* e do horror gótico, em títulos como *Neuromancer*, de William Gibson; *Crash* e *The Atrocity Exhibition*, de J.G. Ballard; *The Soft Machine* e *Naked Lunch*, de William Burroughs; *Videodrome*, de David Cronenberg; e *Blade Runner*, de Ridley Scott, entre muitos outros.

Partindo dessa teia de referências, particularmente de *Blade Runner* (1982) e *Neuromancer* (1984), Fisher inaugura a discussão analisando o nexos entre pós-modernismo, cibernética e o gótico. O teórico britânico compreende o gênero dessas produções como algo inerente à pós-modernidade, no sentido materialista, investigando os efeitos que as “novas configurações do telecomércio têm sobre o sistema nervoso humano” (FISHER, [1999] 2018a, p. 12). Com essa acepção material da pós-modernidade, creditada a Jameson, Fisher lança o olhar sobre uma cena de *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick, obra original de *Blade Runner*, na qual dois dos personagens principais observam a pintura *O Grito*, de Edvard Munch, e perguntam-se se um androide deveria sentir-se daquela maneira. O que interessa a Fisher aqui é o deslocamento do afeto do humano para o simulacro.

O declínio da distinção entre a profundidade humana e a superfície maquínica, pensado a partir da ficção, encontra seu par na realidade objetiva com o advento da cibernética, enquanto disciplina técnica baseada na lógica dos circuitos de retroalimentação (*feedback*) da informação, que não discriminam ordens orgânicas ou inorgânicas da matéria. Natureza e tecnologia passam, então, a ser observadas sob o mesmo prisma, ao qual Fisher se refere como “tecnosfera”: “O autômato é o análogo do homem e permanece responsivo a ele (mesmo jogando damas com ele!). A máquina é o equivalente do homem, apropriando-se dele na unidade de um processo funcional.” (FISHER, [1999] 2018a, p. 25. Tradução nossa).

A cibernética, juntamente com as novas dinâmicas socioculturais que com ela se estabelecem, conforma em Fisher um tipo de realismo adaptado à realidade artificial e às subordinações do corpo, do Desejo e da linguagem a forças não humanas, automatizadas e espectrais, características do capitalismo tardio. São essas forças, agências sem sujeito, formas de “vida não orgânica” ou “devires ativos-inanimados”, que instanciam a província do gótico nesse realismo cibernético.

Fisher demonstra esse princípio em uma análise da infiltração do corpo pelos dispositivos eletrônicos e mecânicos na modernidade, indo de Freud e McLuhan até os fenômenos mais contemporâneos de seu contexto. O teórico britânico toma como pressuposto o olhar de Freud sobre a tecnologia em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), obra considerada o marco para a configuração do homem moderno como um “deus protético”: um ser incorporado a apêndices sintéticos e extensões técnicas que, embora expandam o controle humano sobre a natureza, agem apenas como paliativos frente à fragilidade do homem quanto à sua natureza interior (FREUD, 2011, p. 34).

Marshall McLuhan, segundo Fisher ([1999] 2018a, p. 13), radicaliza essa tese ao conceber as “próteses” não apenas como complementos, mas como invasoras da interioridade orgânica do sujeito. Trata-se de um devir técnico do organismo que promove uma espécie de desindividuação, a qual abarcaria o fim da solidão e da ansiedade ancoradas no pensamento e no sentimento individuais. A revisão bibliográfica de Fisher, que culmina em Baudrillard e Ballard, caminha, então, rumo à afirmação da tese de uma diluição esquizofrênica completa do sujeito, o “ego imperial”, e do estranhamento entre o eu e o não eu, em meio ao cosmos sociocultural do capitalismo tardio. Como pontua Fisher:

O desaparecimento da distinção entre esferas privadas e públicas traz consigo a desintegração concomitante do que Lasch chama de “ego imperial”, a “mônada burguesa” de Jameson, com sua “concepção de um eu único e identidade privada, uma personalidade e individualidade únicas” (FISHER, [1999] 2018a, p. 66. Tradução nossa).

A midiatização do corpo e a conseqüente dissolução da subjetividade são elementos explorados por Fisher como processos de desterritorialização da relação entre o organismo e a vida. A força inspiradora reside em *Neuromancer* (1984), de William Gibson — obra paradigmática na definição da estética e da lógica do ciberespaço, bem como na antecipação de diversas características da internet contemporânea. Em Gibson, o ciberespaço não é um lugar fixo, mas uma “alucinação consensual”, na qual a consciência adentra sem que o corpo a acompanhe. O desenvolvimento da internet no período em que Fisher escrevia FC, especialmente o ecossistema de blogues, com o qual o próprio autor contribuiu ativamente, já alcançava a proposição literária gibsoniana: um espaço onde a subjetividade se manifesta a despeito do movimento dos corpos físicos.

A relação entre corpo e sujeito em Fisher é legatária de Deleuze e Guattari, que concebem o corpo como uma congregação de desejos, fluxos, intensidades, afetos e criações. O corpo é uma superfície por onde circulam intensidades; nele, os fluxos podem ser organizados por órgãos, ferramentas com funções definidas e dotadas de uma teleologia própria. Desarranjar esse sistema pode gerar instabilidade nos fluxos, romper aplicabilidades estáveis e abrir possibilidades para a reinvenção das formas do Desejo. Esse Corpo sem Órgãos, no ciberespaço de Gibson, é desapropriado de sua materialidade orgânica, tornando-se intensidade pura na exploração do horizonte técnico. Para Fisher, isso significa a ruptura da experiência do corpo físico como recipiente do sujeito, permitindo “não uma fuga do sujeito da fisicalidade, mas uma exploração do corpo como potencial despersonalizado; matéria abstrata. Abstração sem empatia” (FISHER, [1999] 2018a, pp. 52-53. Tradução nossa). Em suas palavras:

O que se encontra na linha plana [*flatline*] – aquilo em que você se torna ali – é o corpo sem órgãos, que “não tem absolutamente nada a ver com o corpo em si, ou com uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem”. A imagem corporal, sugerem eles, é uma sobrecodificação do corpo pelo sujeito, uma representação do organismo em vez de uma expressão do potencial do corpo, que é sempre abstrato e sempre incognoscível: na fórmula spinozista favorita de Deleuze, ninguém sabe o que um corpo pode fazer. O corpo espinosista jamais pode ser correlacionado a uma imagem, pois está sempre em processo, definido, em última análise, apenas por sua abstração, mas uma abstração que nunca deixa de ser totalmente material. O corpo espinosista não é definido topologicamente, por limites extensivos, mas intensivamente, pelo conjunto de afetos de que é capaz. (FISHER, [1999] 2018a, p. 52. Tradução nossa).

O corpo e sua imagem são colocados em xeque quanto à capacidade de sua função topológica em sobrecodificar sua potência. Fisher avança ao confrontar outro pilar definidor do vivo: a reprodução sexual. Nessa conjuntura de avanço tecnológico acelerado e seu incalculável impacto cultural, o autor mergulha no debate sobre como a cibernética, a clonagem e a biotecnologia reconfigurariam a reprodução biológica e sexual. Tal movimento sinaliza uma mudança paradigmática na maneira como a vida, a identidade e a continuidade são concebidas.

Fisher identifica dois contra modelos à reprodução vitalista. O primeiro, formulado por Jean Baudrillard em *The Transparency of Evil* (1990), é denominado por Fisher como gótico negativizado (FISHER, [1999] 2018a, p. 101). Ao refletir sobre as consequências das revoluções dos anos 1960, como a sexual e a de costumes, Baudrillard argumenta que estas propiciaram uma fusão identitária confusa em vez de uma autêntica libertação dessas formas (BAUDRILLARD, 1993, pp. 24-25). Além disso, a alvorada cibernética e os avanços da Terceira Revolução Industrial aprofundariam o ofuscamento do conceito de “humanidade”, progressivamente capturado pela técnica. Nesse cenário, a clonagem e a engenharia genética substituiriam a diferenciação sexual, fonte da alteridade para Baudrillard, por uma geração tecnobiológica de cópias estéreis e ilimitadamente reprodutíveis: a era da “xerox” ou o “inferno do mesmo”.

“Os seres tecnológicos de hoje”, ele elabora em *The Transparency of Evil*, “máquinas, clones, partes do corpo de reposição – todos tendem a esse tipo de reprodução e, pouco a pouco, estão transmitindo o mesmo processo aos seres que são supostamente humanos e sexuados”. Além de aniquilar o sexo, essa forma – mortal – de reprodução também aniquila (ou extermina) a morte orgânica; “um produto individual na esteira rolante” não foi “gerado sexualmente” e, portanto, “não está familiarizado com a morte”. (FISHER [1999] 2018a, p. 102. Tradução nossa).

Já o segundo contra modelo identificado é o de Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* (1972), obra na qual os autores debatem *Erewhon* (1872), de Samuel Butler. Butler parte de uma inversão ontológica na qual se assume a maquinaria como um ecossistema reprodutivo

do qual os seres humanos são apenas ferramentas intermediárias; o próprio sistema técnico é o agente que se reproduz, evolui e adapta. Deleuze e Guattari levam a premissa de Butler ao limite, rejeitando o modelo filiatório (a genealogia pai-filho, herança e reprodução sexual) e substituindo-o por um modelo maquínico, no qual não há reprodução, mas sim acoplamento e propagação de fluxos entre corpos, códigos e máquinas.

Diferentemente do pessimismo de Baudrillard, essa forma de vitalismo anorgânico, de propagação gótica, é interpretada por Fisher ([1999] 2018a, pp. 116-120) como um modelo de xenogênese (geração a partir do estranho) afirmativo e proliferante. Figurativamente atrelado à imagem do vampiro ou do vírus, esse modelo é capaz de produzir a diferença: “Em oposição à patrogênese freudo-edipiana, trata-se do que Octavia Butler chama de xenogênese: propagação alienígena e replicativa em vez de reprodução familiar (ou filial)” (FISHER, [1999] 2018a, p. 120).

Sem pretender esgotar a tese de Fisher, destacamos até aqui alguns aspectos considerados centrais em sua prática teórica que funde a análise materialista da cibernética à estética do horror. Sua *flatline*, enquanto plano de imanência radical, torna-se o local de perturbação do antropocentrismo, e o materialismo gótico uma base metafísica para pensar as dinâmicas culturais e psicológicas da pós-modernidade. Essa análise é realizada "de dentro", como um exercício de tensionamento epistemológico com as fronteiras estabelecidas do discurso teórico, fundindo-se à ficção no tipo particular de escrita que Fisher pretende forjar.

Nota-se aqui como a tese de doutorado de Fisher incorpora temáticas candentes de seu enquadramento histórico, bem como questões de interesse em seu contexto de ideias. A incerteza tecnológica, perante novas forças que foram julgadas como capazes de potenciais reconfigurações na natureza do sujeito, da cultura e do próprio capitalismo, é aqui interpretada como ‘perda de controle’, fenômeno assemelhado a ficção de horror, por mostrar “os produtos brilhantes de um capitalismo tecnicamente sofisticado – sendo descritos nos termos ostensivamente arcaicos familiares da ficção de terror: zumbis, demônios” (FISHER, [1999] 2018a, p. 3. Tradução nossa). Ainda assim, a tecnologia não é demonizada, pois a perspectiva da qual é olhada não está interessada em reabilitar um humanismo bucólico com o qual contrastaria.

A maneira com que FC ecoa temáticas anteriores e posteriores da obra de Fisher faz dessa tese algo como um campo de prospecção teórico-ontológico para sua produção intelectual. Elementos que caracterizam sua etapa posterior de pensamento, representativa da leitura mais tradicional de sua obra em torno de seus volumes editorialmente consolidados, já

se fazem presentes nesse escrito menos notório de Fisher. O sentimento da desorientação temporal, tão característico de sua *hauntologia*, aqui se manifesta no sentido da percepção de uma futuridade no qual a técnica avança em descompasso com o humano. A depressão endêmica, característica do Mal-Estar coletivo nas sociedades capitalistas, tematizada por Fisher especialmente em *Realismo Capitalista*, já ecoava aqui na noção de dissolução esquizofrênica do ego. A prática da Teoria-Ficção, em sua consideração da arte como matéria prima para a análise social, reverbera no conceito de hiperstição, muito recorrente em sua obra, e significativa da maneira com que a ficção está causalmente envolvida com o próprio vir-a-ser da realidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta investigação, torna-se possível formular algumas reflexões acerca da trajetória intelectual de Mark Fisher, lançando luz sobre os ‘subterrâneos’ conceituais que compõem a sua obra mais célebre. Antes, porém, cabe destacar o motivo do interesse no aspecto contracultural de nosso objeto, as teses ainda pouco exploradas de Fisher. Acreditamos que a força motriz tenha estado no próprio significado de sua obra. Como menciona Hammond (2019, p.3), Fisher foi um estrangeiro, um sujeito que ascende a uma posição social destacada, um intelectual influente em seu contexto, mas ainda alguém vindo de fora, desencaixado. Essa característica fez parte de seu pensamento, bem como de sua prática de si. Fisher foi artista, um produtor musical comprometido com o sentido de sua arte. E mesmo quando afirmado em sua carreira docente, procurou modos de experimentar com sua escrita, levando-a por caminhos ora julgados heterodoxos. Foi também um sujeito político comprometido com uma perspectiva social, orientando seu pensamento para a busca de respostas para as questões materiais e simbólicas que afligem os subalternizados. Seu compromisso político e artístico relaciona-se então com a transformação, a produção do novo. Tal característica inspirou-nos a buscar, também, o diferente dentro de sua obra.

A pesquisa partiu então da premissa de que a recepção brasileira de Fisher — forjada sob a urgência das crises políticas e sanitárias de 2020 — tendeu a priorizar o "intelectual público" e o crítico da ideologia neoliberal. A constatação dessa tendência assinalou para nós uma plataforma inicial para a busca do que havia de externo perante a leitura tradicional aqui demarcada. Todavia, não é possível privar o reconhecimento da legitimidade dessa interpretação, que corretamente captou a potência das teses de Fisher para a resposta da crise civilizacional de um tempo presente que conjuga o desenvolvimento tecnológico acelerado com as mais arcaicas mazelas sociais. Ainda assim, não se pode deixar de notar que o conjunto dessas urgências temáticas acarretou uma conseqüente diminuição da visibilidade da fase inicial do autor, tratando-a como uma incipiência "pré-crítica". A partir daí, a análise da produção teórica de Fisher entre 1994 e 2012 demonstrou o caráter das conexões entre sua crítica ao realismo capitalista e sua metafísica da técnica, imbricada à crítica cultural, gestada nos anos de Warwick.

O exame da recepção evidenciou que o enquadramento de Fisher como um "marxista de maturidade" foi um processo de legitimação que, por vezes, obscureceu a natureza híbrida do seu pensamento. Ao deslocar o eixo da análise para a teoria da práxis, comentadores como

Antônio Galvão, Victor Marques e Rodrigo Gonsalves capturaram com agudeza o Fisher capaz de politizar o sofrimento psíquico. Mas deixaram em segundo plano a dimensão experimental de seu pensamento de juventude. Esse pensamento caracterizado por uma capacidade de agir, criar e se expandir abarcou diferentes interesses, sob os quais poderíamos buscar estabelecer rótulos: fase do CCRU, fase aceleracionista, fase cybergótica, etc. Cujo traço mais distintivo seria então a descentralização e a transitoriedade.

A movimentação conforma, assim, a identidade do pensamento de Fisher. O realismo capitalista, seu conceito de maior grandeza, é indissociável da crítica da estagnação cultural que Fisher fazia em seus primeiros escritos sobre a pós-modernidade. Bem como sua hauntologia, que quer observar as agências do negativo, a permanência do que já não mais está, é uma categoria emaranhada em sua Linha Plana (*Flatline*), interessada na indistinção entre o que é vivo e morto, animado e inanimado. Seu Desejo Pós-Capitalista, o projeto político de escape do realismo capitalista, que Fisher buscava desenvolver durante seus últimos anos de vida, compartilha significativas aproximações com o ímpeto de superação e avanço da situação estabelecida, característico de seu pensamento aceleracionista. As identidades estáticas pouco se ajustam aos deslocamentos e conexões temáticas e conceituais que Fisher sempre operou.

Os atravessamentos entre vida e obra que pudemos observar confluem no sentido da observação do hibridismo no pensamento de Fisher. A experiência vivida, a subjetividade de nosso personagem está amalgamada em sua produção conceitual. A passagem pela CCRU é paradigmática enquanto capítulo que envolve o contato de Fisher com teorias de fronteira, imbricações entre filosofia e ciências da natureza, produção científica e pensamento místico, ambiente acadêmico e performance artística. Antagonismos que se fundem como forma de positivação. Fisher entrecruzou seus interesses em cibernética, sua busca pela exterioridade e o fascínio com a cultura popular na criação de seu estilo musical próprio, o "futurismo psicodélico", com suas batidas de *jungle* agindo como laboratórios para uma subjetividade que já não se reconhecia na cadência estática da modernidade tardia. Congregou também sua capacidade de formulação teórica com a sensibilidade estética de sua crítica cultural para uma prática intelectual disruptiva, que pensava a realidade a partir da ficção científica, como uma antropologia especulativa, representada em sua Teoria-Ficção.

O pensamento de Fisher, particularmente observado em suas expressões marginais, surpreende pelo refinamento e adensamento conceitual. É característica de Fisher tomar de empréstimo suas principais categorias, a pós-modernidade de Jameson, o aceleracionismo de

Deleuze e Guattari e posteriormente de Land e Plant, a hauntologia de Derrida. Não obstante, Fisher suplementa tais formulações a partir de sua identidade própria, transformando-as e ampliando suas possibilidades. Assim pudemos observar em seu debate acerca do aceleracionismo com base na vertente "anti-humano" e tecniilista de Nick Land. Fisher analisou-a, demarcando seus principais problemas e partindo rumo a uma busca por uma filosofia política que reivindique o sentido da aceleração do processo histórico, mas sem abolir a agência humana coletiva.

A dimensão de ser-obra (*work-like*) em Fisher, nos aspectos aqui ressaltados, a busca pela exterioridade, a forma experimental, o caráter de hibridização e suplementação, encontra um ponto de clímax na análise de sua tese de doutoramento, *Flatline Constructs* (1999). A densidade desse esforço reside já na proposta de Fisher em edificar uma metafísica da cibernética fundamentada em uma filosofia da imanência. Por meio de sua abordagem filosófica, o materialismo gótico, Fisher compreende o capital como uma agência inorgânica e "vampiresca" — o trabalho morto que subsiste ao sugar o trabalho vivo — atuando como um "devir-ativo inanimado" que fragiliza o controle humano sobre o meio. Nesse contexto, a Linha Plana (*Flatline*) emerge como o conceito ontológico central para situar o sujeito contemporâneo em um limiar onde a distinção entre o animado e o inanimado é dissolvida, permitindo uma agência que prescinde da vitalidade orgânica. Essa obra de Fisher materializa um entendimento singular sobre as novas expressões da tecnologia, vida, morte e desejo na era da cibernética.

A verificação dessas teses nos leva a crer que a pesquisa tenha alcançado seu êxito pretendido. O pensamento de Fisher, contemplado em sua dimensão subterrânea, em suas proposições alternativas, pôde ser observado e alguns de seus pontos distintivos delineados. O processo de análise da documentação, das fontes históricas primárias, da bibliografia correlata e da literatura adicional possibilitou a análise de elementos até então de difícil constatação no debate sobre Mark Fisher. Seu pensamento enquanto objeto de pesquisa segue ainda vastamente aberto para descobertas, críticas, conjecturas e interpretações. Concluímos, nesse sentido, contemplando esse outro olhar possível sobre Fisher. Analisando o conteúdo de suas ideias, seus contextos e significados e observando sua singular potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. **The transparency of evil: essays on extreme phenomena**. Tradução de James Benedict. Londres: Verso, 1993.

BECK, U. **O que é globalização?** equívocos do globalismo, respostas à globalização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

BROWN, Wendy. **Nihilist Times: thinking with Max Weber**. The Belknap Press: Massachusetts/London, 2023.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável: as encruzilhadas do labirinto**. v. 6. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CCRU. **CCRU Writings 1997-2003**. Xangai: Time Spiral Press, 2015.

COLQUHOUN, Matt. **Chega de manhãs deprimentes de segunda**. In: FISHER, Mark. Desejo Pós-Capitalista: Últimas Aulas. São Paulo: Autonomia Literária, 2025.

COLQUHOUN, Matt. **Digital Demonology: On the Auto-Production of Content**. Walker Art Center, 2023. Disponível em: <https://walkerart.org/magazine/digital-demonology-on-the-auto-production-of-content>. Acesso em: 5 nov. 2025.

CONSALVO, Mia. **Cyberfeminism**. Encyclopedia of New Media. 2002. Disponível em: http://study.sagepub.com/sites/default/files/Ch17_Cyberfeminism.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis; São Paulo: Cultura e Barbárie; ISA, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA SILVA OLIVEIRA, Juliana Michelli; ALMEIDA, Rogério de. **Imaginários da cibercultura a partir do pensamento complexo**. Revista Terceiro Incluído, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 93–105, 2020. DOI: 10.5216/teri.v10i1.66166. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/66166>. Acesso em: 5 fev. 2026.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

EX-MILITARY, **Foreword**. In: FISHER, Mark. **Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction**. Nova York: exmilitary, 2018a.

EXPOSTO, Emiliano. O marxismo louco de Mark Fisher: por uma política radical de saúde mental. Tradução de Gabriel E. Vitullo. **Cronos: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Natal, v. 25, n. 2, p. 114–130, jul./dez. 2024. ISSN 1982-5560.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism: Is There No Alternative?** Hampshire: Zero Books, 2009.

FISHER, Mark. **Continuous Contact** (2005). Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004826.html>. Acesso em: 30 out. 2025.

FISHER, Mark. **Desejo Pós-Capitalista: Últimas Aulas**. São Paulo: Autonomia Literária, 2025.

FISHER, Mark. **Fantasma da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FISHER, Mark. **Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction**. Nova York: exmilitary, 2018a.

FISHER, Mark. **Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction**. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade de Warwick, Warwick, 1999. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/110900>. Acesso em: 04 nov. 2025.

FISHER, Mark. **Ghosts Of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures**. Hampshire: Zero Books, 2014.

FISHER, Mark. **Interview with Mark Fisher**. Entrevistador: Rowan Wilson. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121227033429/http://www.readysteadybook.com/Article.aspx?page=markfisher>. Acesso em: 2 fev. 2026.

FISHER, Mark (org.). **Jacksonismo: Michael Jackson como sintoma**. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2014.

FISHER, Mark. **K-Punk: The Collected and Unpublished Writings of Mark Fisher (2004-2016)**. Londres: Repeater Books, 2018b.

FISHER, Mark. **Los Fantasmas de Mi Vida: Escritos sobre depresión, hauntología y futuros perdidos**. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2018c.

FISHER, Mark. **Nick Land: Mind Games**. Dazed Digital, 1 jun. 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games>. Acesso em: 2 fev. 2026.

FISHER, Mark; MACKAY, Robin. **Pomophobia**. In: *Swarm 1*. London: Cybernetic Culture Research Unit, 1996. Disponível em: http://www.ccru.net/swarm1/1_pomo.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

FISHER, Mark. **Postcapitalist Desire: The Final Lectures**. Londres: Repeater, 2020.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Mark. **Recording Ghosts** (2003). Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/000818.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

FISHER, Mark. **Terminator vs Avatar**. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.). *#Accelerate#*: the accelerationist reader. Falmouth: Urbanomic, 2014.

FISHER, Mark. **The Hauteur-Couture of Goth** (2005). Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/005622.html>. Acesso em: 30 out. 2025.

FISHER, Mark. **The Weird and the Eerie**. Londres: Repeater Books, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1974.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas, v. 18).

GALVÃO, Antônio. **Do realismo capitalista ao comunismo ácido: o legado de Mark Fisher**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

GALVÃO, Antônio. **Mark Fisher: filosofia e direito**. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia do Direito e Teoria Geral do Direito) — Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-28092022-113712/publico/11051912MIC.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

GONÇALVES, Rodrigo Santaella; MARQUES, Victor Ximenes. **Por uma política orientada ao futuro: a provocação filosófica e estratégica do “aceleracionismo de esquerda”**. *Das Questões*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2021. DOI: 10.26512/dasquestoes.v12i1.34941. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/34941>. Acesso em: 5 nov. 2025.

HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal: Thatcherism and the Crisis of the Left**. London; New York: Verso, 1988.

HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. *In*: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato A. de Oliveira (orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 13–60. Tradução de José Antônio Vasconcelos.

HAMMOND, Simon. **K-Punk ampliado**. Intexto, Porto Alegre, n. 52, p. 108170, 2021. DOI: 10.19132/1807-8583202152.108170. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/108170>. Acesso em: 2 fev. 2026.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOLUB, Robert C. **Reception Theory: A Critical Introduction**. London; New York: Methuen, 1984.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura como provocação: (história da literatura como provocação literária)**. Tradução e prefácio: Teresa Cruz. [Lisboa]: Vega, 1993.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

JAUSS, Hans Robert. **Toward an Aesthetic of Reception**. New Castle: University of Minnesota Press, 1982.

JAMESON, F. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo n° 12, pp. 16-26, jun. 85.

JONES, Adam C. **Foreword: a gothic introduction to temporal warfare**. *In*: FISHER, Mark. *Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction*. Londres: Zero Books, 2025.

KRONIC, Maya B. **Nick Land: An Experiment in Inhumanism**. readthis.wtf. 2012. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em: 19 jan. 2024

KRONIC, Maya B. **Towards a Transcendental Deduction of Jungle**. Entrevistador: Christopher Haworth. 2019. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/towards-a-transcendental-deduction-of-jungle-interview-part-1/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

LACAPRA, Dominick. **Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language**. 5. impr. Ithaca; London: Cornell University Press, 1994.

LAND, Nick. **A Quick-and-Dirty Introduction to Accelerationism**. [S.l.], 2017. Disponível em:

<https://ia800800.us.archive.org/29/items/nick_land_writings/LAND%2C%20Nick%20-%20A%20Quick%20and%20Dirty%20Introduction%20to%20Accelerationism.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LAND, Nick. **Fanged Noumena: collected writings 1987-2007**. Organização de Robin Mackay e Ray Brassier. 3º ed. Falmouth: Urbanomic; New York: Sequence Press, 2013.

LEITE, Carlos Cassiano Gomes. **Considerações sobre certa presença spinozista na contemporaneidade**. Humanidades em Revista, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 2022. ISSN 2674-6468.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.). **#Accelerate#**: the accelerationist reader. Falmouth: Urbanomic, 2014.

MACKAY, Robin. **Nick Land – An Experiment in Inhumanism**. Umëlec Magazine, n. 1, 2012. Publicado em: 27 fev. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20191110134737/http://divus.cc/london/en/article/nick-land-ein-experiment-im-inhumanismus?printLayout=true>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades**. Recife: Ruptura, 2022.

MAN, Paul de. Introduction. *In*: JAUSS, Hans Robert. **Toward an Aesthetic of Reception**. New Castle: University of Minnesota Press, 1982.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, H. **Some Social Implications of Modern Technology**. Social Studies in Philosophy and Social Science, Nova York, v. IX, n. 3, 1941.

MARX, K. **Grundrisse – manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARQUES, Victor Ximenes. **Um estudo em práticas hipersticionais: alças estranhas, guerras temporais e teoria-ficção**. Linguagem em Pauta, [Sobral], v. 3, n. 1, p. 11-28, 2023. Disponível em: <https://linguagempauta.uvanet.br/index.php/lep/article/view/86>. Acesso em: 7 fev. 2026.

MARQUES, Victor; GONSALVES, Rodrigo. **Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo**. *In*: FISHER, Mark. Realismo

capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: New American Library, 1964.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOYS, Benjamin. **The Persistence of the Negative: A Critique of Contemporary Continental Theory**. Edimburgo: Edinburgh Scholarship Online, 2012.

NOYS, Benjamin; MORAES, Romulo. **Abuso acelerado de substâncias**. Das Questões, [S. l.], v. 15, n. 1, 2022. DOI: 10.26512/dasquestoes.v15i1.44117. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/44117>. Acesso em: 3 fev. 2026.

PLANT, Sadie; LAND, Nick. **Cyberpositive**. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.). **#Accelerate#**: the accelerationist reader. Falmouth: Urbanomic, 2014. p. 303-313.

REYNOLDS, Simon. **Renegade Academia: The Cybernetic Culture Research Unit**. Energy Flash, 3 nov. 2009. Disponível em: <https://energyflashbysimonreynolds.blogspot.com/2009/11/renegade-academia-cybernetic-culture.html>. Acesso em: 5 nov. 2025.

REYNOLDS, Simon. **Renegade Academia: The Cybernetic Culture Research Unit**. Energy Flash, [1999] 22 abr. 2014. Disponível em: <https://energyflashbysimonreynolds.blogspot.com/2009/11/renegade-academia-cybernetic-culture.html>. Acesso em: 5 nov. 2025.

REYNOLDS, Simon. **D-Generation - or, the dawn of K-Punk**. ReynoldsRetro, 19 nov. 2018. Disponível em: <http://reynoldsretro.blogspot.com/2018/11/d-generation-or-dawn-of-k-punk.html>. Acesso em: 2 fev. 2026.

RODRIGUES, Lucas Ferreira. **Enquanto não nascer o “AMANHÃ”**: a estreia de José Guilherme Merquior (1959-1961). 2025. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/98b92543-2544-423f-8531-79a6470c88e5/full>. Acesso em: 4 nov. 2025.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.

SILVEIRA, Fabrício. **O exterminador do futuro**: mídia, horror e política em Nick Land. Porto Alegre: Editora Zouk, 2025.

WATTSON, Mike. **The Memeing of Mark Fisher**: How the Frankfurt School Foresaw Capitalist Realism and What To Do About It. Winchester: Zero Books, 2022.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2006.